

REVISTA DA SEMANA

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

Nº 24



Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

11-6-49



MINHA JANGADA DE BAMBU

Um romance de amor, de renúncia, de paixão através da história divertida de uma criança.

Folclore do nordeste, com o carnaval e o seu entrudo dos começos do século, os pastores, as "sentinelas" aos mortos.

O DUÉLO ENTRE UM MAÇON E O CLERO LOCAL, A PLUTOCRACIA DOS PODEROSOS, AS INGENUIDADES DOS HUMILDES.



MINHA JANGADA DE BAMBU DE RENATO DE ALENCAR

É UM LIVRO QUE DEVE SER LIDO POR TODOS

**A VENDA EM TODAS AS
LIVRARIAS DO RIO E DOS
ESTADOS**

**PREÇO:
CR. \$
25,00!**

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A'

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 • LAPA • RIO DE JANEIRO

AS ESCRAVAS DO MAR

A noite chegava mais cedo naquele dia. Lá longe, onde o mar se confundia com o céu, uma cortina densa e escura de nuvens vinha subindo. Marta, recostada ao portal do casebre, com o olhar parado no horizonte, sentia, também, o coração se fechando numa angústia silenciosa.

E' que o seu querido João se tinha lançado ao mar, depois do almoço, na sua pequena jangada. Felizmente não tinha ido sozinho. Pedro fora com ele. O mar não estava mais bravo que de costume, porém um vento diferente soprava, como um sério prenúncio de tempestade.

Marta procurava distrair o espírito apreensivo. Entrou cantarolando. Chegou até a cozinha, onde a sua panela de barro fumegava nas trempes de pedras. Atiçou o fogo. Foi até o quarto na intenção de apanhar a almofada de bilros. Só então notou que estava escuro de mais para fazer rendas.

Chegou novamente à porta de entrada. O tempo estava fechado. Cinco horas, mas escurecera completamente. Rajadas de vento frio vinham mais fortes do lado do mar.

Foi indo instintivamente até a praia. Podia ser que eles estivessem à vista. Quem sabe se não tinham sido felizes na pescaria e já rumavam de volta!...

Os seus olhos, acostumados àquelas indagações, cansaram-se de procurar inutilmente. Nem uma promessa longínqua de vela! Nada que denunciase a presença da "Boa-Sorte".

Nem devia ter medo assim. Filha de pescador, nascera e se criara vendo espetáculos semelhantes. Já devia estar acostumada. Lembrava-se, mesmo, que em menina achava bonito o vento zunindo, açoitando o mar furioso, apesar de o pai andar lá longe, talvez em perigo, e da mãe rezar aflita.

Agora, que estava casada e em plena lua de mel, é que compreendia por que a sua mãe sofria quando o marido andava navegando num tempo daqueles. O mar começava a subir com violência. Ondas sobre ondas, espumosas e rugidoras, ganhavam as dunas de areia solta.

Marta, fustigada pelo vento, sentia frio. Um frio esquisito ampliado pelo medo que agoniava o coração e sacudia o corpo.

Viu-se sozinha dentro da noite quase fechada.

Precisava de alguém que a amparasse com uma palavra de fé e de esperança, pois se sentia inexplicavelmente apavorada.

Apressadamente retornou a casa, puxou a porta de saída, fechou-a e marchou praia a fora.

Quase correndo chegou à casa de Pedro. Mariquinha, sua esposa, calmamente repartia o jantar das crianças.

Ante a aparição inesperada de Marta, sobressaltou-se. — Virgem Maria, menina, me espantaste!

Marta, que entrara violentamente sem dizer palavra, desabou num choro convulso, deixando-se cair sentada sobre um tamborete.

— Que é isso, Marta, que aconteceu? — exclamou Mariquinha, surpresa, acercando-se da amiga.

Com a voz sufocada pelo pranto, Marta só a custo conseguiu falar:

— Não sei, não! Um pressentimento mau. Nunca fui assim medrosa. Sempre vi sem temor meu pai afrontar tempestade. Mas hoje, desde que o tempo se armou, estou assim apavorada, tremendo... De que? Não sei!... Sei não!

— Ora, que bobagem, minha filha! Estás pensando que o teu marido é marinheiro de primeira viagem? Ele e o meu Pedro têm afrontado é tempo de verdade, não é essa besteirinha. O que tu tens, bichinha, é manha de casadinha de novo!

★

Fora o vento rugia e assobiava alucinadamente, fustigando a palha do teto da casinha de taipa.

Os três filhinhos de Pedro, sentados na esteira de carnaúba, acabavam a parca refeição trocando as colheres pelas mãozinhas sujas.

Sentada ao pé de Marta, agora mais calma, Mariquinha cachimbava tranquilamente.

Conformada com a sua situação de mulher de jangadeiro, confiante no destino e indiferente aos perigos de todo dia, ela continuava a doutrinar a amiga:

— E' como lhe estou dizendo, meu bem, nós somos as escravas do mar. Quando ele se zanga, revoltarmo-nos é bobagem, gemer e chorar não adiantam. E' melhor ficar firme e botar tudo p'ra Deus. Confiando em Deus a gente não se arrepende. Ele vela por nós!

E nesse tom Mariquinha narrou fatos extraordinários, façanhas temerárias que seu marido já praticara na vida do mar, em lutas sucessivas com tempestades e com peixes ferozes e dos quais sempre saíra vitorioso, graças a Deus.

Marta, distraída, nem percebia que o vento aplacara a sua fúria e o rugido escachoeiro do mar aparecia mais nítido e menos terrorista.

Eram quase oito horas quando ela se levantou aparentemente sossegada.

Abriu a porta. O vento soprava quase normalmente. O céu continuava empastado e a noite escura.

Marta convidou a amiga a ir até a praia. Podia ser que descobrissem alguma coisa.

Mariquinha protestou:

— Vai-te aquietar! Toma este pano, bota na cabeça e vai para casa. Se teu marido não chegar hoje chegará amanhã ou depois. Vai comer que teu mal é fome!

★

Marta passou a noite inteira acordada. Não tinha jantado e por isso o estômago lhe doía. O ouvido sempre atento a qualquer ruído... E o marido não chegava!...

Lá pela madrugada levantou-se. Acendeu o fogo e fez um cafezinho. A cabeça ardia-lhe. Sentia o corpo moído como se tivesse apanhado.

Paulatinamente foi engolindo o café. Queria dar tempo ao tempo. Ansiava pelo amanhecer. E a noite parecia não querer mais acabar.

Súbito ouviu uma pancada na porta. Estremeceu como se recebesse um choque elétrico. Correu a abri-la. Mas... Estacou. E se fosse uma notícia má? Se não fosse o marido? Se fosse algum aviso de desastre?

Hesitou. E só a custo, num violento esforço, gritou:

— Quem é?

— Ó xente! Quem houvera de ser?! — exclamaram de fora.

Marta correu. Era ele, sim, era o seu João. Virou a tramela da porta, abriu-a e caiu nos braços do esposo.

Ele empurrou-a bruscamente, segurando-a com as mãos fortes.

— Você se molha, mulher! Não está vendo que estou encharcado!

Sumário:

SEÇÕES PERMANENTES

As escravas do mar (Martins d'Alvarez)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
Correio da REVISTA	49

REPORTAGENS

O casamento de Rita Hayworth	4/ 6
A catástrofe de Maceió	32/39
Fidelidade e firmeza de amor (Milton Pedrosa)	55/58

CARICATURA

Sete dias em revista (Théo)	7
Bom humor	11
O mundo manca e a mula murcha	54

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária (E. Catete Reis)	14

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
-----------------------------------	-------

RADIO

Broadcast (A. Migueis)	15
------------------------	----

CINEMA

Cine-Revista	16/17
--------------	-------

BIOGRAFIA

A vida de Steinmetz	18
---------------------	----

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
Noites de junho	20
Detalhes e novidades	23
O amor é assim	23
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	24
Férias no campo	24
Mães	26
Chapéus modernos	26
Lingerie	27
Os problemas da mulher (M. Mercedes Santos)	27
Modelos de Hollywood	28
Blusas	29
Week-end na cozinha	29
Em lá	40
Tailleurs	42

CONTOS

O mudinho (Edie Augusto da Silva)	22
Quando desce o pano (Osvaldo Sérgio de Alencar)	31

MÚSICA (Roberto Lyra Filho)

TEATRO (José Fomm)	44
ARTES PLÁSTICAS (Angelus Ravel)	45
TURISMO	47

BILETES DO MEIO DO MUNDO

AVIAÇÃO	48
---------	----

PELAS ESTRADAS DO CÉU (André Max)

NOVELA	50
--------	----

MINHA CONFISSÃO (Suzane Biltrand)

FOLHETIM	52
----------	----

SCARLETT

ILUSTRADORES	53
--------------	----

OSVALDO DA CUNHA

ANA ZAGORSKA	
ORLANDO MATOS	

REVISTA DA SEMANA



NÓSSA CAPA

Marguerite Chapman, a estonteante "estrela" morena da Columbia, foi a escolhida para a nossa capa de hoje. Marguerite nos tem dado excelentes trabalhos ao lado de grandes nomes da tela, e acaba de filmar para a Columbia "De capa e espada", ao lado de Larry Parks.

(Foto Columbia)



A esquerda: Rita Hayworth ao chegar, na manhã de 27 de maio ao edifício da Municipalidade é cumprimentada pelo Prefeito Paul Derigon. À direita: Sob os símbolos augustos da grande Nação Francêsa, Rita e o Príncipe indiano se unem numa cerimônia presidida pelo Prefeito M. Derigon

O CASAMENTO DE RITA HAYWORTH

A pequenina e modesta cidadezinha de Vallauris na Riviera francesa, viveu a 27 de maio último um dos seus mais agitados dias. Casava-se no edifício da Municipalidade a famosa "estrela" de Hollywood, Rita Hayworth, a inesquecível "Gilda", com o multi-milionário indiano, Príncipe Ali Khan.

E' curioso notar esta circunstância: realizou o ato solene do civil, o Prefeito Paul Derigon, membro destacado do Partido Comunista Francês, a quem coube unir um casal super aristocrático: um Príncipe latifundiário e uma "estrela" de solidos recursos financeiros transformada hoje em Princesa. Paul Derigon não deferiu o pedido do Príncipe para casar-se em seu luxuoso castelo de "L'Horizon", e, lembrando-lhe a tradição da cidade em atos dessa natureza, convidou centenas de camponeses e trabalhadores para assistirem ao sensacional enlace. Ali Khan, que não é muito dado a tais manifestações e inimigo de fotografos e repórteres, já tendo mesmo repellido a sôcos aqueles que procuram transgredir as suas ordens ou contrariar seu gênio, teve que submeter-se à su-

gestão do "Mayor" de Vallauris, do contrário não desposaria a ex-espôsa de Orson Welles.

Apesar de tratar-se de um potentado das Índias, o ato não se revestiu de nada de extraordinário próprio das Mil e Uma Noites. Entretanto, causou comentários o espantoso anel com que o Príncipe Ali presenteu a "Gilda". Era uma jóia com o brilhante enorme, maior do que uma ameixa das graúdas e de valor elevado que segundo os peritos, seu custo não podia ser calculado em quilates. E não faltou um espirituoso, quando exclamou vendo aquele "sol" na mão de uma "estrela": Rita deve ter cuidado ao tirá-lo para não quebrar o dedo...

Talvez durante toda a sua futura existência, não tenha a pequenina cidade da Riviera outros motivos de tanta sensação e reboço público... Não é comum que uma "estrela" desça do seu firmamento para unir-se a um Príncipe Indiano em Vallauris...



O Príncipe encantado que surgiu na vida de Rita lê primeiro os termos do casamento, antes de assinar o seu novo compromisso de esposo



Agora coube a ela apor sua assinatura no Livro de Casamentos, mas o fez sem maiores preâmbulos confiante nos termos do registro



Rita e o seu esposo, o Príncipe Ali Khan, accedem para uma "pose" especial após o enlace matrimonial na pequenina cidade da Riviera

agustos

H

de Orson

de extra-
espantoso
e enorme,
s peritos,
o, quando
ao tirá-lo

da Riviera
uma "es-
ris...

cedem para
monial na



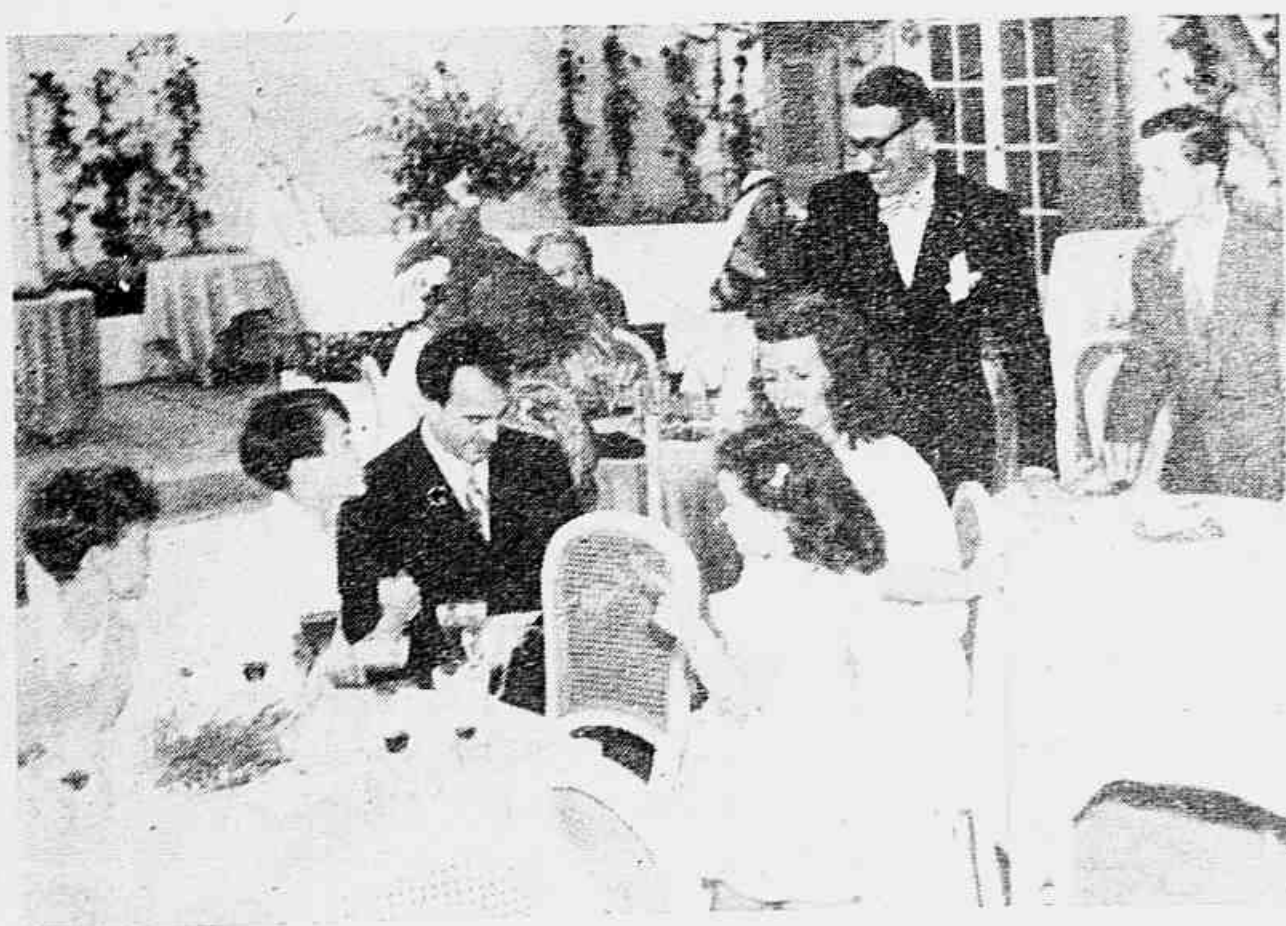
Rita Hayworth empunha uma es-
pada reluzente e parte o bolo de
nçiva, ao lado do seu Príncipe
encantado que veio das Índias
misteriosas atraído pela luz da
"estrêla"



A esquerda: O Príncipe Ali Khan e sua noiva Rita Hayworth em companhia de alguns de seus convidados indianos, logo após o casamento em Vallauris. A direita: O feliz casal ao deixar a Municipalidade de Vallauris é seguido por uma multidão em alarido e recebe palmas durante o trajeto

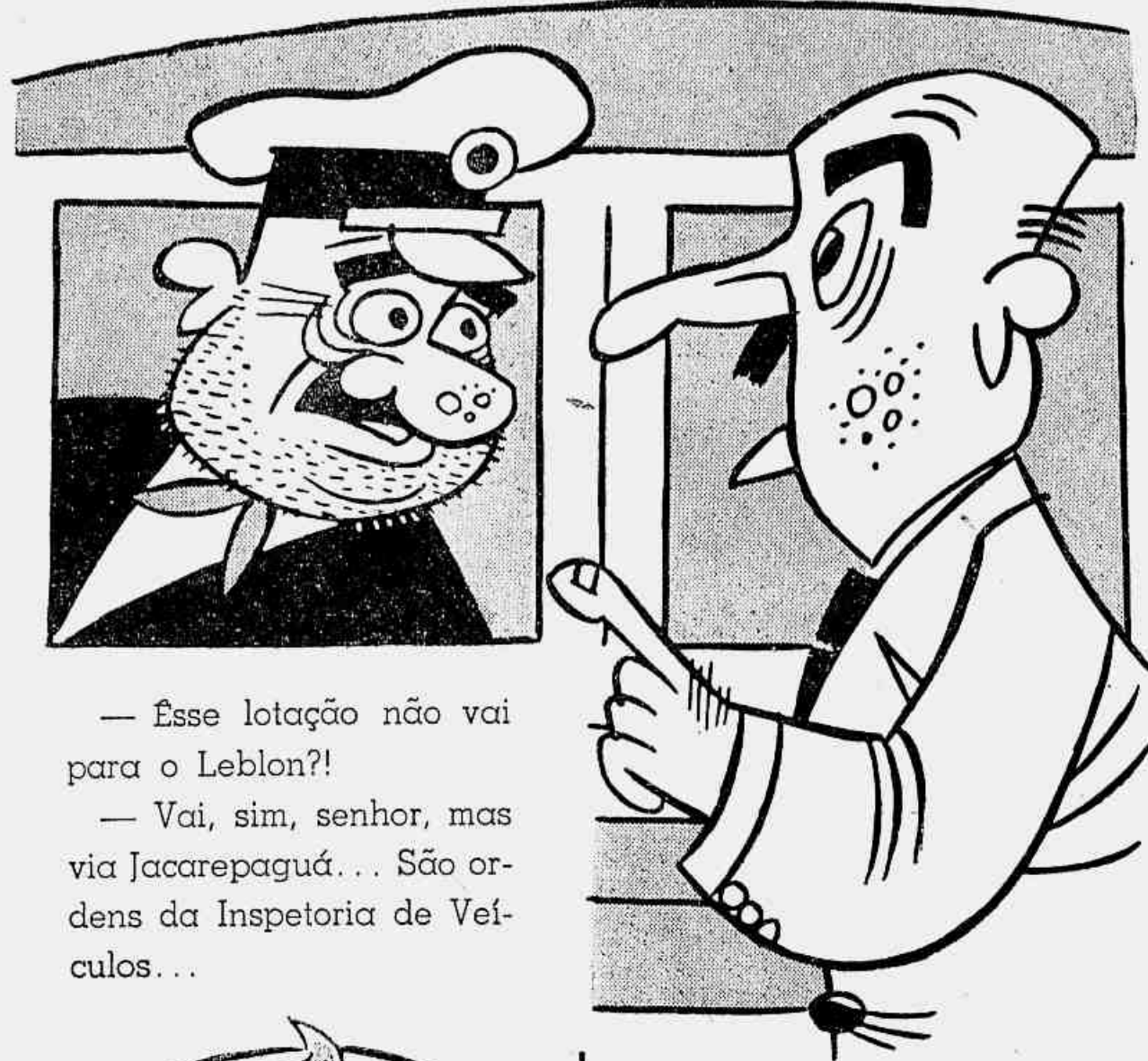


Parentes e amigos de Ali receberam a nova Princesa com muita alegria. Aqui está Agha Khan e seu filho mais novo



A esquerda: Cena familiar entre o novo par. Ele com os seus dois filhos do casamento desfeito e ela com sua filha Rebecca, fruto de desquite. A direita: As margens do Mediterrâneo, uma princesa Indiana faz carícias a Rebecca, linda filha de Rita, enquanto um dos filhos de Ali, olha a nova irmãzinha

SETE DIAS em REVISTA



— Esse loteação não vai para o Leblon?!

— Vai, sim, senhor, mas via Jacarepaguá... São ordens da Inspetoria de Veículos...



— Os ingleses levaram 200 mil cruzeiros por cada jôgo!

— O Arsenal voltou bem municiado!...



Dutra — Mas será possível que esse plano SALTE não ande?!



— Os jogadores do Flamengo mostraram ao Arsenal que têm pé...

— Que têm pé e têm Kanela...



— O Nereu deve sentir-se feliz por ter realizado o seu sonho! Foi à Presidência da República!

— Não creio. Ele continua de cara feia...



O delegado — Mas, afinal, você estava recebendo gratificação pela vitória ou recebendo dinheiro do bicho?!...

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Perdura os desentendimentos entre russos e ocidentais. Os três chanceleres da Inglaterra, França e Estados Unidos rejeitaram a proposta de Vishinsky para que a Conferência dos Quatro Grandes ouvissem os representantes do Congresso do Povo Alemão sobre os problemas da Alemanha. As sessões do Conselho dos Chanceleres do oeste e o do leste se têm caracterizado por ataques e contra-ataques. O general Lucius Clay, de 52 anos de idade, ex-governador norte-americano na Alemanha, retirou-se do Exército em cerimônia realizada em Fort Myer, Virginia. Em meio a cuidados especiais, chegou a Praga o fugitivo comunista Gerhard Eisler, voando sem escalas de Londres à capital tchecoslovaca. Está sendo concluído na Universidade da Califórnia um "cérebro eletrônico" com faculdades para traduzir idiomas. Uma firma fabricante de automóveis na Inglaterra anuncia que está vendendo veículos para o Brasil em média de quatro carros por dia, e que as vendas se elevaram nos oito últimos meses a dois milhões de dólares. O Yuan Legislativo chinês recusou por um voto a confirmação da escolha de Chu-Cheng para o cargo de primeiro ministro da China Nacionalista. Xangai começa a experimentar os primeiros efeitos da ocupação comunista, não havendo nenhum sinal de piora em todas as suas atividades, sendo notada certa melhora em alguns aspectos, segundo informes do correspondente da United Press. Faleceu D. Fernando de Los Rios, preeminente figura das letras hispânicas atualmente residindo em Nova York. Guerrilheiros gregos desfecharam ataques de grande envergadura ao norte de Konitzã. O arcebispo católico de Praga ameaçou com excomunhão automática todos os sacerdotes que colaborarem para a "Gazeta do Clero Católico" controlada pelo governo comunista da Tchecoslováquia. O Brasil dirigiu um apelo à Comissão Econômica do ONU no sentido de que lhe seja concedido o auxílio necessário ao financiamento do grande programa de desenvolvimento do país. Pelo acordo italo-brasileiro de imigração, ficará estabelecido o descongelamento das propriedades italianas e a vinda de 15 mil italianos para a zona da futura capital brasileira em Goiás. Estalam novas greves em distritos mineiros bolivianos, travando-se combates entre tropas do governo e grevistas das minas de Huanuni. E' decretado estado de sítio em toda a Bolívia. Está sequestrado pelos grevistas bolivianos o superintendente de uma das minas, que é norte-americano. Foram assassinados pelos grevistas bolivianos os engenheiros norte-americanos O'Connor e Greffing. Voltam a circular rumores de que na Conferência dos Quatro Grandes, ora reunida em Paris, Stalin virá encontrar-se com Truman, Attlee e Queuille. Na Câmara Municipal do Rio de Janeiro é negado auxílio aos flagelados de Alagoas. Continuam os políticos interessados no preenchimento da vaga deixada pela cassação do mandato do sr. Barreto Pinto, tendo recusado assumir o posto o suplente respectivo. Estão em entendimentos os representantes da classe cafeeira e o governo paulista. Regressaram dos Estados Unidos os jornalistas brasileiros que foram àquele país na comitiva presidencial. Até agora não compareceu à Câmara dos Deputados o ministro da Fazenda. E' aprovado o projeto que define os crimes de responsabilidade, incluindo-se nele o prefeito do Distrito Federal. Os seguradores do navio "Magdalena", sinistrado à entrada do porto do Rio de Janeiro, abandonaram a idéia de fazer flutuar a proa do mesmo barco. Diante dos fatos do município de Caxias, no Estado do Rio, demitiu-se o secretário de Segurança Pública daquele Estado. Foi assinado com firma idônea do Rio de Janeiro um contrato com o governo da Bahia para realizações de vários melhoramentos naquele Estado. Sobem de maneira alarmante os preços de gêneros em geral nas feiras-livres e nos mercadinhos. Segundo resolução da Polícia do Distrito Federal, só é passível de prisão e processo os jogadores de "pif-paf" quando presos em casas de taboagem e não em casas residenciais. Foi entregue ao ministro da Agricultura o projeto das obras que assegurarão energia hidrelétrica ao centro industrial de Minas com a usina de Fêcho do Funil, próxima a Belo Horizonte. Um técnico do Piauí se propõe vir ao Rio realizar uma experiência para o aproveitamento da água como combustível desde que lhe sejam oferecidos os necessários recursos. Continua a impresionar o espírito público o indulto concedido pelo sr. Nereu Ramos à teuto-brasileira Margarida Hirschman, que irradiava na Itália o programa "Salada Mista" contra as forças expedicionárias de nossa Pátria, e que fôra condenada pelo Tribunal Militar a vinte anos de prisão. O clero brasileiro, chefiado pelo cardeal D. Jaime Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, lançou as bases de uma campanha de moralização de nossos costumes e condenou a literatura licenciosa. Chega ao Rio a delegação do clube de futebol austríaco Rapid. Os jogadores de futebol do Arsenal, de Londres, se despediram dos gramados do Brasil com a derrota de um a zero imposta pelo São Paulo F. C. Estão fugindo em massa para a Ilha Formosa todos os elementos do governo de Cantão, última sede da administração nacionalista de Chiang-Kai-Chek. Internaram-se em território argentino vários líderes revolucionários da Bolívia, sendo desarmados. A parte da pópa do transatlântico "Magdalena" encalhada próxima à Fortaleza de Imbuí, costas de Niterói, foi vendida a uma firma brasileira pelos seguradores por cerca de 3 milhões e oitocentos mil cruzeiros. Revela-se que o sr. José Caetano da Mata, chanceler português, tenciona visitar o Brasil mui brevemente. Uma série de explosões de dinamite estremeceu os arredores do Palácio Pedralbas, em Barcelona, onde se encontra hospedado o generalíssimo Franco, ora em visita à mesma cidade. Embora ainda continuem anuviados os horizontes entre os Quatro Grandes da Conferência de Paris, parece que tudo se encaminha para final entendimento em virtude de ter Acheson convidado para almoçar em sua companhia o representante russo, sr. Vishinsky, tendo este aceito. Dizem que os grevistas berlineses chegaram a um acordo com a administração soviética, voltando a trafegar os trens entre as zonas atingidas pela parede. Assume caráter sério a desinteligência entre o governo da Tchecoslováquia e o clero católico, que não quer submeter-se às normas do regime comunista daquele país. O governador Silvestre Pércles publicou uma nota tranquilizando os alagoanos que residem fora do seu Estado em relação aos lutosos acontecimentos das enchentes e desmoronamentos de maio último. Foi aprovado pela Câmara Municipal do Distrito Federal o auxílio de um milhão de cruzeiros para as vítimas de Alagoas. Faleceu nesta capital o general Isidoro Dias Lopes.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando peso e dor de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado. Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

CONTOS PARA A "REVISTA" "REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

A RESPONSÁVEL
por petiscos saborosos
e saudáveis /

• Sopas, pudins
e demais pratos
ficam saborosos e
nutritivos si prepa-
rados com "Maizena
Duryea" — alimento
ideal para todas as
idades.

AMIGO DE MILHO
MAIZENA DURYEA
MARCAS REGISTRADAS

A "MAIZENA DURYEA" 51- 3 7
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____



LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

VULTOS CÉLEBRES

★
Biografias por
CHIQUELHA NEVES LOBO

★
São Paulo
1949

É este o segundo volume da série "Vultos célebres". Outras séries já apareceram: "Glórias brasileiras", "Vida dos grandes músicos", "Poetas da minha terra"; e outras vão aparecer: "Músicos brasileiros", "Mestres da pintura". A sra. Chiquinha Neves Lobo, trabalhadora de raro vigor e raro entusiasmo, começou por se dedicar à literatura didática; e o seu livro de estreia, aprovado pela Diretoria do Ensino, vai já na terceira edição. Mas o gênero biográfico definitivamente a chamou e cativou. Logo se viu que, nesse campo de pesquisa, a escritora em verdade se sentia, não apenas a seu gosto, mas no seu verdadeiro elemento. Louvar a vida e a obra alheias proporciona-lhe um prazer sempre renovado. E esta excepcional ventura a vida lhe oferece: fazer o que deseja e como o deseja fazer.

Como nas obras precedentes, não cuidou a sra. Neves Lobo de dar às suas biografias qualquer disposição metódica ou regular. Não observou a regra cronológica, nem estabeleceu a separação por classes ou situações, nem mesmo obedeceu à ordem alfabética. Certamente considerou que qualquer dessas especializações lhe custaria trabalho e tempo de outro modo mais proveitosamente utilizáveis. Em vez de proceder a divisões e classificações, mais vantagem tiraria da simples exposição informativa que tanto apraz à sua tendência praticamente laboriosa. Assim a vemos, na composição da sua galeria de celebridades, passar de um estadista brasileiro a um romancista francês; de um guerreiro a um tribuno; de um filósofo a uma poetisa; de um inventor a uma santa. E o estilo é o mesmo, desenvolt e fácil, um pouco descuidado às vezes, sempre simpático.

Contém o presente volume trinta e dois trabalhos biográficos, a saber:

Prudente de Moraes, Anatole France, Joaquim Nabuco, Emile Zola, General Osório, Balzac, Regente Feijó, Maria Walewska, Luis Barreto, Bernardelli, Campos Sales, Alfred Musset, Luis Gama, Schopenhauer, Tiradentes, George Sand, José do Patrocínio, Joana d'Arc, Marília de Dirceu, Bárbara Heliodora, Rosa Maria Paulina da Fonseca, Ana Neri, Anita Garibaldi, Joana Angélica, Maria Quitéria, Maria de Souza, Francisca Sande, Nisia Floresta Augusta Brasileira, Rosa Maria de Siqueira, Delfina Benigna da Cunha, Eunice Weaver e Guttenberg.

RECOMPENSA

★
Versos de
JUDAS ISGOROGOTA

★
Edição Saraiva
São Paulo
1949

Não nos incluiremos no número dos que censuram este fino, leve, amorável poeta pelo pseudônimo que houve por bem escolher. Foi uma fantasia bastante lúgubre, convenhamos... E talvez ninguém ainda se houvesse lembrado de adotar de empréstimo o batismo do Traidor. De mais a mais, aqui se trata, em geral, de versos limpidos, revestidos de ternura, e, mesmo quando tristonhos, doces de ouvir e de sentir. Nada, seja na sua plástica seja na sua música, traz à idéia a alma torva ou a carantonha contorcida, convulsa do Enforcado. Soam claro, cantam afinado e, ainda quando melancólicos, pode parecer que sorriem. A que vem, pois, o prenho do Réprobo, com a sua quinta vogal surda e funérea que a tradição veio tornando cada vez mais negra e mais profunda? Estes poemas têm cada idéia mais paradoxal, mais em desacordo consigo mesmos!

E daí... Quem sabe? Talvez a do artista de "Recompensa", em vez de capricho ou excentricidade, envolvesse uma intenção generosa: reabilitar o nome pela imaginação — como já outro Judas o elevava pela santidade — dando-lhe uma beleza nova. Torná-lo sugestivo, cativante no melhor sentido, dar-lhe graça e nobreza, a ponto de o transformar no sentido e na aplicação, e até de o fazer esquecer o "outro"... Com alguns nomes, muitos até, semelhante metamorfose se tem operado... natural-

mente. Pouco a pouco se vão modificando, vão passando, com as mesmas sílabas e os mesmos vocábulos, de rudes a delicados, de repulsivos a insinuantes, de toscos e rasteiros a esbeltos, luminosos, sublimes. Dois dos mais fulgurantes espíritos que têm atravessado a literatura do nosso idioma davam, um deles pelo sobrenome funéreo de Eça e outro pelo sobrenome agressivo de Ortigão. Quem há aí que, lendo, quer as páginas de um ou outro quer as que escreveram juntos, as associe, por um momento, um reflexo, uma sombra de analogia, ao luto pomposo e monumental ou à perversidade que raspeja, para se esconder e ferir? Quanto mais pensarmos nisto, mais nos compenetraremos de que Judas Isgorogota pode proporcionar um tratamento airoso, sonoro, perfeitamente adaptável a um poeta.

Perdão, amigos, perdão! Com toda esta parolagem, quase esquecíamos a praxe de citar uma página do livro. Aí vai, sem escolher, a que se intitula "Deslumbramento":

Quando te vi, à vez primeira,
Nem se descreve a sensação...
Meu coração, numa cegueira,
Ficou parado uma hora inteira
Pensando em ti, pensando em vão...

E, qual cigarra sonhadora,
Desde o momento em que te vi,
Minha alma vive, sofredora,
Dessa ilusão embaladora
Que vem de mim, que vem de ti...

Quando ao depois nos encontramos
E nos falamos, ao depois,
Havia festa pelos ramos...
Em quanta coisa nós falamos...
Só não falamos de nós dois.

Nem reparámos... Todavia,
Quando reparámos... Todavia,
Na hora violácea desse dia,
Tôdas as coisas, parecia
que só falavam de nós dois...

ANÁLISE LÓGICA AO ALCANCE DE TODOS

★
Série de lições, de **ADAUTO
PONTES e DAURY
DA SILVEIRA**

★
Imprensa Oficial
Recife
1949

Graças a Deus, ainda há quem se ocupe e tenha o gosto de ensinar como deve ser amado e prezado o nosso idioma. As vezes, tem-se a impressão de que esse mister, dos mais nobres, dos mais sagrados, se vai extinguindo à falta de quem o exerça de boa vontade e com acerto. Quando vemos certos profissionais das letras, não apenas abandonar mas ostensivamente desprezar as regras elementares do ofício, chegamos a recear que o desleixo se torne completo e irremediável. Haveria então uma literatura sem aprendizado de espécie alguma, sem mestres nem discípulos, sem rei nem roque, vivendo ao Deus dará — neste caso, mais propriamente se diria fora da graça de Deus. E sucederia, nas idéias como nas formas, porque os dois elementos são inseparáveis, a confusão e a perdição de tudo.

São, evidentemente, minutos de pessimismo, de pesadelo. Provoca-os certa qualidade de leituras que a gente, em alguns casos, é obrigado a fazer, em outros faz, num alvoroço de revolta surda, quase passiva, para ver, como se diz na anedota célebre, até onde vai o desafio do sujeito. Por felicidade da arte e de todos nós que, mais ou menos dignamente a servimos, em todo caso a adoramos e não poderíamos passar sem ela, também os exemplos de um culto sincero e sapiente aparecem para nos reconfortar. São menos numerosos do que razoável ou toleravelmente deveriam ser... Paciência. Vamos acolhendo esses mesmos com honras e louvores, enquanto esperamos a benéfica reviravolta que — refletimos nós, em momentos mais felizes — forçosamente se há de dar.

"Tivemos em mira somente — declaram os autores do presente livro — expor de maneira didática um assunto sobre o qual muito se tem dito e escrito

mas que, em geral, é apresentado de forma a tornar inacessível o seu aprendizado."

Tanto quanto nos é possível apreciar trabalhos de tal natureza, os srs. Adauto Pontes e Daury da Silveira realizaram alguma coisa de probo, estudado, caprichoso e que nos adianta saber. Longe vai o tempo, aí de nós, em que aprendemos de cor e saltado os segredos da gramática, para os podermos recordar de momento e sistematicamente. Não nos atrevemos, portanto, a assegurar, nem tais ousadias tivemos nunca, que o presente trabalho, como também se diz no prefácio, deixe "de ter falhas, de possuir defeitos". Tendemos, porém, a confiar na boa orientação e apuro a que ele obedeceu. E acreditamos que todos os estudiosos bem intencionados nos dêem plenamente razão.

MINHA JANGADA DE BAMBU

★
Romance de
BENATO DE ALENCAR

★
Cia. Editora Americana
Rio de Janeiro
1949

É um romance acen-
tuadamente regional e
dos mais coloridos e sim-
páticos que, nos últimos
tempos, têm aparecido.
Decorre através de ce-
nários que o autor co-
nhece como a própria
história da sua vida. De
toda a sua vida, pois
qualquer destino que ela
tome, os panoramas e o
ambiente o hão de acompanhar, essencial e inalie-
navelmente, para sempre...

Há pensamentos e emoções que, a bem dizer, nasceram conosco. Não vale dizer-se que, com o tempo, se foram tornando mais distantes ou mais difíceis de recordar... Em verdade, vieram dentro de nós, na substância mesma do nosso ser. Por isso mesmo se poderá dizer — e Henry Bataille, em versos magníficos, o assinalou — que não há propriamente passado. O passado anda na nossa companhia. Não passará jamais. E nem vem atrás de nós: caminha à nossa frente. Tanto assim que, às vezes, nos precipitamos para ele e chegamos a tropeçar na cauda interminável e augusta do seu manto. Oh, Passado...

J'ai marché sur la queue immense de ta robe!

"Minha jangada de bambu" é, de certo modo, um livro de memórias. Recordações tiradas da própria pessoa, observações colhidas nas outras... E assim há, nesta história, alguma coisa de autobiografia. O herói é uma criança. Chama-se ou lhe chamam Chiquinho. Começa contando-nos a viagem de uma para outra pequena cidade, jornada sem incidentes, nenhuma feição para outrem imprevista ou difícil de imaginar mas que, na cabecinha daquele protagonista guri, vai de surpresa em surpresa e se reveste de maravilha. Como se desenvolve o primeiro capítulo, decorre o romance inteiro. Chiquinho passa, aos nossos olhos, numa série de episódios que se encadeiam sem esforço nem artifício, através da espontaneidade cativante da narrativa. A ação interessa sobretudo pela ligeireza. Não há lugar para delongas descritivas, assim como os diálogos se não demoram em reflexões ou emoções, quer infantis quer de pessoas grandes. Tudo é leve, tão leve quanto possa ser aquilo que, muitas vezes, só as inteligências infantis apreendem e completam, para nos transmitir. E a linguagem tem a eloquência da verdade flagrante, surpreendida a cada momento e até sem se dar por isso nos colóquios familiares, puramente tradicionais.

A jangada do sr. Renato de Alencar atravessa, com efeito, um oceano de singeleza expressiva, em que se viaja à mercê das próprias águas, aprazivelmente e sem nenhuma pressa de chegar.

RECEBEMOS:

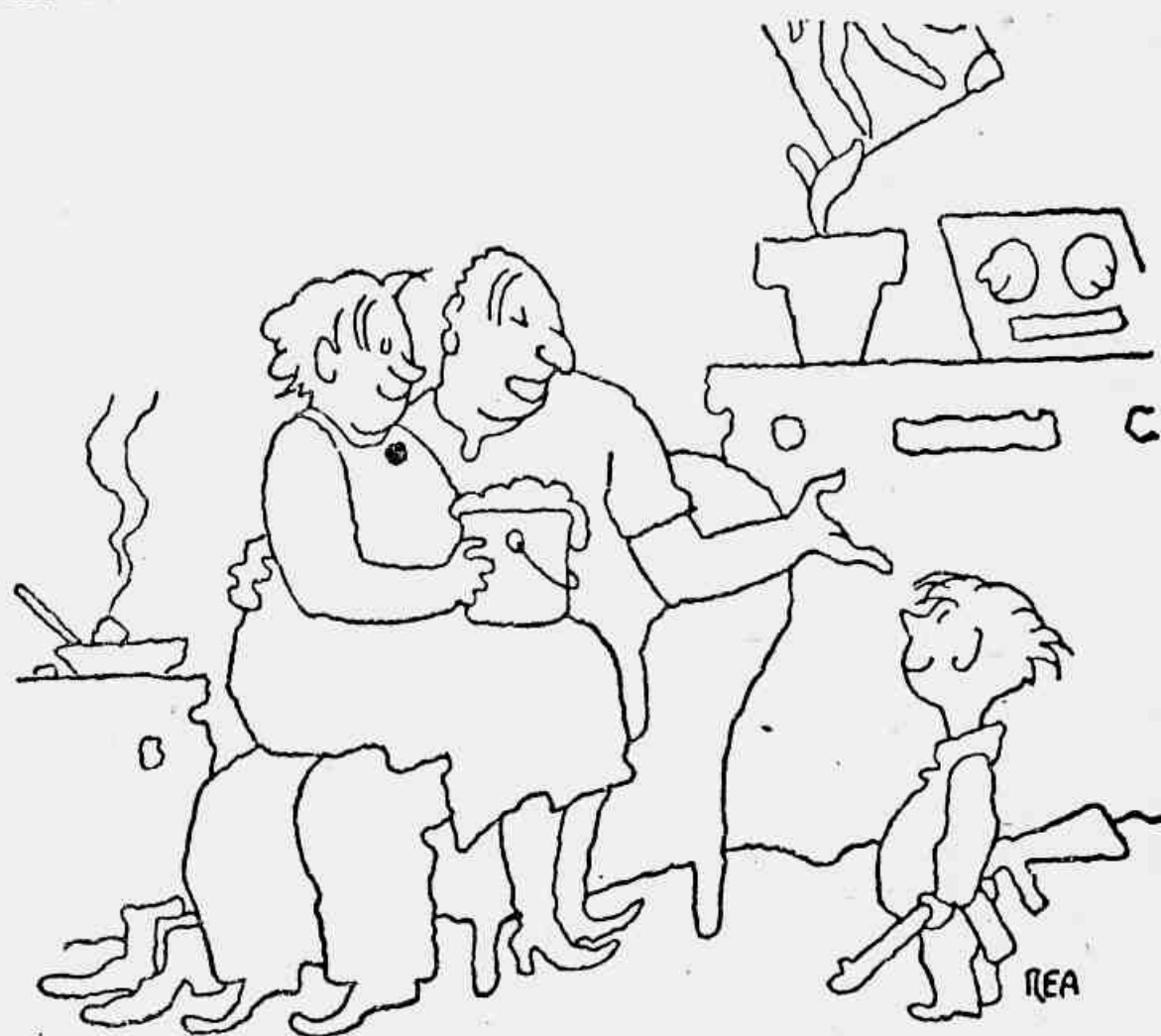
A estrutura geológica do Maranhão e a existência do petróleo, opúsculo de Souza Bispo, da Academia Maranhense de Letras. Editora Aurora, Rio de Janeiro, 1949.

Boletim, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, nº 250, ano XXVIII, relativo aos meses de março e abril do corrente ano e o qual, além da habitual matéria de redação e de vários trabalhos assinados, contém, na íntegra, a peça de Gastão Tojeiro "O filho do rei do prego".

BOM HUMOR



— Algo me diz que v. está blefando, Juca.



— Então, de repente, ouvi uma voz de mulher: "Pára! É a polícia!"; E foi assim, meu filho, que conheci tua mãe...

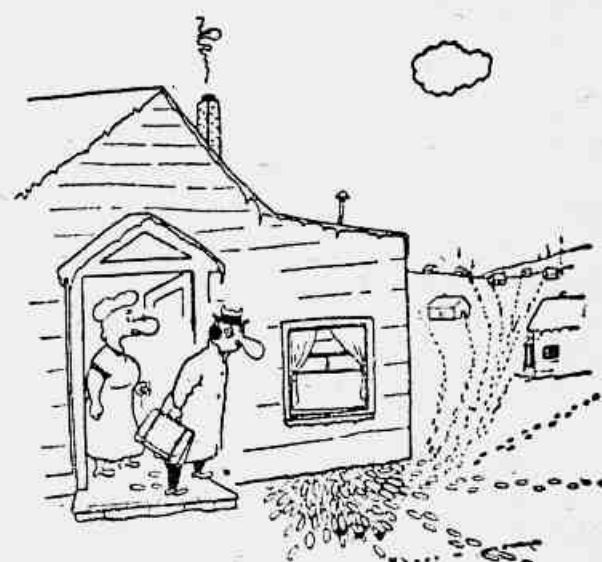


NA CABEÇA — Era uma vez um pregador popular que nunca se julgou exatamente um intelectual: achava os homens mais interessantes do que os livros e sabia que seu dom oratório era o que reunia centenas de ouvintes para seus discursos.

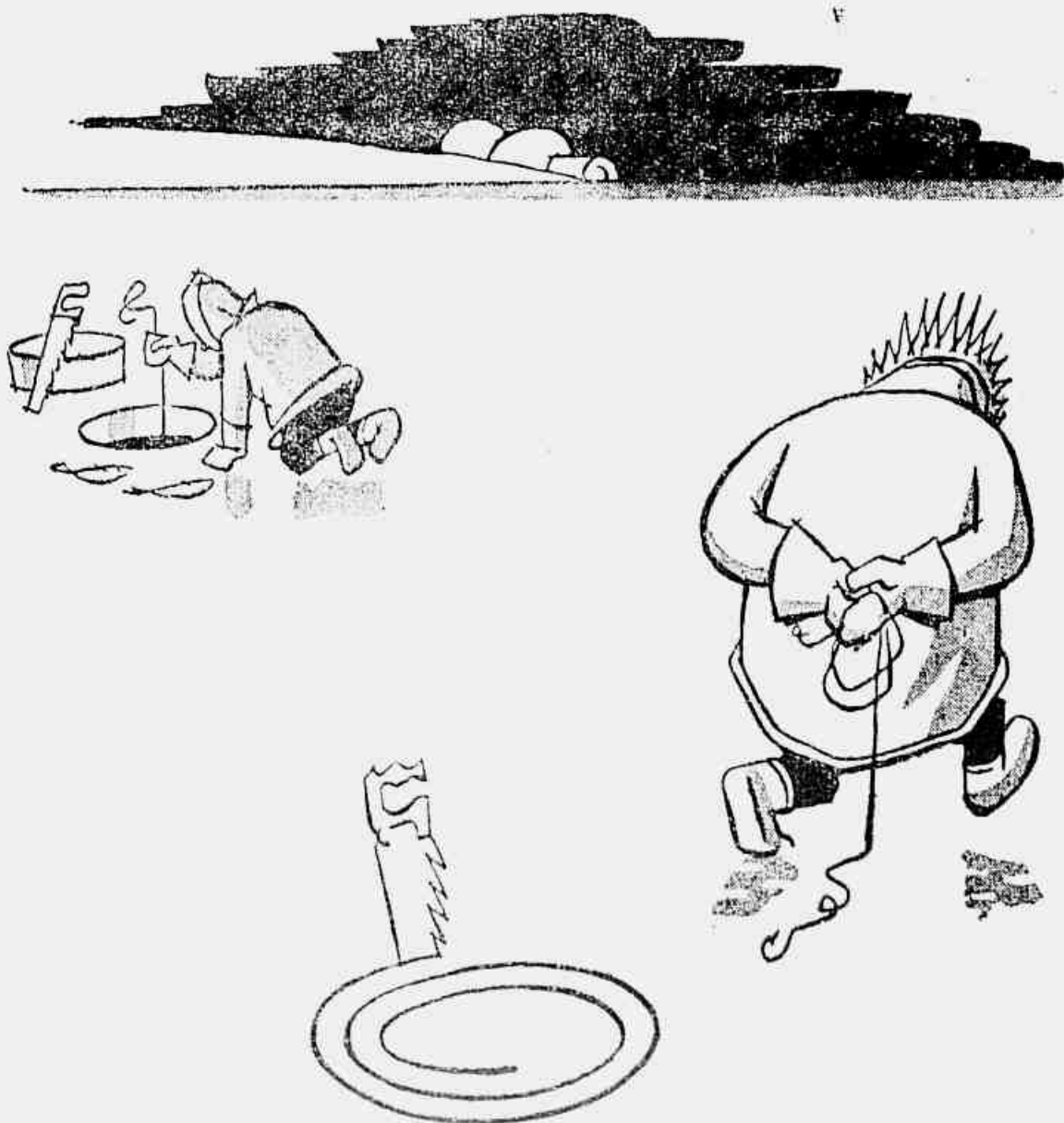
Um dia ele estava numa cidade quando encontrou um dos principais da terra que havia obtido o diploma de Doutor em Filosofia e Retórica. Este, dirigindo-se ao pregador, observou presunçosamente:

— Meu caro sr., o povo deve se preocupar muito porque o sr. não é diplomado!

— Doutor — replicou o pregador — prefiro mil vezes que fiquem investigando porque não sou diplomado. Pior seria se eu o fôsse e me perguntassem porque o era.



— Querido, a certina estava arriada quando brigávamos ontem à noite?



CAMISAS



— Este novo modelo de camisa permite que o sr. ponha as pontas do colarinho dentro das calças nos dias frios.

Seeds QUEIMADOS

CAPITULO XXII

Entre aqueles seus amigos ninguém era rico, mas todos com recursos suficientes para comprar alimentos, pagar as despesas de luz e manter aceso o fogão durante o frio do inverno.

Para Jennifer esse aspecto da vida era uma espécie de um mundo novo, sem pesares, sem surpresas desagradáveis, sem maiores pretensões, sem receios. Se, às vezes, faziam joguinhos domésticos, não iam as apostas a mais de cinco centavos. Quando algum membro da comunidade anunciava uma festa íntima a que todos teriam que acorrer (e isso era sempre anunciado por Jim), as despesas individuais não passavam de ninharias.

Em tais ocasiões, tanto Mary Flood como sua velha mãe tornavam grande interesse por Jennifer, arranjando-lhe bons e bem talhados vestidos, compondo-lhe os cabelos em bonitos penteados, preparando-lhe a maquiagem de forma que mostrasse ainda maiores encantos pela cor da cutis e jovialidade do semblante encantador.

Quando a primavera daquele ano chegou fazendo brotar a vida em toda aquela encantadora região, com a fragrância de flores por todos os cantos e a beleza do mar muito azul e sereno, foi Jennifer convidada por Mary e a velha Flood para dar uns passeios com elas pelos recantos pitorescos da baía.

E' indescritível o contentamento que se apodera da jovem. Era a primeira vez que tinha essa oportunidade de ver as grandes e formosas árvores do Mondocino County, percorrer em manhãs primaveris de abril as graciosas curvas do golfo, visitar os gigantes-cos blocos de pedra que semelham tumbas colossais à beira da praia, subir aos rochedos, percorrer as colinas à margem do oceano, sentir nos cabelos os efeitos do vento que sopra do largo trazendo o cheiro das ondas.

Depois de lindos e inesquecíveis dias de excursões, voltaram para casa. Jennifer estava encantada e, à mesa de doces que Mary preparou ao regressarem, ela saboreou tudo com muito apetite e íntima satisfação por viver entre gente tão distinta, altruista e amiga, sem exhibições, na mais perfeita simplicidade.

Sentia a jovem que entre aquelas duas senhoras de mais avançada idade era ela uma espécie de filha mais nova. Tudo fazia Jennifer para não aumentar os cuidados que com ela tinham suas amigas; mas era inútil. A família Flood não entrava no conhecimento dessas preocupações da moça e continuavam a tratá-la com o maior carinho. Todo mundo começava logo a simpatizar com ela pelo seu aspecto de inocência e singeleza.

Por isso, em julho a mãe de Mollie Evans lhe sugeriu que fosse passar com ela e outros membros da família as férias no lago.

— Que lago? Não é o Tahoe? — disse ela meio embaraçada, a gaguejar.

— Não, tola! Não é o Tahoe. E' em Fallen Leaf — informou Mollie. — Fica próximo ao Tahoe e todos daqui de casa gostamos muito desse passeio. Papai possui uma casa lá.

Como tais coisas pareciam difíceis para Jennifer há alguns tempos atrás e como eram simples agora! Fazer excursão pelos lagos! Que delícia! E a convite de gente fina, delicada, educada!

Tudo em Jennifer começava a mudar radicalmente, aos saltos. Respirava um certo ar de felicidade, de confiança no futuro, de alegria de viver.

CAPITULO XXIII

Numa tarde bastante quente daquela sexta-feira, ela em companhia

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA — Jennifer Richie, órfã de pai e mãe, vivia em companhia de sua madrastra, Betty, num edifício de apartamentos modestos em S. Francisco. Sidney Borrows, jovem de família rica e aristocrática, apaixonou-se por Jennifer; mas, verificando a moça que ele estava apenas iludido, rompeu relações com ele. Certo dia, indo a uma festa em casa de sua dinda, rompeu relações com ele. Mollie, sucedeu que um irmão desta, Eugene Evans, ficou apaixonado por Jennifer, chegando ao ponto de propor-lhe casamento. Estava ele a conversar com ela em casa de Betty, quando, inesperadamente, entra na sala o seu ex-namorado Sidney, travando-se uma discussão entre Eugene e ele. Dias depois morre Eugene vitimado por um acidente de automóvel, pensando o pai dele e a própria Jennifer que se tratou de suicídio. Jennifer não desejou reatar mais as relações com Sidney. Uma noite, indo ela ao terraço do apartamento, notou que um cômodo no edifício vizinho, no ponto mais alto e ao mesmo nível do seu, estava ocupado por um pintor. Travando relações com ele, um homem das artes, começou Jennifer a receber lições de cultura. Numa festa íntima que ele ofereceu a amigos e artistas, veio tocar na reunião o grande violinista Stanislaus Lichtenstein, o qual ficou impressionado com Jennifer, a quem escreveu uma carta que causou indignação ao plutor Montgomery Smith. Jennifer mudou de trabalho e foi empregar-se no grande magazin "Vogelfang", ganhando muito mais e onde, contra a sua vontade, continuou a ser cortejada pelo violinista Stanislaus, que, embora casado, vivia separado da esposa. Verificando Monty, o pintor, que Jennifer estava sendo, aos poucos, seduzida pelo violinista, mostrou-se indignado, o que muito emocionou a jovem. Com a nova afeição que surgia entre Jennifer e a pequena família Flood, mudando-se bastante seus hábitos, especialmente no que dizia respeito à frequência na Igreja, a vida da jovem começou a refluir com outras esperanças, máxime depois que observou que seu coração não era diferente a Jim.

de mais três ou quatro companheiros partiram para Fallen Leaf Lake, para umas férias de quinze dias.

Dentre as pessoas que para lá foram, se encontrava Jim Lippincott, sempre silencioso e muito amável. Somente pelo fato de sorrir para Jennifer, a jovem se sentiu como se estivesse elevada ao sétimo céu da felicidade.

No primeiro dia jantaram todos num excelente estabelecimento italiano e se foram deixando ficar por ali até escurecer, até surgir a lua. Por fim, foram acomodar-se em seus aposentos na casa de campo da família Evans, bastante espaçosa e com muitos cômodos, servindo-se mais tarde uma ceia. Recepção fidalga e hospitaleira. Mas Jennifer estava muito cansada da viagem; não quis mais saber de nada e caiu na cama, deixando para ver o restante no decorrer da quinquena.

Logo pela manhã Jennifer se ergueu e foi deliciar-se no vestibulo para admirar o panorama dos pinheirais, a beleza do espelho das águas azuis, respirando a plenos pulmões os ares puríssimos daquela região privilegiada, em tão belas manhãs de verão. Depois do café, Jennifer se serviu de excelente almôço, parecendo-lhe um sonho tudo o que seus olhos viam e sua alma sentia extasiada.

Todos estavam vestidos com roupas leves, próprias da estação. A mesa era vasta e colocada em ótima situação.

A vida naquela comunidade se tornava agradável, pois os trabalhos caseiros eram realizados em comunhão, cada qual colaborando.

Jennifer já estava habituada a trabalhar nesses serviços caseiros e a lavagem dos pratos ou o refazer das camas não eram para ela senão uma coisa habitual.

Os homens também ajudavam, todos a pilheriar, a tagarelar para que o serviço se tornasse mais agradável e absolutamente doméstico.

Muitas crianças também se achavam naquele meio, além de visitantes das vizinhanças, o que sempre absorve muito as atenções.

Sempre havia muito motivo de distração. Banhos, passeios, tanto a pé como a cavalo. Em virtude disso, parecia que todos só pensavam em comer, tal o apetite que reinava ali.

Jim, que só ia ficar três dias, resolveu passar mais outros três em virtude de Jennifer também ter vindo.

No último dia, fizeram todos longos

passeios a cavalo. A jovem achava que estava amando loucamente a Jim, e que este também a amava.

— Talvez se declare hoje... — murmurava ela consigo mesma.

No banho, nos passeios, na palestra com ele, tudo parecia que Jim ia romper aquele silêncio e tornar claro o seu desejo para com ela. Jennifer ia esperando sempre e procurava dizer a si mesma:

— Hoje é o dia...

Mas, ao que parecia, não encontrava ele uma oportunidade especialmente pelo fato de o médico sueco que veio com ele, o dr. Nielsen, não lhe dar uma folga.

No dia seguinte tudo foi em pura perda. Jim estava na direção do carro, tendo ao seu lado o dr. Nielsen. Jennifer se sentara com Mollie no assento traseiro.

Naquela noite Jennifer ficaria para dormir em casa de Mollie.

Ela estava sentindo por Jim o mais profundo dos amores, e todo o seu coração, todo o seu ser, toda a sua alma pareciam estar aos pés do jovem médico. Não lhe era possível pensar mais em homem algum.

Para ela não podia haver homem mais belo, mais delicado, mais atraente e sincero do que Jim. A maneira simples de falar, o seu sorriso gentil e comedido, o tom de sua voz, a cabeleira basta e meio ondulada, seu porte esbelto, tudo isso lhe parecia extremamente fascinante, não sendo possível que houvesse no mundo pessoa mais bela.

A noite, ao deitar-se, estava pensando como seria agradável uma lua de mel com Jim. E todo um mundo de sonhos lhe veio ao espírito e ela sonhava acordada a murmurar: — Jim Lippincott, Jim... Jim...

Não teria que esperar por ninguém, por nenhuma circunstância especial para falar-lhe. Seria sua esposa. Viviam um para o outro em permanente felicidade. Fariam passeios entre os campos floridos, dividindo prazeres e sofrimentos, risos e lágrimas, fariam planos em conjunto, ela lhe dedicando toda a confiança e ele correspondendo no mesmo sentido.

Iriam para o campo juntos. Juntos caçariam, juntos viveriam felizes. E depois as crianças. Sim, as crianças! Jennifer sonhava com os olhos arregalados. Depois verificou que nada daquilo era verdade. Estava a delirar... Puro efeito de sua ardente imaginação.

Outros passeios foram programados

e quando Jennifer esperava ter oportunidade para voltar a ver-se ao lado de Jim, consolidando cada vez mais aquela afeição recíproca, eis que sucede uma desgraça para toda a nação americana: — o rádio transmite a todo mundo a trágica notícia do ataque japonês a Pearl Harbor.

Naquele instante Jennifer e suas amigas trocavam idéias na cozinha da família Flood para a realização de um pique-nique. Riam já antecipando a festa. E agora... Tudo mergulhava em tristeza e apreensões. Os bolos do passeio não seriam mais preparados como estavam imaginando. Tudo passava a ser cor de tristeza, cinzento e doloroso.

Diante disso, Jennifer foi com Joe até à casa dos Evans. Reinava ali a maior consternação. Mollie mergulhava em lágrimas, abraçara-se a Dan, pois que ele havia sido convocado para a Força Aérea. Joe ia servir na Armada. Os homens mais idosos, que haviam lutado na primeira Grande Guerra, contavam os horrores por que passaram. Quanto mais agora... Contudo, estavam prontos para ir também prestar serviços na frente ou na retaguarda.

Todo mundo jantou, naquela noite, em absoluto silêncio, com a alma acalorada, cheia de preocupações.

A cidade passara a viver sob o "black-out". A tristeza dominava todos os espíritos, não havia alegria em rosto nenhum. Jennifer costumava manter o rádio em forma e ouvir as notícias da guerra.

Aproximava-se o Natal e Jennifer foi à casa dos Evans para saber qual era o programa das comemorações. Ali estava Jim, que se sentou ao seu lado. Olhava-a como que embevecido e, a sorrir, murmurou:

— Jennifer! Como você é linda!

Afinal chegara a ante-véspera do grande dia da cristandade. Todos desceram para a cidade baixa a fim de comemorar, jantando alegremente.

No dia seguinte a família Evans oferecia um jantar em casa, erguendo-se grande e vistosa árvore do Natal com seus habituais enfeites e presentes. Antes de irem à missa, um dos jovens primos de Mollie executaria uma canção do Natal. Era esse o programa.

Naquela noite Jim teve oportunidade de ficar a sós com ela; mas, infelizmente, para dar-lhe uma notícia pouco agradável. Não poderiam estar juntos nas comemorações do Natal. Jennifer sentiu a maior tristeza invadir-lhe a alma.

— Por que? Por que não pode ir? De ordem do diretor do Hospital em que servia, ia Jim passar toda a noite fora, em serviço. Não era uma missão comum e normal; porém ele não podia deixar de obedecer. Logo que terminasse o serviço, trataria de regressar.

E, afinal, chegou o grande dia. Todo mundo parecia alegre, menos Jennifer e todos os que tinham filhos, irmãos e pais na frente de batalha. Mas cantavam "Santa Lúcia", "Mandaley" e "Adesta".

Jennifer não se cansava de olhar o relógio. Suas mãos estavam inquietas, denunciando o estado agitado de seu espírito. Não era possível esperar por ele além das dez horas, pois todo mundo tinha muito o que fazer naquela noite.

No dia seguinte às cinco da tarde ela entrou em casa em companhia de Mary, conduzindo enorme peru que Miss Flood havia tirado num sorteio. Todas se alegraram com a "sorte" de Mary, contribuindo para um Natal bem festejado.

Infelizmente nem tudo corria bem, pois a senhora Flood havia contraído forte resfriado com ameaças de pneu-



monia e estava recolhida ao leito. O jantar naquele dia foi muito triste, mantendo-se as duas em silêncio, estando Mary muito preocupada com o estado de saúde de sua velha mãe. Olhando para Jennifer, ela exclamou com certa tristeza:

— Véspera de Natal e você tem que ir à casa dos Evans...

— E' exato. Telefonei para lá e comuniquei que Mrs. Flood estava de cama. Sei, Mary, que você precisa sair para a igreja.

— Não se preocupe comigo, Jennifer. Verei se é possível convidar Annie McNara para ficar aqui. Vou telefonar-lhe neste instante, e você procure falar a Joe Evans para vir apanhá-la.

Joe veio buscá-la no seu carro, onde também estavam duas tias do rapaz. Um desagradável acidente havia também sucedido na família Evans. Sheila, filha da grande amiga de Jennifer, Mollie, havia caído e se ferido na cabeça. Felizmente Jim estava presente e deu-lhe uns pontos.

Logo que chegou, Jennifer vestiu um avental e foi para a cozinha. Na sala de refeições Jim procurava, muito sem jeito, arrumar a mesa, com grande disposição para ajudar.

— Que houve de mais importante no hospital à noite passada, Jim? — perguntou Jennifer, acrescentando: — Muito sentimos sua falta...

— Oh! Sim... à noite passada... Sim, tudo correu bem. Foi Ehrmann

quem me telefonou, como você sabe...

— Acho melhor colocar um pão dos grandes em cada prato. Devem estar mortos de fome. — E mudando de tom: — Jim, é ele um homem corpulento?

— E'... ele quem? Ah! Sim... — respondeu meio confuso. — E' um homem alto, de grande porte.

— Ele gosta muito de você, Jim?

— Bem, não posso garantir. Lecionou-nos duas vezes por semana na Faculdade de Medicina. Sempre tive dele excelente impressão. E' um belo homem e muito hábil na minha especialidade.

— Cirurgião?

— Sim.

— Gostaria de associar-se a ele, Jim? — perguntou Jennifer mostrando-se interessada no assunto, ou, talvez, desejosa de manter conversa.

— Por acaso o dr. Ehrmann lhe manifestou algo sobre isso?

— Oh! Não... Porém pensei que isso fosse agradável ao médico — completou ela com ares de ingênua que falasse só por falar. Depois prosseguiu para não parar a palestra: — Se o dr. Ehrmann fizesse isso, você ficaria sempre morando aqui em S. Francisco?

— Ai está uma coisa que você me pergunta e eu não posso responder-lhe; não ouvi bem.

— Pergunto o seguinte: se você ficasse associado aqui ao dr. Ehrmann

teria que permanecer em S. Francisco?

— Ora, Jennifer... realmente não teria tal chance.

A jovem terminou o arranjo da mesa e olhou para Jim com certa ansiedade. Mas não teve mais coragem de prosseguir na palestra.

O restante da tarde e da noite foi de confusão e, na Missa do Galo, Jennifer não conseguiu sentar-se próximo a ele. Já fazia um ano que, pela primeira vez, estiveram juntos, numa véspera de Natal, e suas mãos se entrelaçaram em prenúncios de amor sincero e firme.

Logo que terminou o ofício divino, ele se aproximou e perguntou-lhe inesperadamente:

— Quer ir amanhã, à noite, ao teatro comigo?

— Amanhã à noite? Na noite do dia de Natal?

— Que teria isso?

— Bem... não sei se estaríamos contrariando o programa de Mary. Neste caso, permita que o convide a vir jantar comigo, sim?

— Bem, mas em qual das próximas noites? Numa dessas tenho um compromisso para jantar com Bill e Bertha White. Poderei ir jantar com você na próxima noite, e iremos ao teatro na noite seguinte; feito?

— Muito gostaria, Jim — disse ela hesitante — porém o caso é que às sextas-feiras Mary costuma ir à igre-

ja e, desde que sua mãe adoeceu tão gravemente, eu terei que... Bem, isso não vem ao caso. Permita-me fixar a data, está bem?

Jennifer foi recolher-se com grande satisfação. Ela ia fixar um dia para ir ao teatro pela primeira vez.

Logo que o Ano Novo se esboçou, os departamentos de "Vogelsang" se encheram de uma multidão de mulheres a escolher os seus presentes.

O espetáculo teatral não foi lá essas coisas, embora os artistas se saíssem bem. Mas para Jennifer nada de mais sucedeu.

Logo que chegaram à casa de Jennifer, esta convidou Jim para entrar; mas ele agradeceu. Precisava dormir cedo, pois tinha que fazer uma viagem ao sul.

Depois de algumas semanas, numa conversa com Jennifer, Mollie lhe disse quase involuntariamente:

— Eu penso que Jim está louco por você, Jennifer. Nunca notou isso?

— O que sei, Mollie, é que sou eu quem está louca por ele — respondeu calmamente.

E veio outra primavera com os dias claros e quentes. Jim Lippincott foi novamente para o lago passar algumas semanas do mês de julho com os Evans. Diante disso, Jennifer preparou as coisas para obter da casa umas férias extraordinárias e ir também até ao lago.

(Continua)



**GILBERTO FREYRE NA
OPINIÃO DE MONTEIRO
LOBATO**

"...o Brasil futuro não vai ser o que os velhos historiadores disseram e se de novo ainda repetem. Vai ser o que Gilberto Freyre disser. A grande vantagem das coisas é essa. Por mais que se pettevatesse os historiadores e a fama inteira da mediocridade se agite, o que faz o de que o futuro uma verdade, é o que se já não querem."

★

NA VIDA DE CADA DIA

Jacques Chardonne teve, há tempos, essa bela frase:

"É raro um grande vício tornar o homem ruim; o que o faz insuperável é um pequeno defeito: sua inveja, sua vaidade, sua distração".

★

POVO E ELITE

A publicação do décimo segundo volume dos "Cahiers" de Maurice Barrès nos

VIDA LITERÁRIA

EM DEFESA DO LIVRO

Continuamos a viver de contrastes e incertezas aqui no Brasil. Principalmente no que deveríamos ser equilibrados e esclarecidos pelos imperativos patrióticos, a que não podemos fugir. Afinal, só temos prejuízos com isso.

Veja-se o caso, recentíssimo, da difusão do livro. Na Constituição, conseguimos — parece-me um milagre — um texto que, por mais um pouquinho, teria na verdade obstáculo da incompreensão de certos setores impenitentes. E passou, então, aquela emenda que manda isentar de impostos e taxas a importação de papel para a imprensa, visando, justamente, a baratear os instrumentos de cultura para o povo.

Tudo isso no melhor dos mundos possíveis, no gosto dos "pan-glosses" indígenas, se não fora a ainda mais recente "delivrança" cerebral de que resultou o inapetitivo mostrengo das desabridadas majorações das taxas do reembolso postal. De fato, essa via difusora vinha se alargando promissoriamente e, através da mesma, os livros circulavam aos milhares, suprimindo os língücos mercados do interior ou mesmo atendendo às solicitações dos

partidos letores espalhados pelas invitas lajeiras deste imenso Brasil, graças aos sacrifícios sem conta dos diligentes e honrados servidores dos Correios.

Certo é que se precisava acudir aos reclamos e necessidades de uma numerosa classe, cujos benefícios, porventura recebidos, sempre estiveram muito aquém de seu merecimento. E tanto isso é certo e incontável como não é cabível despir-se um santo para vestirse outro, indo onerar tão contundentemente os livros, esses mesmos livros que o nosso maior poeta queria "às manchetes", porque essa também é uma fórmula de libertação...

Profligando tais abocunhos, para os quais apenas a boa intenção que os reveste pode servir de difidente, não estamos fazendo a defesa de nenhum interesse excuso que, no caso, seria o dos livreiros, pois estes, é claro, se é que os negócios não lhe estão sorrindo bem (o que não nos cabe indagar), não vão querer aprová-los mais ainda com os aumentos do Reembolso. Sem dúvida, poderão vender menos, porém, os leitores é que são os maiores prejudicados, porque terão que pagar muito mais, sempre muito mais. — E. CATTETE REIS.

que, no fim de 1942, escrevia a um amigo: "E por meio do erro que um homem político pode chegar à verdade: questão de eliminações sucessivas."

preciosas para um melhor conhecimento desse escritor.

Contava ele, por exemplo: "O sr. Maupassant era o homem mais gentil e prestativo que já vi. Os anos que trabalhei para ele são os mais belos de minha vida. Ninguém bateu em vão na sua porta. Era a generosidade personificada."

★

DE TÔDA PARTE

Aguarda-se com interesse a realização do I Congresso Brasileiro de Língua Vernácula, incluído nas comemorações do centenário de Rui Barbosa e promovido pela Academia Brasileira de Letras, com o patrocínio do Ministério da Educação.

A inauguração desse certame está prevista para o dia 22 de outubro, nesta capital e a comissão promotora é composta dos seguintes acadêmicos: Aloísio de Castro, presidente; Pedro Calmon, Levi Carneiro, Clementino Fraga, Celso Vieira, Rodrigo Otávio Filho e srs. Souza da Silveira, Américo Lacombe e Mário de Lima Barbosa.

★ Na Câmara Municipal de São Paulo, o sr. Cid Franco apresentou uma indicação, no sentido de ser incrementado o intercâmbio artístico entre aquela capital e o Rio de Janeiro.

★ "Morada da paz" é o segundo livro de poesias que o sr. Jorge Madaua publicará e o seu aparecimento deverá dar-se durante este mês.

★ O escritor José Lins do Rêgo esteve em São Paulo, onde realizou uma conferência no auditório da Biblioteca Municipal. Durante sua breve estada na capital paulista, o autor de "Menino de Engenho", foi alvo de várias homenagens.

★ Cecile Sorel, a famosa artista francesa, teve há pouco uma honraria excepcional, com a figuração do seu nome na nova edição do "Larousse". Eis a consigna dessa não menos famosa Enciclopédia universal: "Sorel (Emile Seurre, chamada Sorel) — grande atriz francesa, nascida em Paris em 1873, muito aplaudida no desempenho de seus papéis de grande "coquette".

★ Ainda este mês, deverá estar circulando "Jornal de Letras" que publi-

cará entre outros assuntos de interesse, as "Memórias" de Afrânio Peixoto e as de Olegário Mariano.

★

NA A.B.D.E.

Pacificando a Associação Brasileira de Escritores, tomou posse a seguinte diretoria: Presidente — Homero Pires; Vice-Presidente — Origenes Lessa; 1.º Secretário — Milton Pedrosa; Tesoureiro — Dias da Costa; Conselho Fiscal — Graciliano Ramos, Artur Ramos, Anibal Machado, Júlio Paternostro e Astrogildo Pereira.

O ponto principal do programa da nova diretoria é a congregação e a unidade da classe.

IMAGENS E CARICATURAS

Garções espectrais a trazer-nos sofismas de ignaritas. (Agripino Grieco — Zeros à esquerda — Comidas).

★

A sua conversa não tinha nenhum interesse, parecia o rótulo de uma garrafa de whisky vazia. (Paulo da Silveira — Querem furtar o espelho de Narciso — "Jornal do Comércio", de 26.5.49).

★

Cada gloriuzinha oculta picava o ovo, e punha a cabeça de fora, olho aberto, sem penas, em volta da glória máxima de Rubião. (Machado de Assis — Quilicas Berba).

★

Em Niterói, principalmente, um defunto está, agora, pela hora da morte. (Humberto de Campos — Um sonho de pobre).

★

Mesmo para mim (de quem ignorava o nome) arranhou junto do fonógrafo, e acerca de "vozes de amigos que é doce colecionar", uma lisonjinha redondinha e lustrosa, que eu elupel como um rebuçado celeste. (Eça de Queiroz — As cidades e as serras).



PALAVRAS DE ALAIN — Andre Maurois, que no Liceu de Ruão foi aluno do professor e filósofo Alain, relembra, há pouco, estas palavras de seu mestre: "É sempre fácil ser longo, mas ser sucinto requer tempo". E estas outras, a propósito das controvérsias atuais: "Obedecer resistindo, eis todo o segredo. O que destrói a obediência é a anarquia; o que destrói a resistência é a tirania".

evoca um dito do grande escritor, quando, certa vez, foi interrogado se escrevia para o povo ou para a elite:

"É preciso escrever sempre para a elite, pois consegue-se então ser lido pelo povo, enquanto que escrevendo para o povo não se consegue jamais ser lido pela elite."

★

POR ELIMINAÇÃO

Será, dentro em pouco, publicada a segunda série das recordações de guerra de Winston Churchill. Ele confessará com a mesma franqueza que na primeira série, os erros de um grande homem-de-estado

grande perseguidor dos israelitas, que, nos bons tempos do nazismo, mandou queimar muitos livros, tendo porém o cuidado de salvar das chamas os volumes mais preciosos e raros.

Muitas dessas obras, minuciosamente anotadas por ele, se destinam a duas bibliotecas dos Estados Unidos, a de New York e a de Washington.

★

MAUPASSANT

François Tassart, que foi mordomo de Guy de Maupassant, deixou recordações

BROADCAST

A. MIGUEIS



MADRUGADA (Samba)

Evaldo Rui e Herivelto Martins

Gravação de Francisco Alves

Madrugada, resto de noite...
Clarim que anuncia
Um novo dia!
Madrugada, que encontra o poeta
Na rua deserta
A versejar...
Namorados que voltam das festas
Fazendo serestas
A luz do arrebol!
Madrugada, dos guardas noturnos
Boêmios soturnos,
Que sonham com o sol!...
Madrugada
Cabarés fechados,
Casais agitados
Que a noite formou...
Madrugada
Das rixas sangrentas,
Nas ruas barrentas
Onde a lei não chegou...
Madrugada do homem banal
Que compra o jornal
E as notícias não lê...
Madrugada
O poeta boêmio
Deseja por prêmio
Viver com você!...

★

ASA BRANCA (Toada)

Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Quando olei a terra ardendo
Qu'a fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do Céu.
Pruque tamanha judiação {bis
Qui brazero, qui fornãia
No meu amor e em ti jamais
Por falta d'água perdi meu gado
Morrer de sede o meu alazão.
Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse adeus Rosinha {bis
Guarda contigo meu coração.
Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva caí de novo
Pra mim vortá pro meu sertão.

Quando o verde dos teus olhos
Se espaiá na prantação
Eu te asseguro, num chore não,
[viu! {bis
Qui eu vortarei, viu, meu coração.

★

PARA QUE RECORDAR (Canción-Bolero)

Maria Grever

Versão brasileira de Haroldo Barbosa

Quisera convencer-te
Porque vivo fugindo
Não quero contagiar-te
Com o mal desta dor
Mais vale que esqueçamos
Um passado tão lindo
Que seja a despedida
Um adeus, sem rancor.

Para que recordar
O nosso grande amor
Que tão fugaz passou
E transformou a vida
Para que despertar
A braza adormecida
De novo ver sangrar
A alma tão ferida
E para que querer
Quimeras, ilusão
Se já não posso crer
No meu amor e em ti jamais
Para que recordar
Porque querer sofrer
Tentemos olvidar
Para poder viver.

SAMBA E OUTRAS COISAS

Henrique Batista é um devoto de Noel Rosa. Entra ano, sai ano, lá está ele à frente desse "Samba e outras coisas", chama viva à lembrança daquele que se foi ouvindo um gostosíssimo samba. Por isso, quando nos disseram que o mano de Marília estava festejando mais um aniversário de seu veterano programa, lembramo-nos do criador do "De babado sim...". Foi por iniciativa do incorrigível boêmio da Vila, que nasceu o "Samba e outras coisas", quando o "broadcasting" carioca não passava de mera tentativa, tamanha as dificuldades que se antepunham à sua evolução. Noel, em companhia de Henrique Batista, Marília e mais alguns abnegados, lançou-se à aventura, fazendo de seu programa, o mais popular da cidade. Raríssima a casa que nas manhãs de domingo, não sintonizava para a Cruzeiro do Sul, a fim de ouvir os improvisos do compositor de "Com que roupa". Hoje, decorridos tantos anos(Henrique Batista, embora desfilado da companhia de Noel Rosa e da de sua irmã, nem por isso entrega os pontos. Continua firme com "Samba e outras coisas", mostrando que, embora em outro plano, o velho Noel está presente através de suas inesquecíveis composições, tão ligadas à vida da cidade, que jamais o esquecerá. Lutador incansável pela supremacia da música popular, comparecendo todos os carnavais com uma composição desse gênero, Henrique Batista está presentemente, no prefixo PRA-3. Por intermédio do microfone da Rádio Clube do Brasil, tal como fazia nos velhos tempos de Noel Rosa, todos os domingos, pela manhã, apresenta o cartaz que lhe deu popularidade. É um programa sem vaidade, sem "medalhães", bem ao sabor do povo. Desse povo que entra na fila, que leva marmita para o "batente", que vive a recordar o "Com que roupa..." Nada disso, porém, o impede de continuar vivendo. É que, seguindo a escola do maior da Vila, o irmão de Marília vai buscar entre os novos, aqueles capazes de darem vida e alegria a "Samba e outras coisas". Assim, não lhe foi difícil colocar mais uma velinha no bolo comemorativo de mais um aniversário do programa que nasceu sob o amparo de São Noel Rosa, o protetor do samba. Data auspiciosa para todos nós, que acompanhamos a evolução do "broadcasting" nacional, ela marca mais uma etapa na luta que Henrique Batista vem travando para sobreviver à voragem dos grandes cartazes.

Globo vem de lançar com absoluto êxito. Através desse cartaz desfilam tôdas as ocorrências verificadas no teatro, cinema, música e "boites". ★ Roberto Faissal, quando menos se esperava, desligou-se do elenco da PRE-8, assinando contrato com a Rádio Bandeirantes, tendo viajado para São Paulo no decorrer da semana que findou. A Nacional, com isso, perdeu um grande elemento. ★ "Serões da PRD-5" será o novo lançamento da emissora da municipalidade que, neste momento, acaba de reforçar seu quadro de locutores, com Luiz de Carvalho, Duque Estrada e Cid Camargo. ★ Los Huastecos estão participando das apresentações de Xavier Cugat e seu "out-fit". Também Cristancho e Massupéré voltaram a animar os programas de estúdio da PRE-3, inclusive as audições do famoso "band-leader" catalão. ★ Silvia Autuori está produzindo para o elenco de teatro cego da Mayrink Veiga. Aliás, a peça que marcou o retorno de Sadi Cabral ao microfone PRA-9, trouxe a assinatura da inteligente radialista. ★ Antonieta Lopes, conhecida intérprete de nosso folclore, está participando das apresentações de "Clipper Guanabara", cartaz transmitido pela PRC-8 e animado pelo locutor Atila Nunes. ★ Por falar em Guanabara, Xavier de Souza, depois de um longo e tenebroso inverno, acaba de voltar às lides radiofônicas, atuando ao microfone PRC-8, onde conseguiu tanta popularidade. É o mesmo Xavier de Souza da primeira fase.

OS NOVOS CONTINUAM

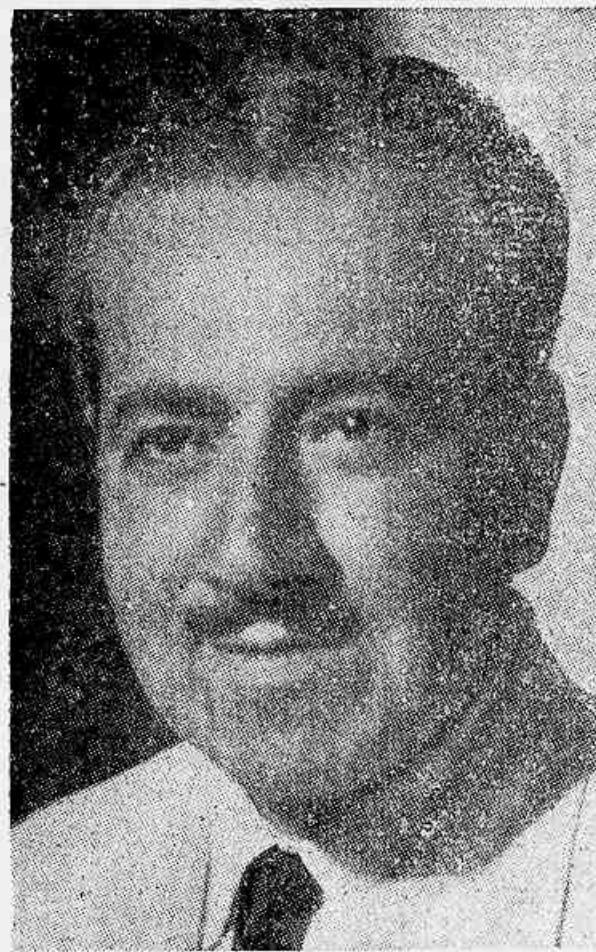
Haroldo Eiras, cantor de "blues" norte-americanos, de há muito empresta o concurso de sua voz à linha de programações de nossas emissoras. Presentemente, os aficionados desse gênero poderão ouvi-lo ao microfone da Rádio Globo, tôdas às sextas-feiras, às dez e trinta. Além de cantor, esse jovem artista compõe melodias do seu estilo, destacando-se, entre outras, "Leonora", bolero que Dick Farney lançou nos Estados Unidos. Também de sua autoria é "Lovely as a dream", um agradável fox-blue.

Haroldo Eiras, que já gravou para a Continental deverá estreiar no decorrer do presente mês, numa das populares "boites" cariocas.

PELOS CAMINHOS DO MUNDO

Mara e Valdemar Henriques conquistaram o público português, segundo nos mandam dizer os jornais da terra. Os dois artistas patricios vêm se exibindo nas casas de espetáculos de Lisboa, arrebanhando apreciável número de pessoas para suas audições. ★ Horacina Correia, ao que informa seu empresário, permanecerá por mais algum tempo no conti-

nente europeu, tamanho o agrado despertado pelas suas apresentações. A festejada sambista está brilhando na França. ★ A cantora Ana Marly, cuja recente temporada ao microfone da Globo, alcançou grande sucesso, está em Buenos Aires, participando dos espetáculos de uma "boite" local. As críticas a seu respeito são as mais favoráveis possíveis.



Alziro Zarur

DEPOIMENTO

Alziro Zarur, depois de regular período de afastamento do microfone acaba de voltar ao convívio de seus fãs através do programa "Hora da Boa Vontade", que a PRE-3 está transmitindo. Falando-nos a propósito desse lançamento o conhecido Sherlock do "broadcasting" brasileiro, disse:

— A "Hora da Boa Vontade" nasceu de meu humilde ideal de amar ao próximo como a mim mesmo. Para confortar os enfermos, para reanimar os desalentados, para divulgar ao máximo a doutrina eterna do Cristo — eis porque surgiu a "Hora da Boa Vontade". Graças a Deus vem obtendo uma aceitação impressionante. Casas de caridade, instituições de assistência social, entidades de benemerência em geral, honram-me com o seu apoio. E como há doente, por este Brasil a dentro! Muito pode o rádio fazer por esses irmãos que sofrem na solidão de seus quartos. E o que me permitem as forças eu tenho feito, certo de que tudo está por fazer. Fora da caridade não há salvação.



Ela começou na Rádio Mauá. Um dia, porém, substituiu Lourdes Mayer num grande papel. Sabem lá o que é isso?

RÁDIO-FLASHES

BIOGRAFIA SINTÉTICA

Capixaba de nascimento, Elza Martinho entusiasmou-se pelo "broadcasting" carioca, a ponto de submeter-se a um teste na Rádio Mauá. Feliz na tentativa, não tardou a sagrar-se como rádio-atriz de qualidades apreciáveis, vindo a ser disputada para o elenco da Cruzeiro do Sul. Nesse prefixo, foi buscá-la Ivo Peçanha, levando-a para o cast da Rádio Clube do Brasil, onde teve oportunidade de revelar seu talento criador, vivendo uma das personagens de "Força do Destino", novela de Climaco Cesar. Desligando-se da PRA-3, ingressou no elenco da Mayrink Veiga, substituindo, com absoluta personalidade, a Lourdes Mayer, no papel de Dorotéia, da novela "O sol nasce amanhã", de Mário Faccini. Elza Martinho, além de participar das histórias em capítulos, trabalha nos espetáculos do "Teatro pelos Ares Plácido Ferreira", onde tem tido chance de viver grandes papéis. É loura, voz meiga e dona de bonitos olhos.

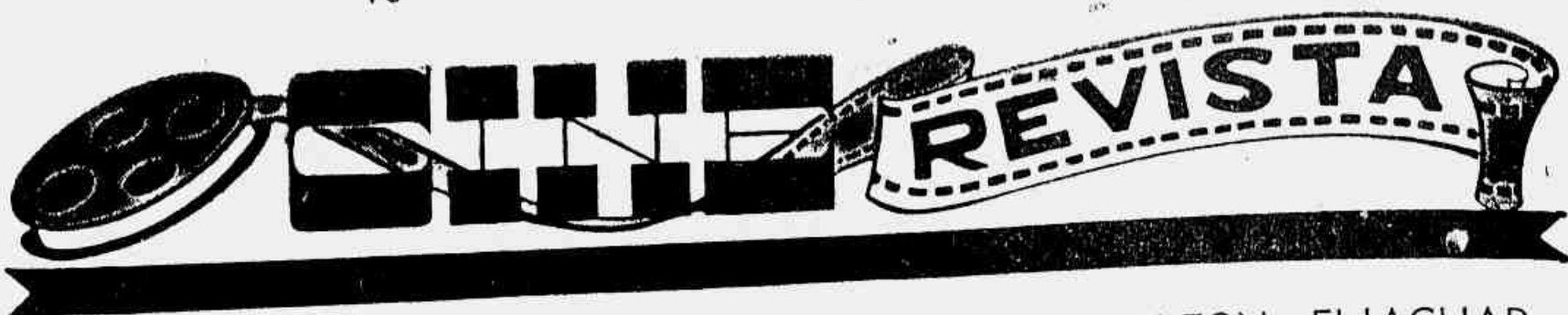
O QUE VAI PELO ETER

Samaritana Santos, vitorioso elemento da Cia. Eva Todor, está à frente de "De sete em sete", programa que a Rádio



Haroldo Eiras também é compositor. Dick Farney incluiu em seu repertório um dos boleros desse jovem artista, que hoje integra o "cast" da PRE-3

INGRID BERGMAN EM "JOANA D'ARC"



Por LEON ELIACHAR



Não deixe de ler no número de aniversário desta revista, no próximo dia 18, uma reportagem completa sobre o filme "Joana d'Arc" e uma novelização do mesmo filme, em 10 páginas amplamente ilustradas.

NAS TELAS

"A CONDESSA SE RENDE" — Lubitsch reconhecível em pouquíssimas cenas. Betty Grable não mostra as pernas, então por que toma parte no filme?...

"DESFILE DE PÁSCOA" — Judy Garland e Peter Lawford deviam praticar um suicídio duplo. Fred Astaire, apesar de continuar excelente, tem poucas oportunidades. Das 17 canções de Berlin, 17 delas são más. Talvez seja mera coincidência...

"O HOMEM QUE EU AMO" — Loretta Young não tem gosto, pois o galã é William Houden. Robert Mitchum comparece, mas a fita é fraca.

"QUERO ESSE HOMEM" — Betsy Drake é mais positiva: ela não ama, quer mesmo. E o felizardo é Cary Grant, que acaba mesmo casando. Comédia leve, sem originalidade.

ARTE E BILHETERIA Os produtores de filmes, especialmente os de Hollywood, onde o cinema atingiu tamanho grau de desenvoltura, convencionaram dividir suas realizações em duas categorias: os filmes artísticos e os de bilheteria. A Arte, na opinião deles, não tem público, e de nada lhes vale demonstrar suas habilidades se as películas serão aplaudidas apenas por meia dúzia de pessoas, se as massas, que são verdadeiramente o reflexo de sua caixa registradora, refutem o seu valor e o seu esforço. Evidentemente, os produtores estão errados. Temos provas absolutas de que os celulóides artísticos rendem tanto ou mesmo mais que os habituais abacaxis coloridos que andam infestando ultimamente nossas telas, sem o êxito previsto pelos profetas dos estúdios. As fórmulas estandardizadas já estão cansando o público, que sabe, de antemão, todo o argumento dos filmes. É preciso que se faça algo mais sério, algo mais consistente, e que se termine, de uma vez por todas, com esse convencionalismo irritante que infesta a maior parte da produção cinematográfica. Cinema é Arte, e não essa falsidade de situações que os produtores insistem em financiar, na ilusão de que a Arte não tem o seu público, quando é esse mesmo público que paga para vê-la. Vinte por cento da produção mundial é dedicada a filmes artísticos; os outros oitenta por cento são destinados a essa avalanche de cretinice que o cinema insiste em fixar em seu celulóide. É preciso que se invertam os números. E só assim acabaremos com essa eternidade de películas sem conteúdo, sem história, sem originalidade, sem gosto, sem senso de responsabilidade, onde a vida é aparentemente copiada, criando argumentos absurdos que jamais poderão acontecer na vida real, com cenários de papelão luxuosos, "vamps" demasiadamente vamprescas, maridos desconcertantemente traidos, mocinhos violentamente corajosos, heróis absurdamente sacrificados, coristas escandalosamente despidas. O cinema deve tomar outro rumo: acabemos com as pernas, senhores, e usemos a cabeça...



Nome verdadeiro: Simone Kamliner. Casada com o diretor Yves Allegret

SIMONE SIGNORET Simone Signoret é uma artista muito jovem, nova em um trabalho difícil, mas encontra agora frente a um futuro promissor. Em 1940, perdia o seu pai, intérprete diplomático de conferências internacionais. Na obrigação e urgência de ganhar sua própria vida, abandonou o centro de Paris e se instalou no bairro de Saint-Germain-des Près, refúgio de gente de espírito, onde se sabe morrer de fome com elegância. Frequentou os círculos literários e travou conhecimento com pessoas que se julgavam gênios e que se nutrem de literatura, de cinema e teatro. Ensinou inglês para viver, traduziu manuscritos e como muitos de seus amigos, ensaiou como extra e deu lições a domicílio.

Estreou no teatro Mathurins em "Deus é Inocente", um papel bem insignificante, é verdade, mas o primeiro passo havia sido dado. Seu contrato cinematográfico tem lugar em um filme dirigido por Jean Boyer: "Le Prince Charmant". Depois, com o mesmo diretor, faz "Bolero", onde seu papel se estende a algumas palavras mais. Pouco depois, Simone é admitida no curso da Casa Pathé, dirigido por Solange Siccard. Tem por companheiros jovens artistas que estão atualmente no início de suas carreiras, como Suzy Carrier, André Clement, André Valny, Michèle Martin, Jacques Dynam, etc. Um papel como extra em "Os Visitantes da Noite", lhe permite passar todo um verão em Côte d'Azur, tendo Marcel Carné enviado toda a companhia para os estúdios de Victorine.

A grande chance de Simone Signoret foi ter encontrado o diretor Yves Allegret, que prepara verdadeiramente sua estréia no cinema. No filme "Les Demons de L'Aube", ele lhe confia uma personagem muito interessante. É a "mucama" do café que frequenta Dominique Nohain e que causara sua morte. Sua criação não passa despercebida e a crítica lhe dedica especial atenção, fazendo com que os produtores se interessem por sua pessoa. "Les Demons de L'Aube" tem ainda outra ocorrência feliz em sua vida: casa-se com o diretor Yves Allegret e desta união nasce uma menina, interrompendo por algum tempo sua atividade cinematográfica. Em 1946 Simone Signoret filmou em "Hotel Clandestino" (Macadam), em 1947, apareceu em "Fantomas", e terminou há pouco a filmagem de "Against the Wind" e "Dedée d'Anvers", o primeiro rodado na Inglaterra e Bélgica, e o segundo em França e Bélgica, ao qual assistimos há pouco sob o título de "Escravas do Amor". (Fotos França-Filmes)



O cinema português caminha com segurança para a normalização do seu trabalho. Por um lado, as suas instalações industriais atingiram aquele mínimo que, desde longa data, era considerado como indispensável para fixação do núcleo de profissionais técnicos e artísticos em trabalho regular. Por outro, uma lei de proteção que garante a prioridade de exibição dos filmes nacionais dentro do mercado português e assegura auxílios financeiros destinados a fomentar a produção de películas com temas elevados cuja aceitação comercial possa ser difícil — começa a fazer sentir os seus efeitos.

O cinema português conta atualmente com três estúdios de completo equipamento de iluminação, com cinco aparelhagens de registro sonoro, várias câmaras de estúdio, uma instalação de "back-projection", cinco "plateaux", vastos terrenos de exteriores com duas piscinas, dois bons laboratórios, e oficinas de mecânica, carpintaria e moldagem para construção de cenários.

A qualidade técnica tem subido regularmente e começa a ser inteiramente satisfatória em todos os filmes, independentemente do seu valor artístico, literário ou comercial. E' evidente que, dentro das instalações resumidas neste breve apanhado, a produção portuguesa tem ambições modestas. O seu trabalho não pretende lugares de relêvo na disputa dos mercados internacionais. Mas, dentro da indústria, espera-se conseguir, cada vez com maior frequência, a realização de filmes capazes não só de satisfazer inteiramente o espectador português, correspondendo à nítida preferência que dá ao cinema nacional, como também de representar condignamente no estrangeiro a sensibilidade do seu povo, a humanidade dos seus costumes e o valor dos seus artistas.

Já alguns filmes da produção dos anos anteriores cumpriram brilhantemente este objetivo. Ao estrangeiro interessado pelo cinema português recomendam-se especialmente "Douro, Faina Fluvial", um autêntico clássico do documentário, "Aniki-Bóbó", desempenhado por garotos do Pôrto, um filme cheio de poesia, ambos de Manuel de Oliveira; e, ainda, "Ala-Arriba", interpretado por pescadores do litoral do Atlântico, premiado na Bienal de Veneza; "Amor de Perdição", segundo o famoso romance de Camilo Castelo Branco, dirigido por António Lopes Ribeiro, e "Camões", esforço colossal pela grandiosidade dos meios de encenação, dirigido por Leitão de Barros.

SUA HISTÓRIA

Portugal foi um dos primeiros países a fazer cinema. Com efeito, alguns meses depois de os irmãos Lumière terem apresentado o seu cinematógrafo, um industrial português, Aurélio da Paz dos Reis, realizou, em 1896, uma série de filmes, o primeiro dos quais se intitulava "Saída dos Operários da Fábrica Confiança".

Em 1909 verifica-se um acontecimento importante — a realização do primeiro filme de entrêcho. Intitula-se "Diogo Alves" e o seu realizador, João Tavares, descreve-nos em 300 metros as proezas daquele famoso bandleiro do século passado.

E, a partir daí, nunca mais em Portugal se deixou de fazer cinema. Este primeiro período da história do seu cinema mudo teve uma época brilhante — a que correspondeu à existência da Invicta-Film, empresa constituída no Pôrto em bases industriais verdadeiramente sólidas, a qual se manteve em atividade de 1918 a 1924. A Invicta era, no seu tempo, a melhor organização da Península Ibérica, possuindo estúdios próprios e um excelente laboratório. Os filmes desta empresa, que na sua maior parte se inspiravam em obras literárias de alguns dos mais conhecidos escritores portugueses, como "A Rosa do Adro", de Manuel M. Rodrigues, "Os Fidalgos da Casa Mourisca", de Júlio Diniz, "Mulheres da Beira", de Abel Botelho, "Amor de Perdição", de Camilo Castelo Branco, "O Primo Basílio", de Eça de Queiroz, foram realizados não somente por realizadores portugueses como também por alguns encenadores estrangeiros, entre os quais

UM OLHAR SOBRE PORTUGAL

O DESENVOLVIMENTO DO SEU CINEMA

se devem citar o francês George Pallu e um italiano, Rino Lupo, que dirigiu "Os Lobos", um dos melhores filmes mudos portugueses. Digna também de ser mencionada é a interessante iniciativa da escritora Vir-

gínia de Castro e Almeida, que em 1922 fundou a Fortuna Film, a qual produziu os filmes "Sereia de Pedra" e "Os Olhos da Alma", onde o ator francês Jean Murat fez a sua estréia cinematográfica ao lado de outros artistas portugueses.

Em 1928, depois de durante alguns anos a sua produção ter diminuído sensivelmente, o cinema português entrou de novo numa fase de atividade devida ao espírito de empreendimento de algumas personalidades vindas do jornalismo e da crítica cinematográfica, entre os quais Leitão de Barros, António Lopes Ribeiro e Chianca de Garcia.

Após o grande êxito, verificado em 1931, do primeiro filme sonoro, "A Severa", segundo a obra do mesmo nome, de Júlio Dantas, filme dirigido por Leitão de Barros cujos interiores e sonorização foram realizados em Paris, pois que não havia ainda em Portugal a aparelhagem necessária, funda-se em Lisboa, em 1932, a Tóbis Portuguesa. Imediatamente esta empresa iniciou a construção do seu estúdio, onde, um ano mais tarde, se começava a realização da "Canção de Lisboa", o primeiro filme sonoro produzido inteiramente em Portugal. E' desse mesmo ano, ainda, o filme "Gado Bravo", dirigido por António Lopes Ribeiro e cujos interiores foram filmados em Paris, sendo os exteriores realizados no Ribatejo, terra de touros e de campinos.

Desde então, toda a produção portuguesa pôde passar a ser realizada nos estúdios nacionais, salvo um ou outro filme feito em colaboração com produtores espanhóis. Entre eles conta-se "Inês de Castro", dirigido por Leitão de Barros em Madrid e em Lisboa, e cujos primeiros papéis foram confiados a atores portugueses. Esse filme obteve até o primeiro prêmio do Sindicato do Espetáculo espanhol, tendo ao ator português António Vilar sido atribuído, pelo seu papel de D. Pedro I, o primeiro prêmio de interpretação do ano.

LEITÃO DE BARROS, UM CAPITULO

José Leitão de Barros, o mais antigo realizador português em atividade, tem uma vida fértil em intervenções de valor no campo da pintura, do teatro, do jornalismo e do cinema.

Em 1918 dirigiu os seus primeiros filmes, "Malmequer" e "Mal de Espanha". Voltou a dirigir uma película em 1928 com o documentário "Nazaré, Praia de Pescadores", e desde então a sua atividade cinematográfica foi, praticamente, ininterrupta. Em 1929 dirigiu "Maria do Mar", filme que é uma consequência do documentário anterior, e "Lisboa". Em 1930, em Lisboa e Paris, dirigiu o primeiro filme sonoro português, "A Severa", cujo êxito comercial em Portugal e no Brasil se deve considerar como origem da moderna cinematografia portuguesa. Com efeito, foi aproveitando o largo movimento de interesses de "A Severa" que se reuniram vontades e capitais para a construção e apetrechamento do estúdio sonoro nacional — o da Tóbis Portuguesa. Nestas instalações dirigiu Barros "As Pupilas do Senhor Reitor" (1935), "Bocage" (1936), "Maria Papoila" (1937), "A Varanda dos Rouxinóis" (1939) e "Ala Arriba" (1942). E' este último filme que alcançou na Bienal de Veneza de 1943 uma das taças atribuídas. A sua vocação para as grandes reconstituições históricas revelada na organização de alguns cortejos evocativos realizados em Lisboa, e a sua predileção para os temas de grande aparato consagram-se com a realização de "Inês de Castro", em dupla versão, portuguesa e espanhola, cujos interiores foram filmados em Madrid em 1944. No ano seguinte dirigiu em Lisboa a mais rica produção portuguesa, "Camões", e depois de várias negociações no Brasil começou em 1948 a realização de "Vendaval Maravilhoso", inspirado na vida do grande poeta brasileiro Castro Alves. Em todos os seus filmes, além de tino comercial, afirma-se sempre um elevado bom gosto no arranjo de cenários, das iluminações e enquadramentos que conferem aos seus trabalhos uma incontestável categoria.



António Villar é o mais prestigiado ator peninsular. Está no cinema desde 1933 e tem interpretado figuras de vulto da História, entre as quais destacam-se Pedro I, em "Inês de Castro" e Camões, no filme do mesmo nome. Brevemente o veremos no papel de Castro Alves, em "Vendaval Maravilhoso", e vivendo a figura de Carlos Gomes, em "O Guarani". Na foto vemos-o ao lado de Maria da Glória, numa cena deste último filme.

NASCEU deformado. Tinha um defeito na perna esquerda, e uma giba nas costas. Mas ele há de resistir", assegurou o médico ao pai.

Karl Henrich apurou-se. "Oh, sim, há de resistir". Todos os Steinmetz o faziam. Apesar das dificuldades. Tinham mourojado e sofrido por várias gerações na fronteira sempre instável entre a Alemanha e a Polônia. Sabiam impor-se pela sagacidade. No passado, haviam sido estalajadeiros e comerciantes, burguesia de cidade pequena que sabia comerciar e arrancar à vida uma estreita margem de lucro. Jamais tinham pedido tréguas. Não havia motivo para temer pelo recém-nascido. "Ele há de arranjar-se".

E dentro de um ano o pequeno Karl teve de arranjar-se sem a mãe. Seu pai, litógrafo numa via férrea alemã, entregou-o aos cuidados da avó.

No amplo quarto da casa da Tauenzienstrasse, em Breslau, o travesso garoto brincava com sua Grossmutter e aprendia até onde poderia explorar-lhe o afeto. Ela o entretinha com lendas da sua Polônia natal e narrativas bíblicas das antigas cidades judaicas de ouro e esplendor.

— Nós também temos cidades maravilhosas, não, Grossmutter? — perguntava o menino. — Talvez, quando crescer, eu possa ajudar a construir uma.

Construiu o Templo de Salomão com os seus blocos de madeira e, quando a avó não estava olhando, pôs no interior do edifício uma vela para "iluminá-lo". Mas a chama se comunicou aos blocos e ameaçava produzir um incêndio quando a avó acudiu com um balde de água e inundou o edifício.

Karl ficou aturdido e magoado. Então é isso o que sucede quando se procura dar luz em demasia. Crescendo, entrou a fazer planos de procurar uma luz que brilhasse no templo sem reduzi-lo a cinzas.

Entrou no ginásio "mal saíra da infância". Aos cinco anos já conjugava os verbos latinos. Aos sete aprendeu grego e umas tinturas de hebraico. Aos oito, possuía "respeitáveis conhecimentos" de álgebra e geometria. Quando completou dez anos de estudo, estava pronto para graduar-se com distinção. Aguardou nervosamente o acontecimento.

Era costume apresentarem-se os alunos do último ano com traje de rigor na plataforma, e submeterem-se a um exame oral. Karl não podia comprar o traje de cerimônia. Mas alugou um. E então, na manhã do dia em que devia realizar-se a solenidade, apareceu na tabuleta da escola este aviso:

"Por motivo de seus estudos excepcionais, Karl August Rudolph Steinmetz é dispensado de participar no exame oral."

O menino dobrou lentamente o seu traje de cerimônia e guardou-o. As lágrimas lhe escaldavam as faces. Compreendia a razão da sua dispensa. O corpo deformado do aluno. As mentes deformadas dos mestres. Tinham vergonha de exibi-lo em público. Dando-lhe uma posição de proeminência entre os alunos, não tinham feito mais que acentuar-lhe, dolorosamente o senso de solidão.

Karl Steinmetz nunca mais tornou a usar traje de rigor.

II

Pouco depois de entrar na Universidade de Breslau, deu provas de um intelecto prodigioso. Os professores se espantavam dos seus "inconcebíveis malabarismos" com os números. Apelidaram-no Proteu.

O corcunda marinho da antiga mitologia. De acordo com a lenda grega, Proteu não era maior que a mão humana. Quando capturado, assumia as mais diferentes formas. Mas, se o captor o segurava bem, Proteu retornava gradualmente à sua forma verdadeira e sussurrava ao ouvido os segredos do mundo. Pois o deusinho encarquilhado possuía toda a ciência que os homens procuravam... O mesmo se dava com o pequeno Proteu Steinmetz, diziam os estudantes com um sorriso inquieto. Tinham certo medo à sua "inteligência sobrenatural".

Mas Steinmetz ansiava por ter amigos, e procurava a companhia dos condiscipulos mais sérios. Um dia, um dos seus colegas convidou-o a tomar chá e falou-lhe nos planos dos trabalhadores alemães para uma nova ordem social — um mundo livre da penúria, uma comunidade cooperativa cujo lema, baseado na Regra de Ouro, seria todos por um e um por todos. "Quer fazer parte do nosso grupo de socialistas?", perguntou o condiscipulo.

A VIDA DE STEINMETZ

(CHARLES PROTEUS STEINMETZ — 1865-1923)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

O coração de Karl pulou de alegria. Ali estava um rapaz interessado em outros assuntos que não as pândegas e duelos dos estudantes comuns. Certamente havia de juntar-se a ele e aos seus socialistas!

A princípio a nova "cruzada" constituiu agradável diversão para os seus estudos. Pois o socialismo alemão primitivo era um movimento pacífico destinado a alcançar, por meios políticos, muitas das reformas que nós na América temos conquistado nos dez últimos anos. Mas devido à estupidez arrogante de Bismarck o movimento se desenvolvia subterraneamente. Como resultado dessa repressão, a "causa" do socialismo ganhava impulso. Mas os membros do partido socialista haviam conquistado a coroa do martírio.

O "movimento" tornara-se agora numa aventura excitante para Steinmetz. Este escrevia cartas com tinta invisível aos outros agitadores, detidos pelas autoridades. Encarregou-se de editar o semanário socialista — *A Voz do Povo* — com o seu lema desafiador e um tanto absurdo: "Não sabemos o que o governo quer, mas somos contra".

Karl Steinmetz encontrara por fim os companheiros que mais lhe agradavam. Era membro efetivo da "Nobre Ordem dos Esbulhados". Gradualmente os problemas de matemática lhe foram ocupando menos o tempo, à medida que o "vasto problema social" começava a tomar lugar proeminente no seu espírito.

E precisamente agora esse problema exigia uma solução imediata e pessoal. *A Voz do Povo* achava-se em apuros financeiros. Um dia o impressor e o comerciante de papel se apresentaram simulta-

neamente, pedindo o pagamento imediato de uma conta vencida havia muitos meses. Mas o senso humorístico de Karl não o abandonou. Conduzindo os dois credores à sala traseira da *Voz do Povo*, ofereceu-lhes em pagamento uma coleção completa dos números atrasados do semanário. "Material histórico muito interessante", explicou; "impossível de conseguir-se em outra parte".

Por fim apareceu um meirinho para embargar o mobiliário. "Posso oferecer-lhe uma coleção completa dos nossos números atrasados?", inquiriu o intrépido redator. "Impossível de conseguir-se em outra parte".

Era uma vida deliciosa. E aproximava-se do fim. Pois o jovem estudante ia em breve graduar-se — com as mais honrosas menções em matemática, para gaudio de seu pai. Dizia-se que as autoridades tencionavam publicar-lhe a tese de formatura no jornal científico oficial. Karl tinha uma brilhante carreira à sua frente.

Uma noite, Karl Steinmetz reuniu os amigos socialistas e convidou-os a beber cerveja para comemorar o seu êxito. Foi um grupo jovial que invadiu o restaurante. Cada um pediu uma caneca de cerveja. Cada um propôs um brinde, que toda a turma aplaudia em coro. À medida que a noite ia passando, a vozearia aumentava e os gracejos se multiplicavam. Cantaram em completa desordem.

Então Steinmetz propôs um último brinde.

— A meu pai, cujo maior desejo era verme formado com distinção. A minha fuga pela fronteira suíça, escapando dos policiais que, conforme fui avisado, tencionam

prender-me como socialista. A minha tese de formatura que poderia ter um fim glorioso na publicidade em vez de terminar numa mala de fugitivo. Ao mundo e à sua ironia, bebamos!

Ao alvorecer, entrou pé ante pé no quarto do pai. Este se mexeu na cama.

— Tive um sonho tão agradável, Karl... o teu futuro...

— Sim, pai — murmurou Karl. — O meu futuro... Foi mesmo um sonho agradável, não?

Algumas horas mais tarde, deixava o pai e a Alemanha para sempre.

III

Em Zurich, pôde auferir escassos rendimentos escrevendo artigos sobre astronomia. Assistia aos cursos do Instituto Politécnico e morava com outro estudante "no último andar da última casa no fim da última rua nos extremos da cidade". E ali se deu uma importante reviravolta no seu destino. O companheiro de quarto, Asmussen, falou-lhe num país que visitara — uma "terra de magia" onde não existia a "questão social". "Se você viesse para a América, poderia deixar de lado as preocupações políticas e dedicar-se exclusivamente à matemática. Há premente necessidade de engenheiros na América".

Uma terra de esperança, onde todos encontravam uma segunda oportunidade — até mesmo um aleijado perseguido pela polícia alemã. Talvez no Oeste ele descobrisse a luz que brilhava sem queimar. Seu companheiro de quarto falara na Deus da Liberdade a segurar na mão erguida a tocha que iluminava a entrada do Mundo.

Talvez não fosse má idéia partir para a América. Mas onde conseguiria o dinheiro para a passagem?

Foi o seu companheiro que — involuntariamente — encontrou a solução desse problema. Enamorara-se de uma jovem suíça e referira o seu "ditoso romance" em carta a um tio que vivia em San Francisco e que lhe mandava as mesadas para a sua manutenção. Em resposta, Asmussen recebeu ordens severas de regressar imediatamente à América. Além disso, o tio lhe comunicava que ia cortar-lhe a mesada.

O triste apaixonado ficou a brincar pensativamente com o maço de notas de banco.

— Eu lhe pagarei as despesas de viagem a Nova York se você quiser vir comigo, Karl.

Steinmetz vacilou. O outro insistiu:

— Que é que você poderá fazer aqui? Não pode voltar para a Alemanha. A única profissão lucrativa na Suíça é a de hoteleiro. Você tem hotel?

E assim ficou tudo resolvido. Vieram na última classe. O vapor *La Champagne* atracou ao porto de Nova York num dia quente de junho. As autoridades passaram os olhos pelo carregamento de futuros cidadãos americanos. Não lhes causou forte impressão o homenzinho que se aproximou deles manquejando. Sabia falar inglês? O jovem não compreendia, não deu resposta. Asmussen, que falava correntemente o inglês, traduziu-lhe a pergunta. "Algumas..." murmurou Steinmetz com acanhamento.

Tinha dinheiro? "Nein". Tinha algum emprego? "Nein". Estrangeiro indesejável! Reembarcá-lo-iam para a Europa. Ninguém lhe pediu para ver o tratado de matemática superior que ele trazia consigo — uma obra que revelava em Steinmetz um dos raros gênios da geração nova. Para a sala de detenção!

Asmussen interveio. Mostrou um maço de dinheiro aos funcionários. Asseverou-lhes que aqueles fundos estavam à disposição de Steinmetz. "Encarrego-me pessoalmente de evitar que o meu amigo se torne pesado para os cofres públicos".

As autoridades cederam. O jovem e pouco atraente corcunda saiu a manquejar pelas movimentadas ruas de Nova York, levando consigo apenas algumas cartas de recomendação a empresas de eletricidade, um capital de símbolos matemáticos e uma exigua bagagem de esperança. Alojouse com Asmussen num apartamento em Brooklyn e começou imediatamente a procurar trabalho. Recorreu ao engenheiro-chefe da Edison Electric Company e foi sumariamente rejeitado. "Tem vindo muitos engenheiros para a América nestes últimos tempos".

Visitou o estabelecimento manufatureiro de Rudolph Eichmeyer. O secretário, to-

(Continua na pág. 44)



CHARLES PROTEUS STEINMETZ

NOS BASTIDORES FEMININOS

SER "feminino" deveria ser a preocupação máxima de todas as mulheres. Isto não impediria que ela fosse dinâmica e enérgica, pois ao contrário do que muita gente pensa, "feminilidade" não é sinônimo de "fragilidade". Existem criaturas que pensam dessa forma e então passam a "fregar" a sua fragilidade: não "suportam a luz do sol", "o movimento excessivo as perturba", "não podem se ocupar de tarefas mais pesadas", "um esforço maior as deixa exaustas". Algumas até se dão ao luxo de ter "ziliques". Isso é uma interpretação errada da expressão feminilidade; a mulher verdadeiramente feminina pode ser forte, saudável, pode trabalhar ou exercer outra qualquer atividade, sem que com isso prejudique a sua feminilidade. Não é com uma aparência frágil e doentia que se obtém essa impressão.

Muitas e muitas são as que se recusam a aceitá-la como um dos principais atributos da mulher, entregando-se à atitudes que em nada revelam a sua presença. Uma mulher essencialmente feminina, é muito mais encantadora do que aquela que insiste em assumir atitudes e gestos vulgares e pouco distintos.

Há por exemplo, as que julgam dever tratar os homens, companheiros de trabalho, de estudos, ou simples amigos, como a iguais, abolindo a menor parcela de cerimônia e investindo por terrenos que si as tornam "iguais", tiram-lhes, no entanto, aquele encanto que lhes dá a discrição e a serenidade, e que transformava os homens de algumas décadas sem seus admiradores e "escravos".

Muitas das que se queixam da falta de atenção e cortesia por parte do sexo oposto, deveriam fazer, antes de mais nada, um auto-exame, honesto e sincero. Veriam então que a razão está do lado deles; que é natural que já não queiram render homenagens àquelas que não sabem manter uma atitude capaz de inspirar tais homenagens.

Certificar-se-iam de que entre "amigos" e "camaradas" não poderia mais haver a cortesia própria dos homens para com a mulher, mas a "camaradagem" que existe entre duas pessoas "iguais". E, se bem que algumas dizem preferir a última, temos a certeza de que prefeririam ver brilhar nos olhos dos homens aquele mesmo ardor que os faz vibrar à passagem de uma mulher mais mulher, uma mulher que sabe o valor da feminilidade.

Seria, pois, muito mais interessante e mais útil que permanecessem dentro daquilo que deveria ser a sua personalidade, desde que, é claro, também desse lado todo o exagero fosse evitado.

Lucrariam as mulheres e os homens também... — O. B.



Lizabett Scott, da RKO Rádio, ostenta um vestido para a noite em cetim brocado. Panejamento solto atrás.





Modelo de Christian Dior em veludo preto e tateia vermelho. Notável o feitiço da saia bem ampla. Em baixo: Uma elegantíssima e suntuosa capa em pesado tecido preto



Modelo em jersey branco, de Worth. Capa em veludo vermelho formando cauda. ★ Em crepe de seda branco, corpo muito baixo. Capa vermelha guarnecida de "renard". Criação de Worth



NOITES DE

Lunch

NOITES de Junho — para as frias e elegantes noites de junho aqui estão algumas sugestivas criações que Paris nos envia. Assinada pelos mais notáveis e afamados nomes da costura francesa estes modelos são sem dúvida o que de mais moderno e elegante há em matéria de modelos para noite. Cristian Dior, Worth, Balenciaga e Fath são os responsáveis por estes sugestivos modelos.



Modelo em tons diferentes. Corpete bordado com aplicações de laços do tecido da saia. ★ Em tafetá negro e cetim bordado. Original drapeado sobre os quadris



Ao alto: Elegante modelo em tafetá liso e quadrado, saia com grandes franzidos. A direita: Também de Balenciaga é o modelo em linhas retas, com um holero bordado com arte e suntuosidade



O MUDINHO

CONTO DE EDIE AUGUSTO DA SILVA

A TE hoje Marina não sabe explicar bem por que ficara noiva do Mudinho. O fato é que ele passara de frente à sua casa, acobruhado, sem dar mostras de jeito para lhe falar, ela não sabia a razão. Bem que ela lhe dera oportunidade, ele não se animava. De longe, fazia-lhe sinais, que bem ela entendia. Mas por que ele não chegava? Por que não falava? Os outros moços, não. Os outros, mal achavam uma frechinha e vinham feito, falavam de amor, amor à primeira vista e uma porção de bobagens mais, que ela fingia acreditar para melhor dar troça ao intruso. E eles, os don-juans de esquina de botequim, falavam, se abriam e logo avançavam o sinal. Ai ela dava o "stop", que não. Achava um jeito e mandava o tipo passear. Mas o Mudinho, não. Ela não sabia que ele era mudo; por isso, talvez, é que abriu passagem para que ele fosse além dos sinais que fazia da esquina. Ele teve sorte, porque se fosse metedico, como os outros, teria riscado logo de entrada. Mas ele, não. Ele ficava longe, na esquina, olhando, acenando, e quando cruzava com ela, na rua, ficava vermelho feito pimentão, mas não se abria. O que ela pensava fosse moderação, juízo, ponderação, era defeito. Mas as mulheres são assim mesmo, todas têm dentro de si um grande sentimento de maternidade latente, os braços num gesto estático, parado, para abrigar ao lado um desgraçado. Foi por isso, foi por isso sim, que Marina aceitou o Mudinho quando soube de sua falta vocal. Primeiro, aquele sentimento de admiração pelo moço taciturno, depois a piedade, a grande piedade dormente no coração das mulheres, o fato é que o Mudinho entrara em sua casa, como seu noivo de fato, os cartões de participação do noivado distribuídos para toda a gente. E' certo que Roberto era um belo exemplar de jovem. Agora o Mudinho é noivo oficial de Marina.

Um ano de noivado, Marina entende tudo quanto ele quer exprimir. Coisa, aliás, que não lhe é muito difícil. A natureza sempre corre em auxílio do homem quando falha nalgum ponto. Por isso, o Mudinho tem uma força de expressão muito veemente, nos olhos, nos gestos, nos movimentos dos lábios. E' bastante Marina olhar para o noivo, e sabe o que ele quer dizer. Por sinal que ela não gosta que o tratem pelo apelido que lhe puseram na fábrica. Por que será que os homens estão sempre dispostos a ridicularizar os seus semelhantes? Se ao menos Roberto pudesse falar, retribuir com apelidos os que lhe chamam pela alcunha, ai sim, a coisa seria de igual para igual.

Bem pouca coisa Marina sabe a respeito de Roberto. Ele tem somente mãe, a quem sustenta. O pai, perdura bem cedo, e sua mana Joaquina morrera aos dezoito anos, tuberculosa de tanto trabalhar numa fábrica de produtos químicos. Roberto tinha seis anos e falava ainda. Foi a mana Joaquina, a culpada por ter o menino ficado mudo de uma hora para outra. Roberto gostava muito de Joaquina, mas muito mesmo, a irmã não ligava para o irmão, saía logo para a rua, com as colegas, para namorar. Dona Mariquinha, mãe de Roberto, não gostava disso por muitas razões, principalmente porque o menino ficava amuado, a um canto, pensativo. Mas como a moça não tinha outra diversão, o corpo moído da fábrica, o dia todo, dona Mariquinha deixava que saísse, fosse onde bem entendesse. Melhor, mesmo, porque Joaquina maltratava o irmão. Roberto sofria ainda mais. Mas ainda assim a irmã que se esfalfava no trabalho merecia-lhe respeito, admiração. Ele sabia que o sustento da pobre casa era devido à luta heroica da irmã doente, da irmã que o médico dissera não devia trabalhar mais. Roberto tinha uma grande vontade de crescer, ficar homem, ajudar a casa. Pequeno, sub-alimentado, tentara sair um dia com a caixa de engraxate, uma caixa tísica feita pelo Angelo sapateiro, que gostava muito do menino. Mas no "ponto" os mo-

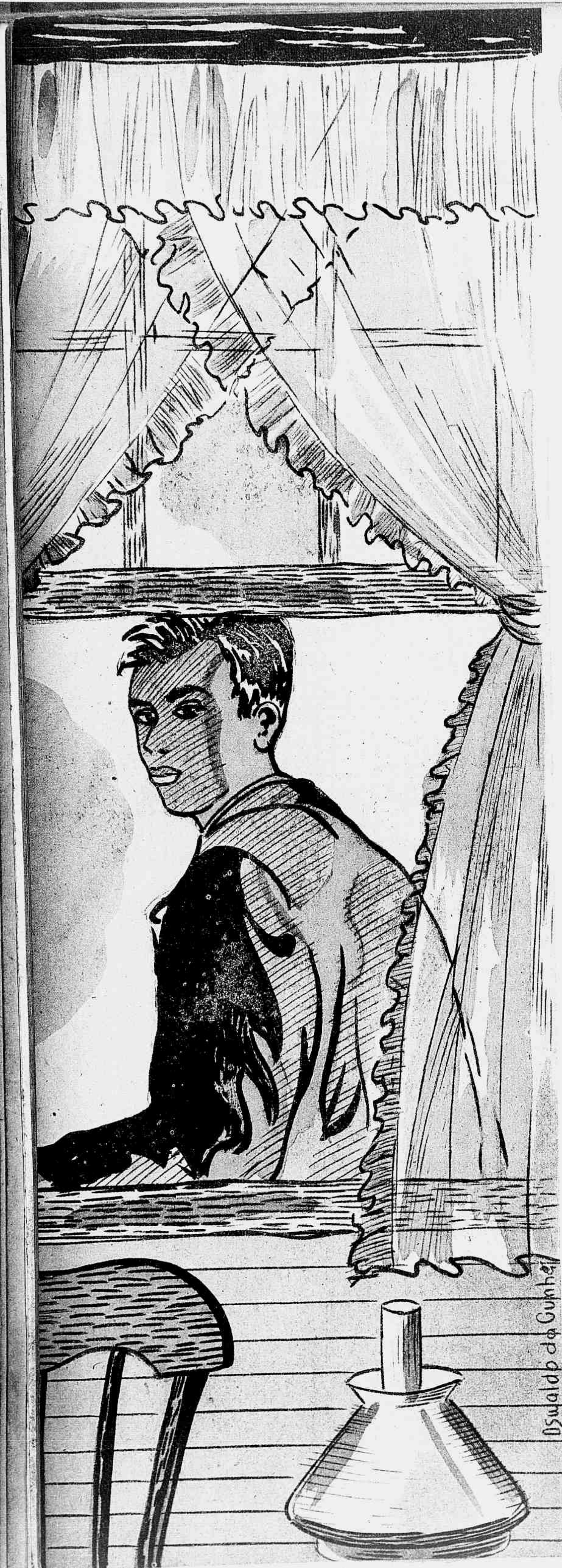
chos maiores enxotaram-no, não o deixaram trabalhar. Desiludido com as coisas e a vida, Roberto sente que toda a sua afecção, todo o seu desejo de realização se concentra na sua irmã, na mana Joaquina que é assim libertária. Um dia, ou melhor, uma noite, Joaquina chegou em casa e contou, queria ficar noiva. Precisava casar. Tinha que casar. Estava cansada de tanto trabalhar, de sustentar dois trastes, a mãe, que não conseguia ganhar grande coisa com os trabalhos de lavanderia, o menino, enfezado, que logo teria que ir à escola. Joaquina gritou, chorou, estava nervosa. Precisava casar, fugir ao passado. A mãe, velha e desesperada, chorou também, a cena cortou o coração de Roberto, que, talvoso, cresceu, singou a irmã, disse o que não devia. Joaquina reagiu, deu-lhe uma bofetada, no dia seguinte não falava mais. Perdera a voz. Pouco tempo depois, uns seis meses, a esquelada Joaquina deixava este mundo de sofrimentos — no dizer de dona Mariquinha — e embarcava para melhor. O menino cresceu, enfezado, bravo, até os dez anos, quando um tio de Itápolis levou-o para o interior, para aliviar os gastos de dona Mariquinha, velha e curvada ao peso dos anos e dos sofrimentos. De lá, sete anos depois, Roberto voltara, moço feito, outro. Os esportes, os passeios a cavalo, as pescarias, o leite puro da fazenda, os trabalhos do campo, restituíram-lhe o vigor. Tomou impulso e cresceu, forte e belo. Voltara para a capital depois da morte do tio, com algum dinheiro que lhe tocara no inventário, pois o bondoso velho não o esquecera, e veio procurar a velha mãe, encostada, vivendo mal e mal de alguns serviços avulsos em casas de gente rica. Roberto tirara-a da luta, entrara num curso de torneiro mecânico, e hoje ganhava bem, o suficiente para, vivendo modestamente como levavam a vida, economizar para os dias incertos. Marina fora o capítulo mais belo em sua vida, entrara-lhe pelos olhos e se aninhara no coração, agora todo dela, os planos para o futuro feitos por meio de bilhetinhos, quando eram necessárias as palavras mais bonitas, pelos gestos quando estes eram simples e suficientes para o coração entender. O noivado está marcando para o Natal e as coisas correm bem, assim Deus o quer.

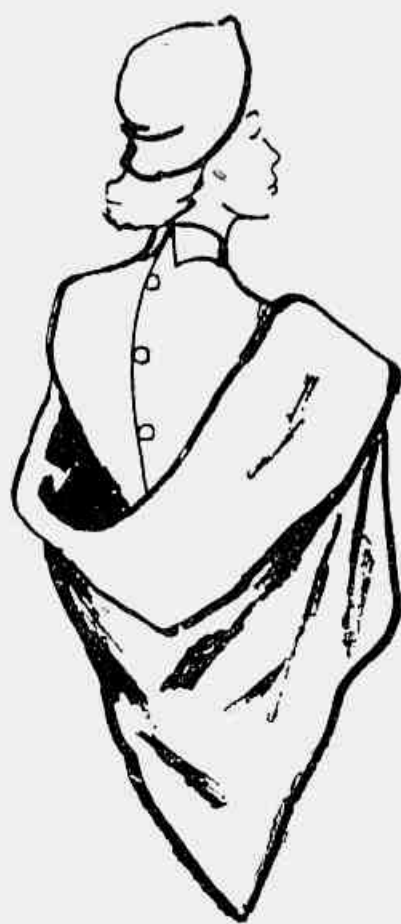
E' bem desagradável para uma moça ficar horas e horas a fio ao lado do seu namorado, sem poder trocar palavras. Parece que a voz humana é um dom que tem a característica de transmitir um detalhe íntimo da personalidade do indivíduo. E' a inflexão, a arte de dizer, uma caligrafia aplicada, a nota pessoal que transmite a quem ouve algo de íntimo, qualquer coisa do próprio ser. De fato, raras vezes se encontra pessoas cujas tonalidades fônicas se pareçam com as de outrem. Como é interessante a variedade de notas musicais que a natureza distribui, a todos, dando a cada um a sua ídolo tonal própria. Marina pensa nessas coisas com alguma constrangida, não, aborrecida consigo mesma. Tem pena de Roberto, uma consideração que a faz chorar, quase. Por que haveria ela de ter o coração tão mole? E' de família, a coisa. Ademais, Marina tem sobradas razões para começar a raciocinar ante os fatos e reagir. As coisas agora são diferentes. Marina precisa dar um jeito. A moça não sabe bem explicar por que mesmo ficara noiva do Mudinho. Mas é humilhante, noiva do Mudinho.

Está aborrecida, divagando, pensando nessas coisas, o pensamento flutuando, largado, vagabundo, seguindo o ritmo natural das idéias, que brotam espontâneas, espontâneas se vão, se dissipando, às vezes, um detalhe sobressaltando-se, ela mesma nem acreditando que pudesse pensar em tal coisa. Isto a está levando a uma tônica. Marina fica nervosa, agitada, com raiva de si própria, com raiva das coisas, de tudo, do mundo, dos homens, do coração. Olha para um espelho próximo e se vê desfi-

(continua na pág. 47)

ILUSTRAÇÃO DE OSWALDO DA CUNHA
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA





Jacques Fath é adepto dos grandes chales. Este aqui poderá ser executado em pesada seda

A esquerda: Paulette drapeia um jersey bege, que passa através de um "toque" de veludo, amarrando no pescoço

O AMOR

E ASSIM...

De LUCILE D'ARLEMONT

A vitrina de uma de nossas livrarias estava parada uma jovem de seus dezoito anos. Olhava, interessada, os livros de belas capas multicores, como que procurando uma obra que lhe desse alguns momentos de prazér espiritual.

Naquele instante um jovem a fitou. Ela, indiferentemente, continuou a olhar a vitrina, entrando depois na livraria. O moço, pretextando qualquer coisa, também chegou junto ao empregado que a atendia. Os olhos do jovem não podiam dissimular o começo de paixão que aquela moça lhe despertara no coração.

Ela comprou uma obra sobre casamento. Como parecia muito jovial e atrativa a sua palestra, o rapaz lhe dirigiu a palavra felicitando-a pela escolha. Conhecia o livro e o achava admirável.

Sairam juntos. No final do caminho trocaram endereços. Ele voltou para casa radiante. Ela muito bem impressionada com a pessoa do desconhecido.

Dai para um namôro foi coisa de poucos dias. Logo depois, cinemas, teatros, passeios, piqueniques, bailes.

Os pais da jovem conheceram o seu amiguinho e aprovaram qualquer desfêcho para casar. Mas os dele...

Ela não servia, uma vez que não era branca. Sua epiderme denunciava fortes traços da costa d'África, o que traria desonra para aquela família que se julgava descendente direta e sem mistura de Adão e Eva.

E sobrevieram os dissabores. O moço cursava uma escola superior e trabalhava num escritório de grande importância. O que ganhava, junto com os vencimentos dela, professora particular, daria perfeitamente para viverem regularmente. Mas o jovem era bom filho e não quis contrariar os seus genitores.

Bastante acabrunhado, num passeio que os dois deram pelos arredores do Rio, contou-lhe todo o seu desgosto em face da oposição da família.

Ela não se mostrou muito ofendida. Já estava habituada a sofrer dessas contrariedades. Consolou-o, dizendo que não convinha criar casos e que, se quisesse esperar até que ambos estivessem completamente emancipados civilmente, tudo chegaria a bom termo.

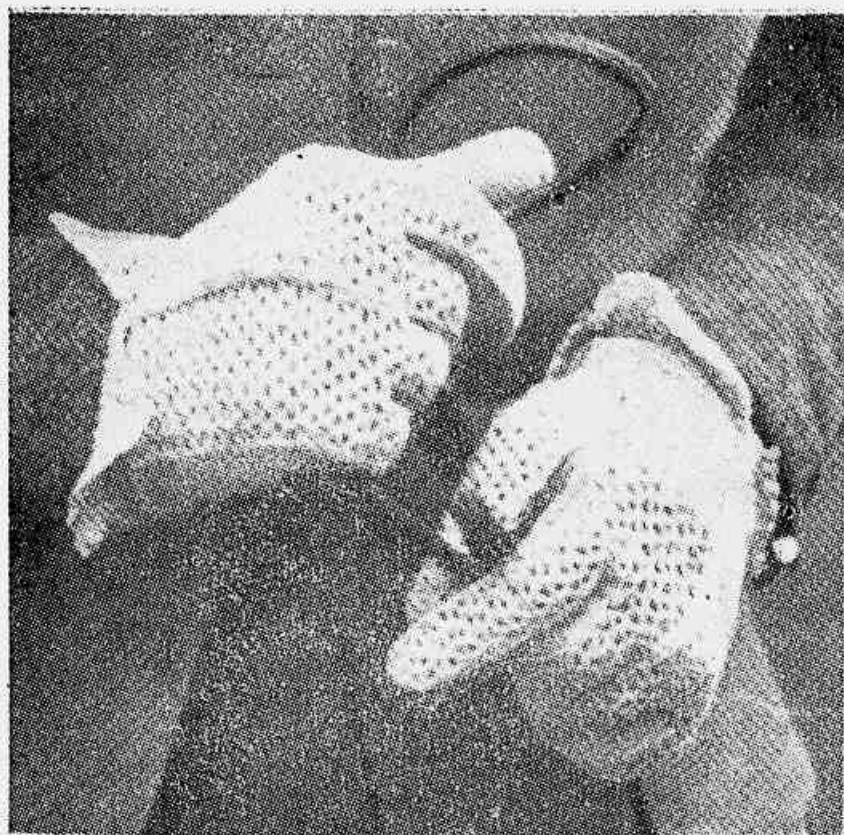
Ele não concordou com sua sugestão. Era de mais. E, à proporção que se passavam os dias, vendo-se proibido pela família a manter aquela tão boa e útil amizade, foi-se aborrecendo da vida, perdendo aulas, emagrecendo, sem apetite, dormindo pouco, desleixando-se no vestir, torturado sob o grande pêso moral daquele desgosto profundo.

Os pais se alarmaram. O rapaz adoeceu. Febre, suores frios, palidez de morte. Internaram-no. Todos os recursos da ciência médica foram baldados para restituir à vida aquêlo corpo em sofrimento, em morte lenta. Renunciara à existência. Perdera o prazer de viver. Deixara os estudos, o emprêgo, a companhia dos livros, dos pais e de amigos. E uma tarde expirava a balbuciar o doce nome de Laura...

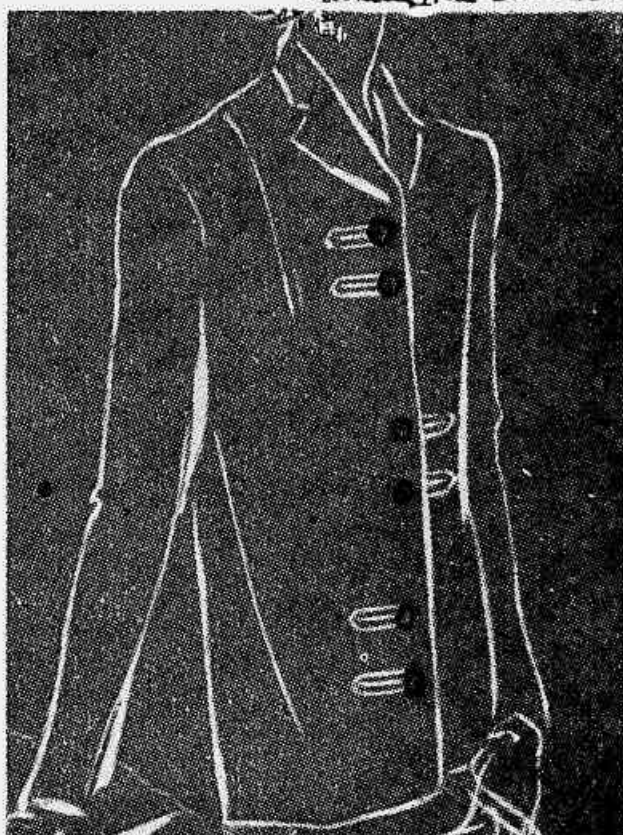
Por que?

Porque o amor é assim...

DETALHES E NOVIDADES

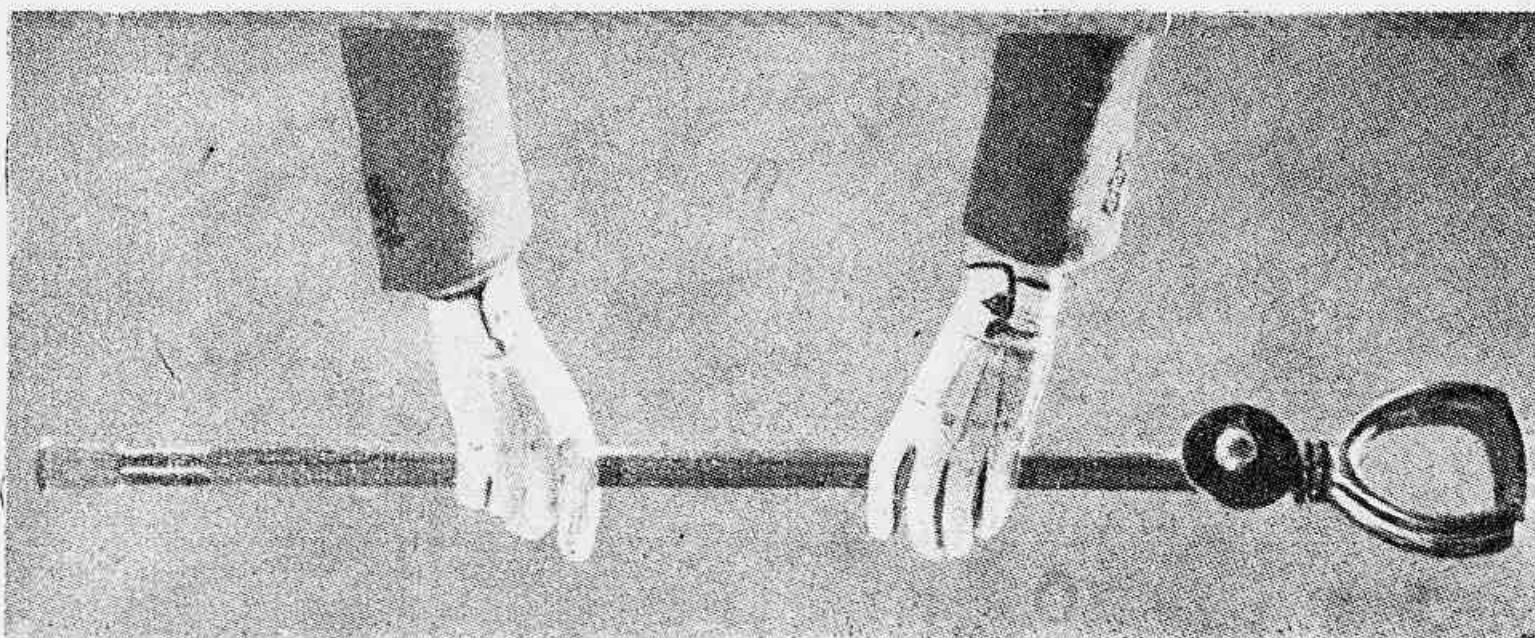


Luvras em crochet e camurça, próprias para trajes esportivos



As bolsas são grandes e sóbrias. Este modelo em couro bege, por exemplo, é uma afirmação do que dizemos

Interessante casaco em linho, de linhas retas, abotoado de forma original



Os guarda-chuvas continuam longos e elegantes. Eis aqui um modelo bastante original e sugestivo



A saúde do BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

FUNÇÕES DIGESTIVAS DA CRIANÇA

O caráter das fezes é uma das coisas que mais preocupam aos que, no âmbito doméstico, lidam com as crianças, e naturalmente as mães. A criança estará sofrendo de intestino? Haverá um estado de prisão de ventre a combater? Eis as perguntas que não poucas vezes fazem a si mesmas, já porque notaram uma mudança na coloração das câmaras, já porque estas são escassas ou escadas, e mesmo duras e expelidas com algum esforço. Que fazer, então?

É necessário dispor de alguns conhecimentos a este respeito para evitar certos erros de interpretação ou práticas menos acertadas.

Nos primeiros 4 a 5 meses, a criança evacua duas, três, quatro vezes ao dia. Seu intestino é então facilmente excitável e o próprio alimento provoca, habitualmente, nele, uma intensa secreção biliar, e albuminosa de suas próprias glândulas. Além disso, um menino, que mama, ingere uma quantidade de alimento, proporcionalmente, muitas vezes maior que a necessária à nutrição do adulto. Já no segundo semestre, porém, as defecções passam a uma, duas, instituído o regime misto.

Presta-se uma atenção, toda especial, à coloração das fezes, e há um como que pânico quando as fezes, de semi-fluída e cor de gema de ovo, tornam uma coloração esverdeada. Mas isso não tem importância maior, e é, em geral, devido a uma falta de redução da biliverdina em bilirubina, cujas causas não estão ainda suficientemente esclarecidas perante a Ciência.

Também, a outros respeito, pode variar o caráter das fezes. Assim, por exemplo, no decurso da alimentação artificial, quando as fezes, às vezes se mostram menos pastosas e homogêneas, contendo fibras de vegetais, se a criança está no uso de sopas vegetais (cenoura, aipim), o que se evita com o preparo delas passando por peneira fina.

Nenhum pediatra, hoje, afere das boas condições do aparelho digestivo da criança por esses sinais isolados, os quais não raro refletem apenas a alimentação em uso e nada mais.

Podem-se, porém, considerar defeções anormais da criança, as seguintes: Fezes consistentes, não aderindo aos paninhos, amarelo-pardas, de cheiro fecalóide "semelhantes à massa de vidraceiro"; muito moles, verdolengas ou verdadeiramente verdes, e com grumos; esverdeadas, amarelo-claras, fluidas e esguichadas; francamente ácidas, sem grumos nem mucosidades e às vezes contendo membranas, encerrando substâncias alimentares sem ter sofrido nenhum processo digestivo; ou pardacentas, cor de alcatrão, anegridas, eliminadas em jato chiado e abundante, ensopando as fraldas; finalmente, semelhante a água de carne.

Tais fezes assim anormais nunca vêm como um sintoma isolado, e a começar no próprio estado nutritivo da criança, logo se identifica, aqui a diátese exsudativa, ali a dispepsia, acolá a intoxicação, etc.

O pêso logo acusa os reflexos do distúrbio, e sofre a elasticidade da pele e o turgor dos músculos (a pele repuxada enrugada, os músculos imprimem a marca dos dedos).

Pela facilidade com que conduz ao diagnóstico de prisão de ventre da criança — aliás erradamente — queremos especialmente chamar a atenção a respeito das fezes semelhante à "massa de vidraceiro" (brancicentas, duras, expelidas com esforço).

É um estado que acompanha aquelas crianças criadas à mamadeira, quase exclusivamente, com leite de vaca. Nenhuma farinha, nenhum suco de frutos, e até, por vezes, pouco açúcar no leite. A correção se faz, naturalmente, juntando ao bom leite metade de um mingau de farinha até o terceiro mês da criança; ou duas partes leite e uma parte mingau de farinha, se a criança passou do terceiro mês. Ao mesmo tempo muito útil, no intervalo das mamadeiras, maçã ralada ou caldo de frutas (laranja, uva, tomate).

Resta salientar o poder fermentescível da sacarose (açúcar comum) e sua ação favorável diante de todos os estados que se acompanham de endurecimento das fezes com a origem apontada (exclusividade da alimentação láctea).

Na alimentação ao seio observa-se, por vezes, uma diarreia mucosa comparada ao pêso. Há suspeitar, então, que o leite materno é pouco, e cumpre verificar se a criança está passando fome, o que se faz pesando a criança antes e depois de uma mamada. A criança deve mamar, cada vez, o produto dos 2 primeiros algarismos do pêso por dois. Assim, por exemplo, se a criança está no terceiro mês; pela tabela seu pêso deve ser 5.200 gramas; logo deverá mamar acima de 100 gramas (52x2). Se mamou sensivelmente menos, a conclusão a tirar é que a diarreia é de fome, a criança está passando fome.

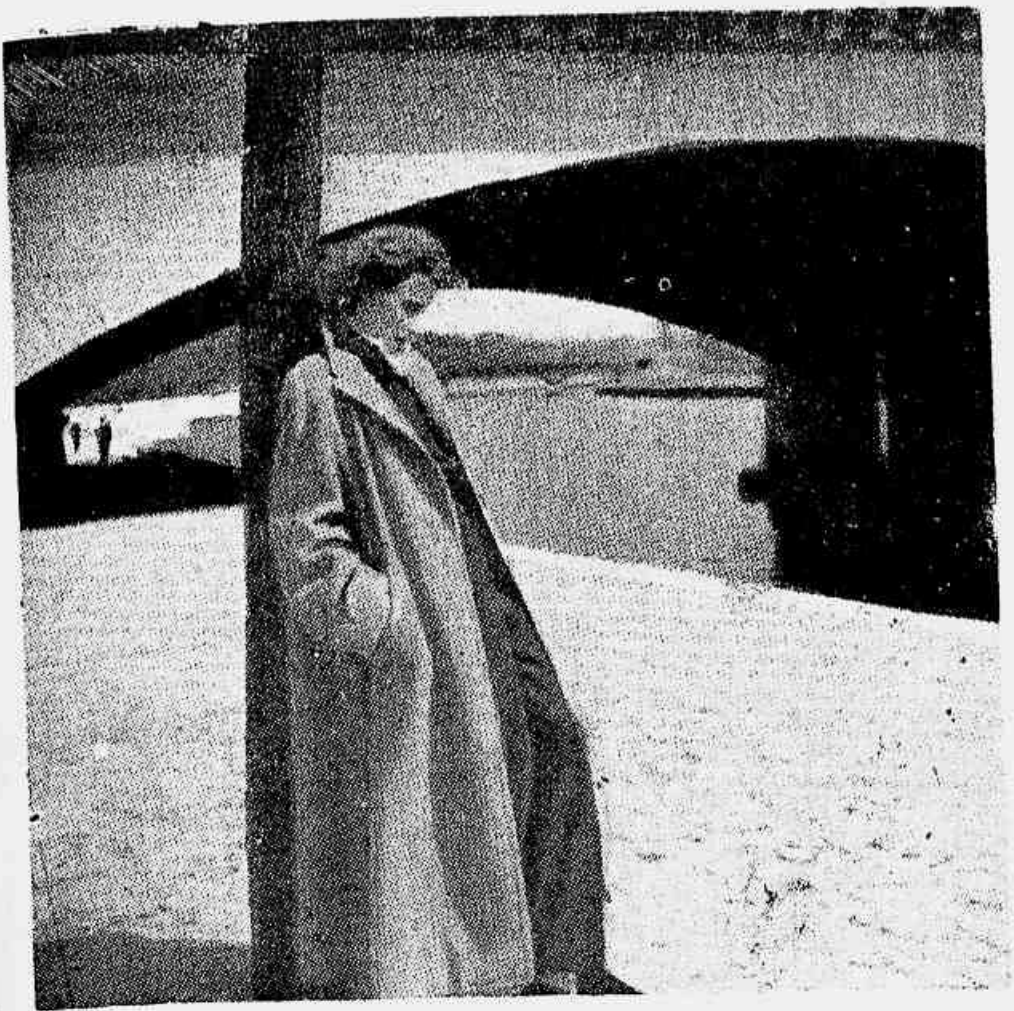
Enfim só se falará em infecção diante do aspecto anormal das fezes quando estas se acompanham de "catarro, pus e sangue"; nos outros casos, o que há, em geral, é um erro alimentar que, aliás, pode levar à infecção, e é o que muitas vezes acontece.



FÉRIAS NO

Campo





COM a aproximação do mês de julho, projetam-se as férias que darão, no meio do ano, um descanso que possibilitem a continuação dos estudos. Para essas férias, deverão constar no seu guarda-roupa, as "sweaters", as calças longas ou "três quartos", os amplos casacos.

As nossas sugestões a ajudarão muito, certamente.



MAES: FILHOS

De ANAMARIA CÉLIA



Seu filho merece todos os seus sacrifícios. Faça tudo o que esteja ao seu alcance para torná-lo feliz e sadio

A CRIANÇA PRECISA DE AMOR

tados do lar por tardes e noites inteiras, deixando a criança entregue à sua própria sorte. Muitas vezes, nem mesmo a doença de um filho impede tais afastamentos.

A influência dessa atitude na mentalidade da criança é grande. Ela se sente só e abandonada quando mais necessita de carinho. Sua tristeza, muitas vezes, não é ocasionada pela moléstia, mas pela compreensão do seu abandono, pela noção que tem da atitude daqueles por parte de quem esperava uma atenção maior.

E assim vão se desenvolvendo criaturas recalçadas, tristes e infelizes.

Maternidade implica em amor e sacrifício. Não se compreende um sem o outro. Não amam os filhos aqueles que não se dispõem a sacrificar por eles um pouco da sua liberdade, das suas distrações. E o chocante em tudo isso, é que qualquer animal dos chamados irracionais, demonstra melhor os seus instintos maternos, a sua vigilância, o seu amor — do que muitas mães que infelizmente conhecemos.



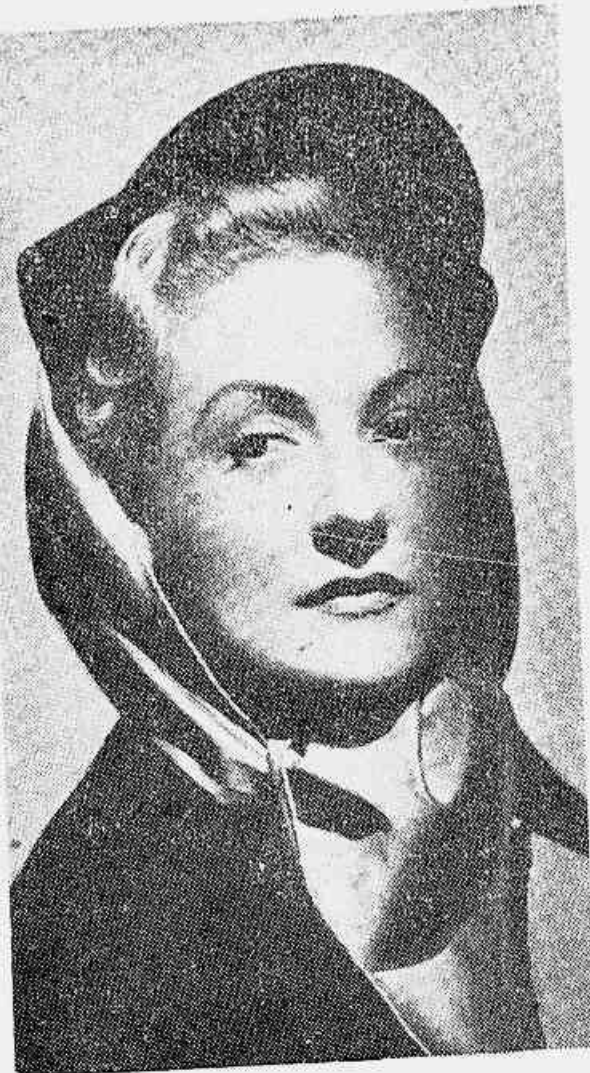
CONSELHOS

Não permita que pessoas estranhas ou mesmo da família perturbem o sossego de seu filhinho. Infelizmente existe muita gente inconsciente, que não respeita o descanso dos pequeninos.



Existem alguns que comodamente se chamam "modernos", que soltam os filhos, deixando que vivam como bem entendem entregues à pessoas raramente capazes, mental e espiritualmente, de proporcionar à criança a atenção e o carinho de que ela tanto necessita. Existem outros ainda que não dão atenção à criança para que ela não se torne "maricas" ou piegas... (outra forma de comodismo). Mas não é preciso beijar a criança a cada instante para demonstrar-lhe amor. Esse sentimento se manifestará de outras formas, como, por exemplo, na maneira de falar, na atenção e na assistência dedicada à criança em todas as ocasiões em que isto se torne necessário.

Achamos natural que um homem e uma mulher procurem se divertir mesmo quando tenham filhos pequenos. Mas essa diversão não deverá também chegar ao ponto de prejudicar a criança. Infelizmente, porém, muita gente existe que esquece a sua verdadeira missão. Pais e mães que vivem em diversões, afas-



CHAPÉUS MODERNOS

Já não se admite em Paris que a mulher que se considera elegante, saia à rua sem chapéu. Para as compras pela manhã, para um passeio, para uma visita, o chapéu voltou a ser um complemento indispensável. Do nosso lado, achamos que a razão está com eles pois, de fato, o chapéu completa a "toilette" feminina e acrescenta à sua figura maior distinção, maior finura. E' claro que para as moças que estudam ou trabalham seria dispendioso e até incômodo (com a condução como está), usarem chapéus para o escritório ou colégio. No entanto deverão usá-las todas as vezes que saírem da sua costumeira atividade. Os modelos aqui apresentados são de Maud Roser, Janine Lacroix, Maggy Beuffe, Germaine Page, etc.





"LINGERIE"

A sua "lingerie" deve merecer o mesmo cuidado que lhe merecem os seus vestidos, as suas blusas. Ela é um traço da sua personalidade. Os modelos aqui apresentados são inéditos e de talhe que modela a figura, dando assim margem à que "caia" bem o vestido.

A FILHA DO NORTE

Para dizer a verdade, nem sei como aconteceu. Sei apenas que não houve apresentação ou encontro premeditado. Foi num bonde? Onibus? Ou num locação? Seria impossível. A sua história, apesar de breve é tão triste, que não poderia ser contada em nenhum desses veículos coletivos!

Conhecia, como se conhece milhares de pessoas por esse mundo afora. Numa simples e casual "conversa de rua". Atravessava quase correndo o Largo da Carioca — aliás, andar sempre assim é um dos meus maiores defeitos — quando fui forçada a interromper abruptamente a marcha que pretendia manter.

— Por favor — bradou atrás de mim uma voz deliciosamente nortista — poderia segurar estes embrulhos, enquanto arrumo o pé deste sapato que achou de rebentar bem no meio da rua?!

— Pois não. — e, imediatamente, vi-me com as mãos cheias de embrulhos dos mais variados tamanhos.

— Sabe de uma coisa? Eu prefiro mil vezes os sapatos de minha terra. São feios, mas são fortes. Os fabricantes de calçados da minha cidade têm honestidade, justiça lhes seja feita! Duvido que eles sejam capazes de fazer como os daqui: usar papelão e material da pior espécie na confecção dos sapatos; e, por cima, ainda nos obrigam a passar estes vexames no meio da rua!

Fiz um aceno de aprovação com a cabeça. Finalmente, ela prende a correia do sapato, retoma os embrulhos e pergunta-me com uma intonação de grande intimidade:

— Você é daqui? — E, sem esperar resposta, acrescentou: — Eu sou do Norte.

— O seu sotaque é um belo cartão de apresentação.

— Ah, vocês conhecem logo o nortista porque cantamos muito quando falamos, não é? Para que lado você vai?

— Rua Gonçalves Dias.

— Coincidência! Eu também vou para aquelas bandas e assim podemos conversar mais um pouco. Tenho vivido tão sózinha de uns dias para cá que, para mim, é uma grande felicidade encontrar uma pessoa com quem possa palestrar, um pouquinho.

Achei, deveras curiosa aquela criatura que gostava tanto de perguntar e não esperava as respostas. Atravi-me a uma observação mais acurada sobre a sua pessoa. Jovem, bonita e trajava-se com acentuado gosto. Já havíamos caminhado um bom pedaço e eu estranhei que ela depois daquela enxurrada de palavras estivesse tão calada e perguntei-lhe: — Está sentindo alguma coisa?

Olhou-me com os olhos razos d'água e falou um pouco hesitante: — Oh, não! Estava apenas pensando na vida. E... acho que esta que eu possuo, seja bem desgrçada.

— Por que? Você demonstra ser tão alegre e sem preocupações!...

— As aparências enganam tanto... Se algumas vezes procuro agir assim é para ver se consigo esquecer a mim própria e aqueles filhos que vivem na minha terra, sem que eu saiba a vida que levam.

— Filhos? Você já é mãe?

— Sim. Por que? O que é que você acha de extraordinário nisto? Tenho vinte anos. Perdi o meu esposo há dois anos e, sentindo que o meu temperamento não dava para viver numa cidade tão pequena como é a minha, abandonei tudo e vim residir aqui. Conselhos não me faltaram... mas, o desgano da vista é ver. A desilusão foi completa, mas... se já está tudo perdido, hei de ficar até o fim. A vida miserável que sou obrigada a levar, para manter esta aparência, só Deus sabe. Às vezes penso até em desaparecer, mas o suicídio dizem que é para os covardes, no entanto, eu creio que seja para os corajosos. De tudo já experimentei nesta cidade que afirmam ser maravilhosa e, por esta razão, não me acho com forças ou antes coragem de retornar ao seio de minha família, pois acredito que não seja digna de agora em diante, de viver na companhia dos meus filhos. Sou uma infeliz e isto é apenas o que eu me considero. Bem, acho que já tomei o seu tempo demais. Todavia, me faz tanto bem estes desabafos de vez em quando... Muito obrigado por ter segurado os meus embrulhos e ter me escutado, sem ao menos perguntar quem eu seja.

Desapareceu no interior de uma casa comercial e nem sequer me deu um cumprimento. Fiquei sinceramente impressionada com o breve relato da vida inquieta e torturada, que leva nesta grande cidade aquela nortistazinha que, naturalmente, aqui chegou povoada dos mais belos sonhos, tão próprios na sua idade. No entanto, qual será o fim de mais esta flor, saída das agrestes terras do Norte? Infelizmente é fácil de deduzir-se: ser cruelmente despetalada e lançada, sem dó nem piedade, no lodo da completa degradação moral; o trágico fim de todas aquelas que vêm para as grandes metrópoles, sem orientação e forças suficientes para vencerem as naturais fraquezas da carne e as ilusões de uma vida menos trabalhosa.

Correspondência

Margarida Simone — Guará — Estado de S. Paulo.

O seu caso Margarida, é francamente dos mais delicados. Creio que o verdadeiro caminho a seguir, seja o que sugere o final de sua carta: afastar o objeto de suas preocupações do convívio de seu lar, sem revelar, no entanto, o verdadeiro motivo desse afastamento.

NOTA: — Margarida, deixo de transcrever a sua carta, embora ela seja interessante e pudesse mesmo servir de exemplo para outras criaturas, vítimas da mesma situação em que você se encontra, por conveniência do sigilo que esta consultoria deve manter em sua correspondência.

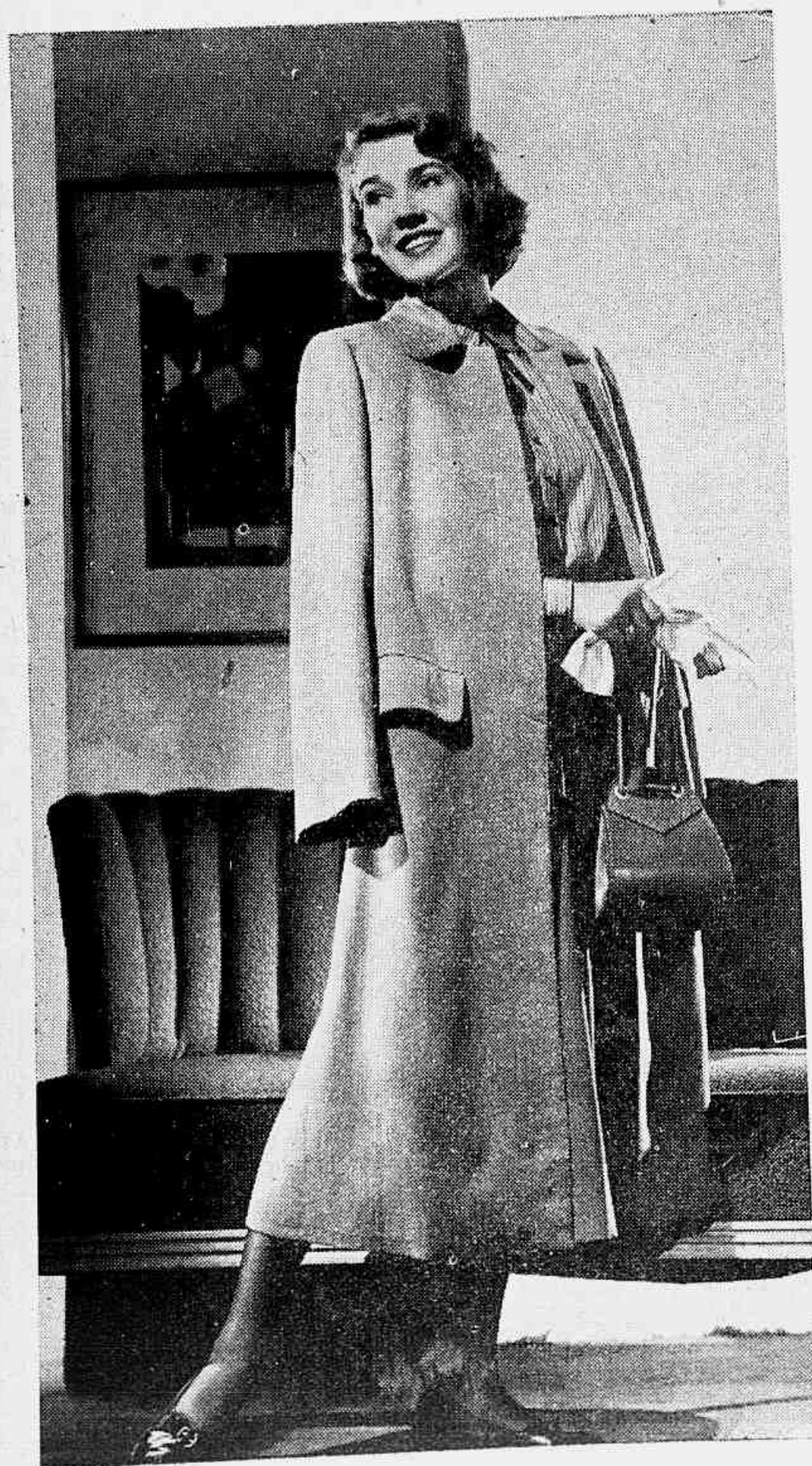
Toda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. Mercedes Santos — "PROBLEMAS DA MULHER" — Redação da REVISTA DA SEMANA

Rua Maranguape, 15 — 1.º andar — Lapa

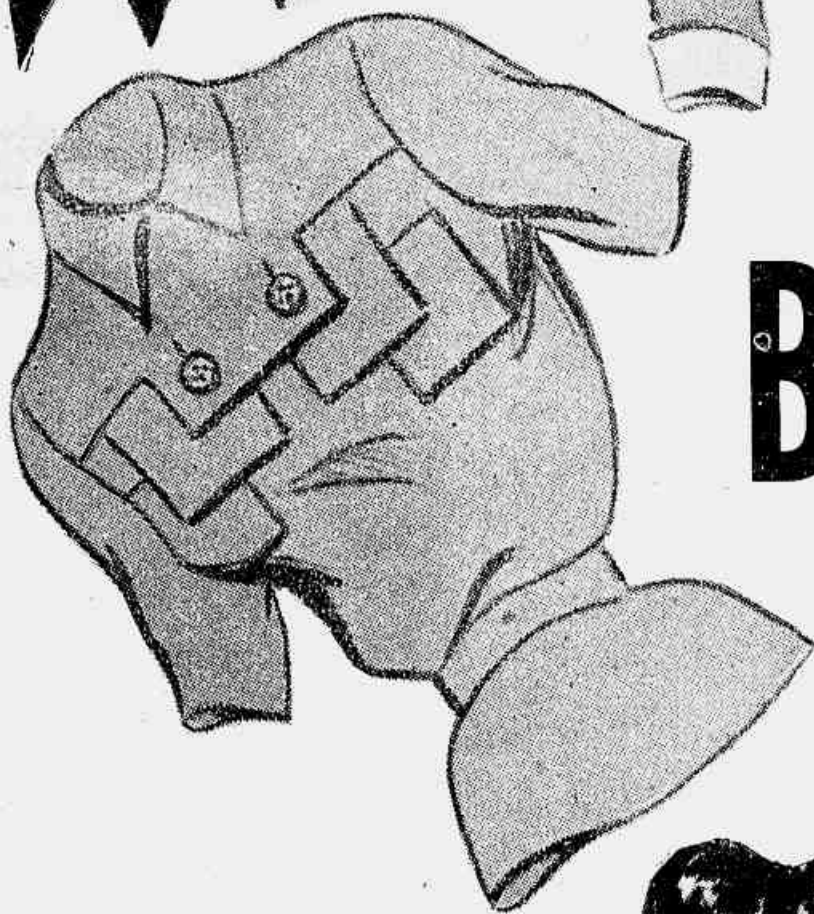
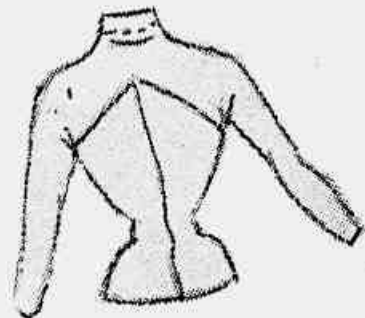
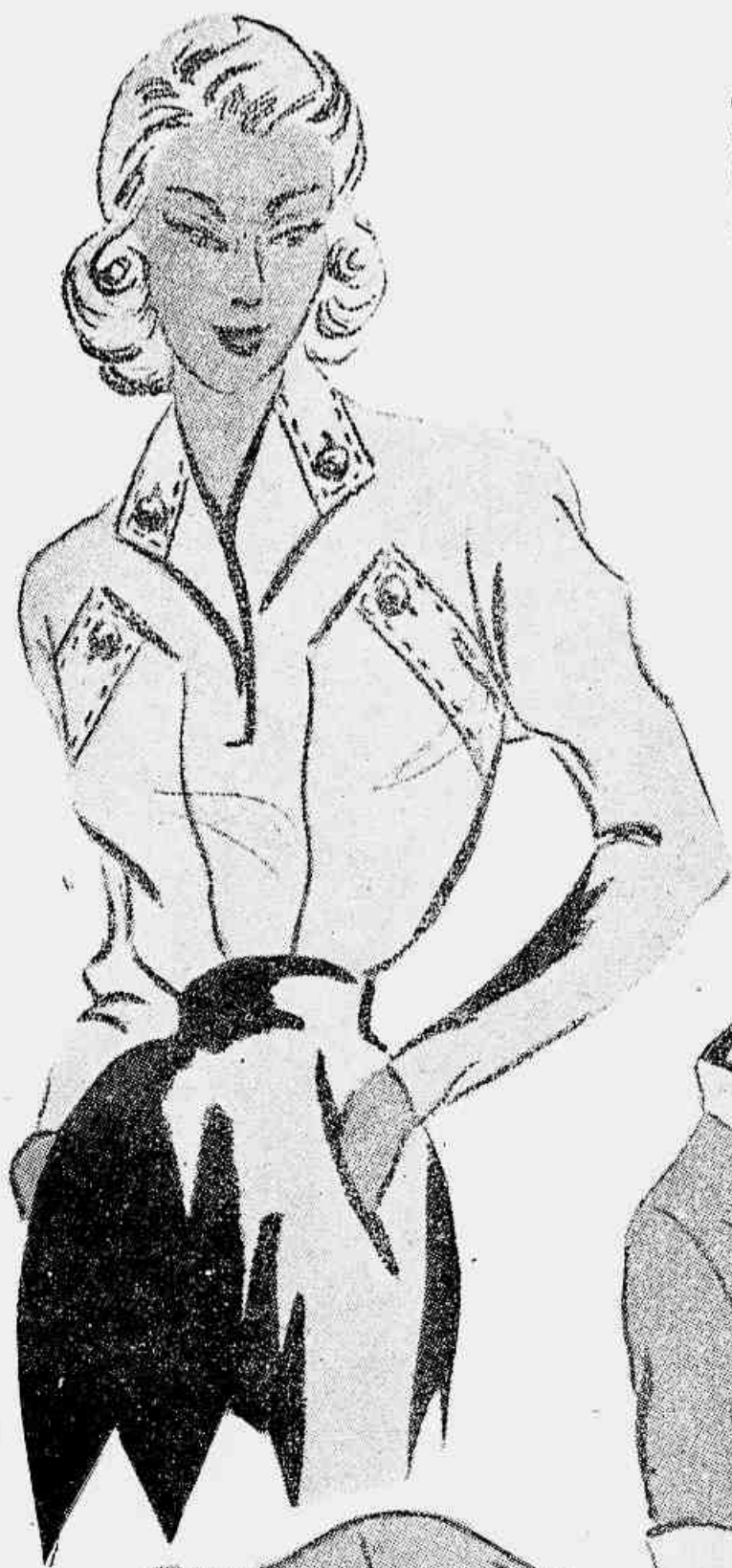


Modelos de Hollywood

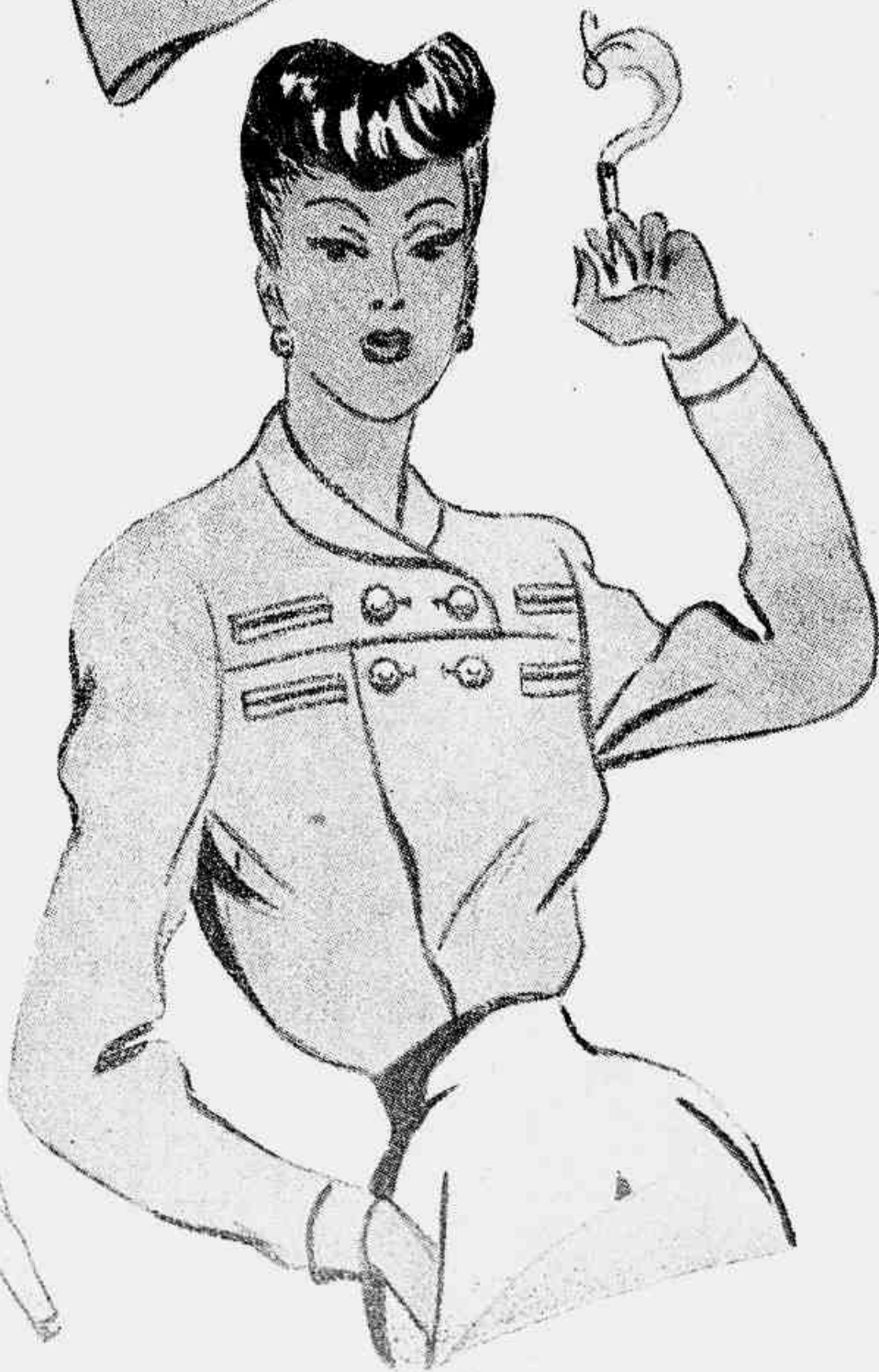
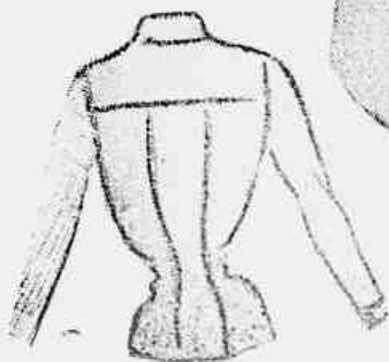
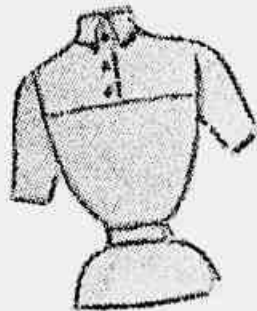
MAIS alguns encantadores e sugestivos modelos de Hollywood, apresentamos nesta página para apreciação das nossas leitoras. Ao alto, à esquerda: "Tailleur" em lã cinza com punhos e mangas bordados e "paillettés". Usa-o Rosalind Russel, da RKO. À direita: Novamente a famosa "estrêla", num "tailleur" em xadrez preto e branco, com transpasse na frente. Em baixo, à esquerda: Betsy Drake, da RKO, usa, para as primeiras horas do dia, um casaco de gabardine de linhas retas e sóbrias. À direita: Casaco de lã inspirado nos modelos usados por Ingrid Bergman em "Joanna D'Arc".



Noves e encantadores modelos de blusas estão aqui estampados nesta página. Em jersey, com tiras pespontadas presas por botões. ★ Em seda pesada, com pregas e botões na frente. Gola e punhos em lustrão branco. ★ Em seda, com recortes e abotoando atrás. ★ Em lã, bolsos embutidos, transpasse original.

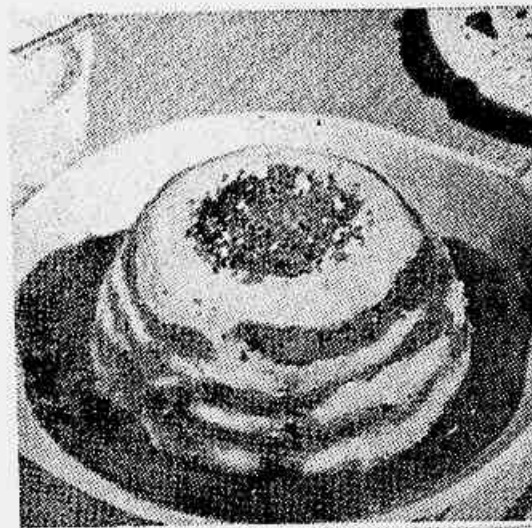


BLUSAS



TOMATES RECHEIADOS FRITOS

Tome 15 tomates como nozes, esvasie dando um talho em cima e recheie com um pedaço de patê de "foie-gras" e passas incrustadas. Pouco antes de servir, frite ligeiramente em manteiga clarificada, fervida e passada num pano fino.



BIFES DE CARNE SÊCA

Escalde um bom pedaço de carne, depois parta em fatias finas como bifés. Faça um refogado com cebola, cheiro, deite aí os bifés, deixe tostar um pouco, junte bastante tomate e 1 xícara de água. Deixe cozinhar até o molho ficar grosso. Tire as cascas dos tomates e sirva com farofa de colhér.

PASTA DE OVOS COM MANTEIGA — para sandwiches

Passe na peneira 6 gemas cozidas e amasse com 2 colheres de manteiga, 2 de queijo ralado e 1 pitada de mostarda. Misture bem e empregue. As claras servem para enfeite.

FAROFA DE COLHÉR

Mande vir à mesa uma farinheira cheia com uma colhér e um bule cheio de água fria e sal. Com a colhér faça um pocinho na farinha e aí deite

1 colhér de água e sal e retire logo a bola que se formou. Passe adiante a farinheira a colhér e o bule. É muito rústico mas interessante.

BOLO DE DOMINGO

Tome ½ pacote de maizena, 200 grs. de farinha, 250 grs. de manteiga, leite de 1 côco ralado, tirado sem água, 250 grs. de açúcar e 6 ovos, as claras em neve. Bata como qualquer bolo e leve a assar no forno, em fôrma untada.

PUDIM DE CAFÉ

Ferva 3 xícaras de leite, 1 de café forte, 1 pedaço de baunilha e 1 pitada de sal. Bata 6 gemas e 4 claras com 4 colheres de açúcar, como para gemada e incorpore aos poucos, sempre mexendo, o leite com café a ferver. Despeje, em fôrma forrada com açúcar queimado e leve a assar em banho-maria.

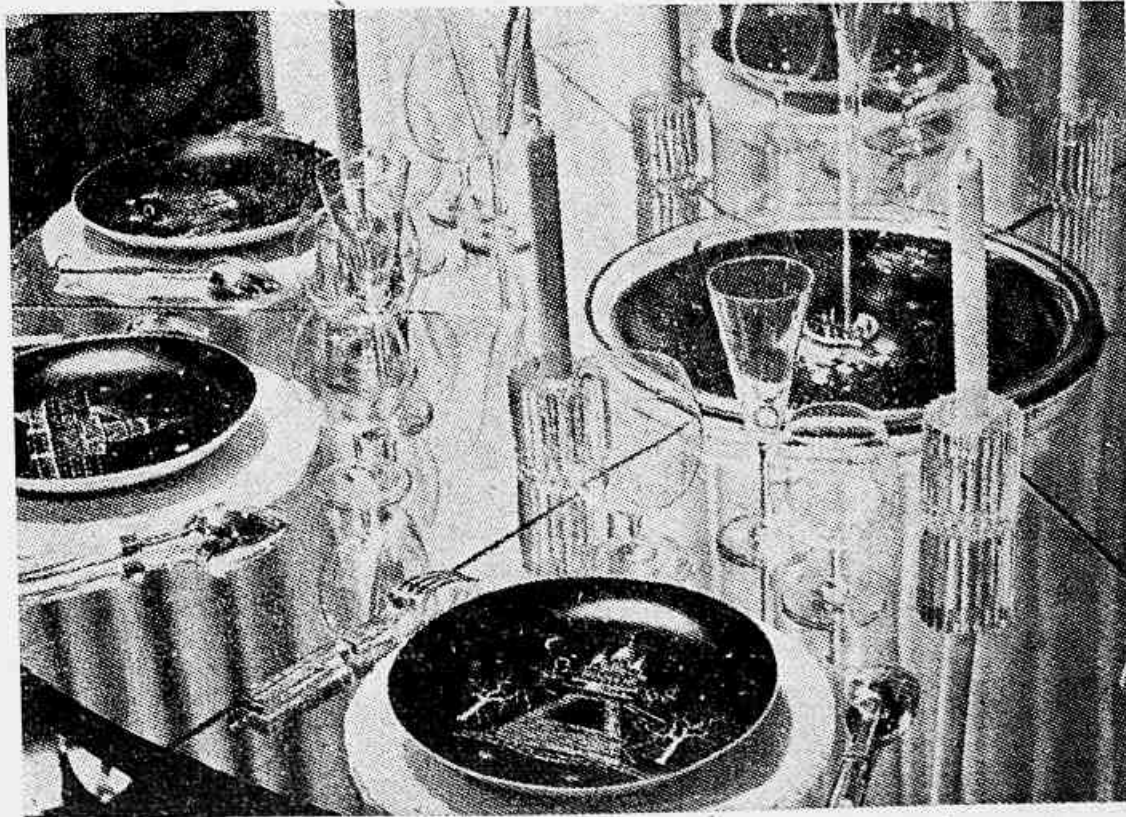
CULINÁRIA

As batatas devem ser colocadas a cozinhar em água fria, porém deverão ser passadas bem quentes.

mornas, porque depois de frias não tomam tempêro.

As batatas para saladas deverão ser temperadas quando

Todo o pudim, doce ou salgado fica melhor quando assado em banho-maria, no forno ou no fogo.



Os castiçais e os copos de cristal formam vivo contraste com os pratos escuros pintados à mão

N O momento em que a ouvi dizer, por telefone, que precisava falar comigo com urgência, tive a mesma impressão que tivera em outras ocasiões, quando pessoas estranhas, de mim desconhecidas completamente, me telefonavam exigindo, quase, que as recebesse e, afinal, apresentavam-se numa atitude exibicionista, ansiosas por descrever-me uma doença, muitas vezes imaginária, por falar-me, com riqueza de minúcias, de seus sofrimentos; no fundo, masoquistas que se compraziam em tê-los e em poder expor aos olhos de outrem um rosário de misérias de toda ordem. Pensei mesmo: trata-se de uma neurótica, como outra qualquer... Pedi-lhe, por isso, que se entendesse com a enfermeira, pois só ela estava ao corrente das horas vagas; ela, porém, não atendeu e, numa voz cheia de angústia, suplicou: "Doutor, receba-me... por favor... já falei com a enfermeira e ela me disse que só para a semana... mas eu não posso esperar, doutor. O senhor poderá me ajudar... atenda-me, o mais depressa possível... hoje mesmo... eu irei a qualquer hora...".

E foi assim que, abrindo uma exceção, cheguei a ouvi-la, exausto, depois de um longo dia de trabalho no sanatório e ali, no meu gabinete de consultas. Atendi-as às 21 horas, e já haviam soado as 12 pancadas da meia-noite e eu, interessado, não mais sentindo a fadiga, continuava a ouvir a história dramática dessa jovem de dezenove anos, que se encontrava, realmente, à beira de um abismo.

Ser-me-lia impossível repetir a narrativa tal como me foi por ela contada, pois que, no início sobretudo, os fatos saíam isolados, como se não houvesse relação entre eles; eram articulados numa linguagem emocional, entrecortada, emitida por jactos, como se ela sentisse necessidade imperiosa de libertar-se daqueles que constituíam uma carga mais pesada, ao mesmo tempo que procurava justificar sua fraqueza, a falta de coragem para levá-los até o fim. Basta dizer que começou desta forma: "Doutor, eu matei minha mãe...", e parou, olhando-me perscrutadoramente, temerosa do efeito que sobre mim tivera essa afirmativa, mas também com tal expressão de angústia que não pude considerá-la como a tantas outras mulheres, frustradas na vida, sequiosas de sensacionalismo, de atraírem sobre si próprias a atenção de alguém, seja lá a que preço for. Sentí, mais do que compreendi, que ela me dizia a verdade, ou aquilo que supunha ser a verdade.

Ordenando os fatos, procurando articulá-los melhor e respeitando a ordem cronológica dos mesmos, a estranha história poderia ser contada da forma seguinte:

Num ponto qualquer do território brasileiro, em cidade próxima ao mar e de bastante movimento, nascera a jovem, filha única de um casal que se unira por amor, ambos muito jovens ainda. Ele era oficial de Marinha. Fora ela criada, durante toda a infância, com grande carinho, sobretudo por parte do pai: podia, ainda agora, evocar-lhe a figura, que deixara de ver aos 4 anos e meio; alto, moreno, bigode preto, dentes muito alvos, sempre visíveis entre os lábios risonhos; tinha uma natureza comunicativa e exuberante; recordava-se de algumas de suas atitudes, como do gesto especial de passar-lhe a mão pelos cabelos, de abraçá-la e beijá-la, sempre que chegava a casa. Lembrava-se também dos dois juntos — pai e mãe — ela loura e magra, de grandes olhos azuis, muito cuidadosa sempre com o marido e com a filha.

Depois, um dia, a mãe lhe dissera que o pai fora viajar e que a viagem ia ser mais demorada do que as outras; lembrava-se do jeito da mãe ao falar-lhe nisso, procurando conter as lágrimas, muito emocionada; mas a viagem não teve um fim, porque o pai não voltou. E quando, anos passados, já frequentando a escola primária e sabendo ler e escrever, vendo que suas coleguinhas tinham pai e falavam dele sempre, perguntara, em casa, à mãe, quando o seu regressaria, ela começava por responder com evasivas, furando-se ao assunto. Depois, num dia de que ela não pudera esquecer nunca, acabara por dizer: "Ele não voltará... porque morreu", nada mais podendo acrescentar para esclarecer a morte do pai, que fora viajar e não regressara nunca. Contava, nessa época, quase nove anos e, já então, começava a sentir a angústia de não ter pai — a figura de um homem em casa dar-lhe-lia a segurança que lhe faltava; sentia que não confiava na mãe, achava-a esquiva, retraída, sem naturalidade; não tinha aquele modo espontâneo de rir do pai, nem a maneira alegre de falar e de acariciá-la. Era, na verdade, muito cuidadosa com a casa, com a filha e com tudo quanto se lhe relacionava; mas era um cuidado excessivo e regulado, como se tudo estivesse previamente determinado e a mãe, automaticamente, fosse cumprindo apenas o que estava estabelecido... assim, a vida se fora tornando cada vez mais monótona, vazia de interesses, povoada, somente, por inquietações e temores que eram, primeiro, vagos, difusos, mutáveis, como nuvens em céu sombrio, assumindo formas imprecisas, mas sempre apavorantes, ameaçadoras; depois, o medo passou a tomar corpo. Lembrava-se bem das longas noites de tempestade, em seu quarto muito bem arrumado, transida de terror, ocultando a cabeça nas cobertas, receosa de que, subitamente, a janela se escancarasse e por ela entrasse um monstro trazido pela tormenta. Lembrava-se dos sonhos que a perseguiram constantemente: o mar se tornava todo negro, como se fosse de tinta, mas de tinta grossa, quase pastosa, como lama; as ondas enfurecidas levantavam-se tão alto que escureciam completamente o céu e, na crista dessas ondas, coisas e pessoas se debatiam... ela também lá estava, no redemoinho louco das vagas, lutando sozinha, porque não

havia ninguém para ajudá-la... a figura da mãe projetava-se, como coisa irreal, distante, em imagem diminuída, que se perdia no horizonte, distanciando-se cada vez mais, surda a seu apelo... e, em volta, mais ninguém! Assim, ficava, por longo tempo, a debater-se desesperadamente, até que um vagalhão imenso, descomunal, ameaçava envolvê-la e tragá-la, submergindo-a naquela lama negra para sempre... Então, fazendo um esforço ingente, reunindo todas as energias, dava um grito, agarrando-se à vida, num último e angustiado esforço e, a tremer, acorria, tendo, a seu lado, a mãe aflita a perguntar-lhe o que acontecera, tentando tranquilizá-la, segurando-lhe as mãos. Nesses momentos, refeita do pânico em que ficava, era acometida de uma ira surda contra a mãe que "fugira no momento do perigo e aparecia agora, quando ela já não tinha mais necessidade de seu auxílio...". Mas nada dizia; encolhia-se toda e procurava dormir, fingindo calma, preferindo que ela se afastasse, mas ainda cheia de medo, receando fechar os olhos e ser atacada pelo mesmo pesadelo — o monstro marinho — como o chamava intimamente.

Os anos de menino se foram passando, sempre assim, vazios de alegrias e cada um trazendo nova parcela de angústia, o cérebro a trabalhar intensamente na construção de um mundo interior, para onde costumava exadir-se, por períodos cada vez mais longos e mais frequentes; um mundo onde as coisas assumiam aspectos outros e onde lhe era dado viver num ambiente familiar, igual ao das outras meninas, e onde a figura do pai surgia, a cada momento, acariciando-a e sorrindo de maneira comunicativa, contagiosa e tranquilizadora.

O período da adolescência, ao lado das grandes transformações físicas, mentais e morais, trouxera também profundas modificações a seu mundo interior; ele se tornara mais rico e povoado e nele vivia quase que exclusivamente; refugiara-se em si mesma, fugira de tudo quanto representava a realidade exterior, permanecendo por longas horas, quando regressava do ginásio, trancada no quarto, em solilóquio, arquitetando planos, fazendo considerações em torno de coisas e fatos que tinha ouvido e visto, introduzindo novos personagens nesse mundo, onde já agora a figura do pai não era tão nitida, pois se confundia, às vezes, com um outro herói de romances que a tinha impressionado mais. Seus traços não lhe surgiam tão firme, no entanto ela o sentia mais vivamente, era muito mais intensa a necessidade que tinha dele, tão forte que parecia emanar de seu próprio corpo.

A falta do pai envenenara-lhe completamente a adolescência, não deixando que nenhuma alegria fosse total nem verdadeira, pois que havia, sempre, uma nota angustiante no vácuo deixado por essa ausência. Certos dias, sentia-se como uma inválida, a quem faltassem, por exemplo, as pernas, impossibilidade de locomover-se, sem a ajuda dos outros. Detestava, desde essa época, a mãe e tinha perfeita consciência disso; conhecia também o motivo do fato, agora, quando certos episódios lhe apareciam com extraordinária nitidez — atribuía a ela, à falta do pai; imaginava mil coisas diferentes, mas não aceitava aquela morte; achava que nada fora natural, mesmo porque, pensando bem, não se recordava de ter visto a mãe de luto, como era costume e como se vestiam todas as mulheres que perdiam o marido. Havia, além disso, outra coisa que a preocupava e a levava a rejeitar o que a mãe dissera — nada existia em casa que pudesse evocar a figura do morto, nem retratos, nem objeto de espécie alguma, nada; nem mesmo a mãe falava em seu nome, nunca lhe fizera a mínima referência. Um dia, quando contava, ainda, sete anos e frequentava a escola primária, tentara falar a respeito do pai, e bem sentira que a mãe desconversara, mudara de assunto, sem dar resposta à pergunta que lhe fizera.

E não só esses, mas uma série de outros pequenos fatos a tinham levado a desconfiar que o pai não morrera e, então, múltiplas interrogações torturavam, como motivos constantes, seu espírito: "Que acontecera? Onde estava o pai? Por que a mãe mentira? Por que o pai se afastara e nunca mais voltara para vê-las?". E tudo quanto lhe acudia à mente, como resposta, era de molde a acusar a mãe — "por causa dela... ela não o prendeu junto a si... ela o afastou... ela é a culpada... ela mentiu... ela... ela... ela...".

Emergindo de uma dolorosa adolescência, entrara na mocidade, tendo amadurecido muito cedo para o sofrimento, mas profundamente ignorante a respeito de muitas coisas que as meninas, em geral, já sabem, e pelas quais passara incólume, sem querer tomar conhecimento, fugindo mesmo, quando, na hora de recreio, em pequenos grupos, as colegas, pontilhando a conversa de olhares e risinhos maliciosos, faziam referências às coisas misteriosas do sexo. Não sabia por que, mas tinha receio, nessas ocasiões; parecia que alguma coisa indefinível, dentro dela, a afastava de conhecer aqui que todas, em sua idade, ansiavam por saber; era uma espécie de temor cuja causa, até agora, não pudera decifrar. Nunca se aproximara da mãe para uma confidência e, sendo ambas naturalmente reservadas, os anos, em vez de estabelecerem entre elas uma confiante amizade, tinham erguido enorme muralha, que não poderiam transpor, para ir uma ao encontro da outra. As conversas, em casa, quando se encontravam a sós, recaíam sempre sobre as mesmas banalidades, assumiam o aspecto de obrigação, de necessidade social de dizer alguma coisa, para que o silêncio não fosse absoluto; a conversa, no entanto, jamais tivera o calor de uma con-

fidência, as palavras eram inertes, sem vida, porque não partiam do mundo interior de cada uma delas, nada tinham a ver com os sentimentos que guardavam dentro de si.

Quando fora obrigada a escolher sua profissão — obrigada, sim, porque neste ponto a mãe fora incisiva e clara: "toda mulher deve trabalhar para não ficar nunca na dependência de um homem" — ao terminar os preparatórios, pronunciara-se pela medicina, não para atender a uma real vocação, mesmo porque no estado de conflito em que vivia, não lhe seria possível encontrar a estrada certa, mas levada pelo interesse de conhecer o "mecanismo humano", de saber como funcionava esse animal, de cuja espécie ela era um representante e a mãe outro. Não tinha crenças; fora batizada na religião católica, simplesmente porque os pais tinham decidido levá-la à pia batismal, ato, portanto, alheio à sua vontade; depois, frequentara as aulas de catecismo, porque a mãe o determinara, quando tinha 7 anos, e fizera, da mesma forma, a primeira comunhão. Lembrava-se do dia em que confessara para comungar, porque era essa a praxe, e da forma por que o fizera, sem fé, na mesma atitude que tinha na escola, quando lhe perguntavam alguma coisa, respondendo "sim" ou "não" ao sacerdote, de acordo com o que lhe vinha à lembrança, sem o menor esforço de evocação, ao espírito. Não tivera, ao comungar, a mínima emoção, porque nem chegara mesmo a compreender o que fazia, não atingira a concepção cristã do ato. Crescera sem conhecer o conforto da crença, talvez num sentimento de oposição à mãe que era profundamente religiosa. E' verdade que assistia à missa aos domingos e dia santificadas, mas o fazia por simples comodidade, ou por covardia, para evitar censuras maternas, o que não poderia suportar.

A criatura humana se lhe afigurava uma simples máquina, de maquinismo um tanto misterioso, porém, e que ela, agora, mais do que nunca, desejava conhecer. O temor que a assaltava outrora diante das possíveis revelações,



QUANDO DESCE O PANO

CONTO DE OSWALDO SÉRGIO DE ALENCAR



relacionadas sobretudo com o sexo, fôra substituído por uma curiosidade exagerada, quase que doentia. Esperava obter as informações por que tanto ansiava nas aulas da Faculdade, no anfiteatro, por ocasião das autópsias, nos hospitais. Conservara-se estranhamente ingênua a respeito dos problemas biológicos, mas agora queria saber e, principalmente, definir-se como mulher, pois que, ultimamente, dúvidas a tinham assaltado a respeito de sua personalidade — seria realmente mulher, capaz de ter filhos, ou apesar das formas exteriores, teria características diversas, então, um ser indiferenciado, com tendências anti-naturais? — isso a atormentava, sobretudo porque não sentia a mínima atração pelos rapazes que eram seus companheiros, nem mesmo uma simpatia particular por este ou por aquele, que tinha procurado, tentando uma aproximação. Em seus sonhos de jovem havia, é certo, uma forma masculina, mas embora assumisse aspectos diferentes, ela bem sabia quem estava por detrás deles — pai.

As aulas na Faculdade não a interessaram tão intensamente como ela supusera; algumas eram mesmo fastidiosas e os professores monótonos, dando-lhe a impressão de autómatos que repetiam indefinidamente as mesmas coisas, na mesma forma, fosse qual fosse o auditório; não davam a mínima atenção aos alunos, cumpriam simplesmente o dever, alheios que estavam à vida de cada um daqueles que ali sentados, os ouviam, ignorando-lhes mesmo o nome.

Seus reais interesses, atualmente, concentravam-se na música. Não na música como arte, de um modo amplo, geral, mas nas sinfonias de Beethoven. Ouvindo-as, como que se libertava, destruindo as algemas do pensamento, as quais a traziam, desde quando podia se lembrar, acorrentada às mesmas idéias obsedantes; sobretudo a Nona Sinfonia, a ouvi-la, sua personalidade como que se transformava, integrava-se ao mágico autor e, com ele, pairava, muito distante, longe das figuras "fantoches" que a atormentavam deixando-se conduzir aos páramos da alegria

completa; cada acorde representava um ponto mais elevado nessa ascensão, situando-a sempre mais distante da Terra e mais perto de mundos maravilhosos, em que, normalmente, não acreditava. Em tais momentos, parecia-lhe que havia crenga em seu íntimo, crenga em coisas diferentes, superiores ao terrestre, mas que a levavam a admitir o divino.

Não dispoñdo, porém, de vitrola em casa, onde a vida, embora sem dificuldades econômicas, transcorria, porém, modesta, havendo, apenas, o indispensável conforto, poucos eram os momentos em que lhe era dado gozar de tal felicidade, o que só lhe era permitido quando assistia a algum concerto, ou ouvia as grandes orquestras, através do rádio.

Existia, ainda, um motivo de satisfação para ela, tão grande e intenso quanto a audição da Nona Sinfonia: era caminhar livremente pelas ruas desertas, sob a chuva forte, açoitada pelo vento. Sentia-se, então, irmã da chuva e do vento, livre como eles, levada, sem destino, sem ligações de qualquer espécie com pessoas ou coisas, sem entraves que lhe restringissem a liberdade. De uma feita, ao sair da Faculdade, à tarde, pusera-se a caminhar assim, pela orla do mar, e, quando dera acôrdo de si, saindo do êxtase em que mergulhara, tódá molhada pela chuva torrencial, os cabelos emaranhados sobre a testa, já era noite alta. Regressara a casa, tombando de muito alto, pois que lhe era inevitável encarar a realidade — tinha que dar uma explicação qualquer à mãe que, nessas ocasiões, tinha o hábito de ficar aflita, angustiada com o correr das horas, não vendo a filha chegar.

Quanto ao cinema, interessava-se pouco por ele, principalmente porque não se sentia bem no meio de muita gente, rodeada, por todos os lados, de criaturas humanas; se pudesse sentar sozinha, é possível que alguns filmes, assim mesmo alguns, pudessem prender-lhe a atenção e constituir agradável passatempo, mas o fato de se ver cercada de povo a preocupava tanto que a impedia de

acompanhar o desenrolar das cenas e apreender o argumento.

A situação entre ela e a mãe havia chorado desde um dia em que, estando de visita à madrinha, a ouvira dizer ao marido, referindo-se à sua mãe: "Foi pena que ela não tivesse conseguido prendê-lo; era um homem encantador!"; e, logo em seguida, dando-se conta de que a afilhada, que contava quinze anos, nessa ocasião, apesar de "abstrata e alheia a tudo", poderia ouvir e pensar sobre o assunto, calara-se e desconversara, com muito pouca habilidade porém. Nessa noite, ao entrar em casa, os sentimentos animosos contra a mãe se tornaram tão violentos que lhe parecia não poder contê-los mais dentro de si; teve ímpetos de acusá-la dizendo-lhe tudo quanto pensava, lançando-lhe em rosto seu egoísmo, que a impedira de lutar pela conservação de um bem que era de ambas... mas nada dissera e a grande revolta se transformara em soluços desesperados e silenciosos, afogados sob o travesseiro, para que a mãe não os ouvisse.

Chegou a ter vontade de fugir para qualquer lugar distante, onde ninguém a conhecesse e onde não ouvisse constantemente — "como é retraída esta menina!" — mas nunca o fizera, certamente por fraqueza, temendo enfrentar a vida sozinha; assim, foi ficando dentro daquele lar, que ela odiava, sim — odiava — não havia outra palavra que pudesse definir melhor seus sentimentos para com o lar em que a mãe era a figura máxima.

Ultimamente, a mãe, embora jovem ainda, começara a ser acometida de crises de angina "pectoris", tendo sido a primeira tão forte que julgara vê-la morta; a fisionomia, com a intensidade das dores, de tal forma se modificara, tornando-se lívida, o nariz afilado e as olheiras muito roxas, que a impressão era de um cadáver, semelhante aos que estava habituada a ver no anfiteatro, por ocasião de autópsias. Salvava-se, porém; o médico que a assistia falara sobre a gravidade do caso, temendo que uma dessas crises fosse fatal, e indicara alguns medicamentos, sobre-

(Cont. na pág. 46)

SELECIONADO

PELA

REVISTA DA
SEMANA



ILUSTRAÇÃO

DE ANA

ZAGORSKA



Modestas casinhas em meio a sítios de coqueiros, foram bloqueadas pelas águas das enxurradas e transbordamento dos riachos que desaguam em Maceió, deslocando populações inteiras

A CATÁSTROFE DE MACEIÓ

MACEIÓ, maio de 1949 — Os rigores do inverno, todos os anos, nos meses de abril a agosto, castigam, às vezes, os Estados nordestinos, desarticulando suas atividades normais. Uma série de prejuízos acarretados pela interrupção das vias de comunicação, desabamento de pontes e barreiras, danos causados à indústria, ao comércio, lavoura, funções administrativas, atividades domésticas de numerosas famílias e à própria relação comum de indivíduo para indivíduo, afeta profundamente a economia do Nordeste.

Capítulos trágicos são registrados por esse tempo na vida das populações desses Estados. Agricultores e criadores ficam na miséria com a perda de safras inteiras e de rebanhos. Lares pobres, na cidade e no campo, ruem sob o peso de fortes aguaceiros, ficando milhares de famílias

Numerosas mortes e prejuízos materiais avaliados em 50 milhões de cruzeiros ★ Desmoronamento de barreiras, destruição de casas, pontes e igrejas ★ Inundadas muitas cidades do interior alagoano ★ Só na capital do pequenino Estado nordestino, flageladas mais de cinco mil pessoas

Têxto de FLORIANO IVO JÚNIOR
Fotos de ROBERTO STUCHERT

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

ao desabrigo e privadas de seus pertences. Cidades são inundadas, isolando-se umas das outras com a ameaça de fome e de surtos epidêmicos. Mortes de homens, mu-

lheres e crianças têm lugar antes que se possa tomar qualquer providência acauteladora.

Este é um drama periodicamente vivido

pelos habitantes do Nordeste. Contudo, acontecimentos catastróficos como os verificados em Alagoas nos dias 18 e 19 do corrente, dificilmente se registram. A hecatombe que abalou Maceió e muitos municípios alagoanos se destaca como a mais impressionante tragédia de toda a sua história. Nem mesmo as chuvas caídas em 1909, e a tromba d'água de 1924 produziram os efeitos da catástrofe que enlutou recentemente a terra alagoana, causando ao Estado um prejuízo avaliado em mais de cinquenta milhões de cruzeiros, além de numerosas vidas que se perderam tragicamente, como é o caso de famílias inteiras que ficaram soterradas sob os escombros de casas e barreiras.

RETROSPECTO DA TRAGÉDIA

Segunda-feira 16 começaram a cair as



A esquerda: As águas da lagoa "Mundau" inundaram a "feira de passarinhos", próxima ao mercado público, cuja torre com o relógio é vista ao fundo. A canoa a remo passou por a única condução. A direita: O bairro da Levada, que é banhado pelas águas da lagoa, e onde há grande população de operários e pescadores de sururu, foi severamente castigado pela enchente



Em cima: Os subúrbios de Maceió são baixos, quase ao nível do mar, salvo aqueles que se formam no alto do Farol. Aqui vemos uma das zonas flageladas pelas águas, invadindo residências e alagando os campos. Em baixo: As ruas para os lados do Poço, Mangabeira, Ponta Verde, Pajuçara, etc., foram dominadas pela enchente dos riachos que desaguam na parte baixa da capital alagoana. Aqui a vista de um subúrbio





em cima: Vista parcial da rua Barão de Atalaia que foi totalmente destruída pela queda das barreiras. Ainda hoje bandos de urubus sobrevôam o local de onde se exala o mau cheiro de cadáveres soterrados. Em baixo: Esta foto nos dá uma idéia do que foi a tragédia de Maceió. Trecho da rua Barão de Atalaia onde tantas vidas desapareceram quando as barreiras destruíram-na por completo



Em cima: Nesta residência, da qual
so se vêem lama e escombros foi
soterrado o maior número de pes-
scas vítimas pelos desabamen-
tos: dezesseis, ao todo, incluindo
várias crianças. Em baixo: Aspé-
cto desolador de largo trecho da
rua Barão de Atalaia, que era uma
das mais interessantes e extensas
de Maceió. A esquerda, um trecho
do morro fatídico



Em cima: Ainda não se conhece, exatamente, o total de mortos da catástrofe de maio em Maceió e arredores, calculando-se em mais de duzentas pessoas. Aqui um cadáver retirado da lama. Em baixo: Visão do momento em que era retirado dos escombros lamacentos de sua residência da rua Barão de Atalaia, o cadáver do capitalista Júlio Ferreira de Melo





A esquerda: Um dos corpos encontrados pela turma de socorro, minutos após a remoção dos escombros. A direita: Este montão de escombros marca o fim de uma residência outrora feliz, vendo-se, sob restos de palmeiras derrubadas, um automóvel bastante danificado pelo trágico desabamento

primeiras chuvas torrenciais de inverno em Maceió. De início a população não chegou a se preocupar com o aguaceiro, comum neste período do ano. No dia seguinte o tempo não apresentava melhoras, continuando a chover sem interrupção de um só minuto. Na quarta-feira 18, com mais de cinquenta horas de chuva, a capital do pequenino Estado brasileiro começou a sentir os primeiros efeitos agressivos da força dos elementos. Faltou energia elétrica. Os bondes e ônibus paralisaram seus serviços porque as ruas centrais e os bairros estavam alagados. Casebres e arrabaldes pobres foram cedendo à inelutabilidade do aguaceiro, uns caindo completamente e outros ameaçando ruir. Famílias iam ficando desabrigadas. O governo do Estado e a Prefeitura Municipal tomaram as primeiras providências, no sentido de recolher os deslocados em próprios públicos. As atividades no comércio, indústria, bancos, autarquias e repartições paralisaram porque os bairros estavam isolados, sem transportes, havendo até dificuldade de se atravessar de uma rua para outra.

AS PRIMEIRAS MORTES

Logo às 12 horas do dia 18 teve-se notícia das duas primeiras mortes ocorridas em consequência do desmoronamento de barreiras dos morros do Farol, bairro localizado na cidade alta. Foram vítimas iniciais da catástrofe que se esboçava o alfaite e esportista José Rodrigues e a doméstica Antônia Maria da Conceição. Esta mulher sucumbiu justamente na rua Barão de Atalaia, artéria que, 20 horas depois, ficaria totalmente destruída num grande trecho e seria teatro da mais comovedora tragédia coletiva de que se tem notícia na história dos invernos nordestinos.

OS DESABAMENTOS DA MADRUGADA DO DIA 19

Na madrugada de 19, aproximadamente às 3 e 30 horas, quando as chuvas caíam com uma violência assustadora, verificou-

se a inominável catástrofe da rua Barão de Atalaia. Profundas fendas abertas nas arestas do morro do Farol deram lugar ao desprendimento de colossais barreiras que, numa avalanche, rolaram sobre essa artéria da parte baixa da cidade, soterrando casas dos lados esquerdo e direito.

As residências do lado esquerdo, que confina com o morro, já haviam sido abandonadas em grande número nos pontos onde o perigo de desmoronamentos era mais iminente. Contudo, noutros lares desse mesmo lado, os seus ocupantes só saíram na hora da catástrofe, motivo por que, além das mortes, muitas pessoas ficaram gravemente feridas e ainda hoje estão internadas em hospitais e casas de saúde.

A avalanche, porém, em sua violência, não só atingiu em cheio o lado esquerdo da rua Barão de Atalaia; no arremesso do barro, troncos de árvores e pedra arrancou postes da iluminação pública, muros, derrubou casas, indo projetar-se sobre o lado oposto, destruindo totalmente construções sólidas e onde se abrigavam numerosas famílias da parte esquerda que pensavam estar seguras e livres do perigo.

Conforme o depoimento impressionante feito por pessoas que assistiram à tragédia, os desabamentos não se verificaram de uma só vez. Foram se sucedendo por etapas de alguns minutos, dando oportunidade a que muitas famílias pudessem deixar seus lares em tempo. Aliás, o sr. Eurico Jucá Régio foi dos primeiros a perceber o desmoronamento inicial e correu todo o trecho sinistrado aos gritos de socorro, avisando o perigo e pedindo que a vizinhança deixasse suas casas.

Pelo fato de as barreiras caírem parceladamente, a extensão da catástrofe não foi maior. Mesmo assim, a tragédia revelou-se de uma brutalidade inenarrável. Os que a assistiram não puderam descrevê-la com exatidão, tal a hediondez da cena. A instalação elétrica ficou no chão e os fios ocasionavam tremendos curto-circuitos.

Centenas de toneladas de barro desprendidas das encostas surpreenderam homens, mulheres e crianças em seus leitos quando dormiam, e por ocasião da remoção dos escombros retiraram-se cadáveres na posição em que foram soterrados: uns abraçados, outros ao lado de objetos que carregavam na fuga, alguns próximos às portas quando — presume-se — tentavam abrir a fechadura.

A rua Barão de Atalaia transformou-se num montão de escombros coberto de lama pesada e pegajosa. Tinha-se a impressão de que ali não ocorrera um desabamento, mas tivera lugar um bombardeio aéreo ou ataque de artilharia. A cena era uma lembrança de Pompéia soterrada pelas cinzas e pedras do vulcão.

OS PRIMEIROS SOCORROS

As quatro horas da manhã procederam-se aos primeiros socorros oficiais, embora particulares e famílias sinistradas, com perigo de ficar carbonizadas por um choque elétrico, já empreendessem buscas numa tentativa vã de salvar amigos e parentes que estavam desaparecidos.

O secretário do Interior, sr. Góis Ribeiro, mobilizou a tropa de Bombeiros, Polícia Militar, Guarda Civil, sentenciados da Penitenciária do Estado, turmas de trabalhadores da Comissão de Estrada de Rodagem, Departamento de Obras Públicas, Serviço Nacional de Malária e Peste, Comissão de Saneamento e outros serviços públicos para os trabalhos de salvamento e remoção de escombros. Tratores e máquinas de terraplanagem foram utilizados na retirada de barro e destroços. Todos os veículos de carga do Estado e do município tiveram de ser destacados para o local da hecatombe.

O governador Silvestre Péricles, o prefeito João Vasconcelos, os engenheiros de órgãos administrativos e os médicos sanitários estiveram na área sinistrada tomando urgentes providências.

Os comandantes do 20º B. C., tropa do

Exército, e do destacamento da Força Aérea Brasileira também colaboraram nos serviços de remoção de escombros, pondo à disposição do Governo pelotões de soldados e viaturas.

AS VITIMAS SOTERRADAS

As seis horas começaram a ser desenterradas as vítimas dos desmoronamentos, levadas em caminhões para o Necrotério Público. Quatro dias depois da catástrofe os urubus em bandos sinistros ainda sobrevoavam o local dos lutosos acontecimentos. Corpos então eram removidos, desfigurados, em estado de decomposição e irreconhecíveis.

Perderam a vida na rua Barão de Atalaia as seguintes pessoas: Mário Mendes, sua esposa, sra. Doralice Barros Mendes, e cinco filhos menores, Mariuze, Verônica, Marize, Viviane e Mário Ney; sr. Fernando Caldas, srta. Maria Cândido Soriano, srta. Maria Teresa Cerqueira, sra. Maria Alves Caldas, sra. Dalva Rocha Leite, sr. Paulo Mendonça, sr. José Diogo Sarmento, sr. José Tavares de Mendonça, sr. Mário Moraes, sr. Amálio Lopes, sra. Otacília Lopes, sr. Júlio Ferreira de Melo, três mulheres e seis menores que não puderam ser identificados.

PESSOAS FERIDAS

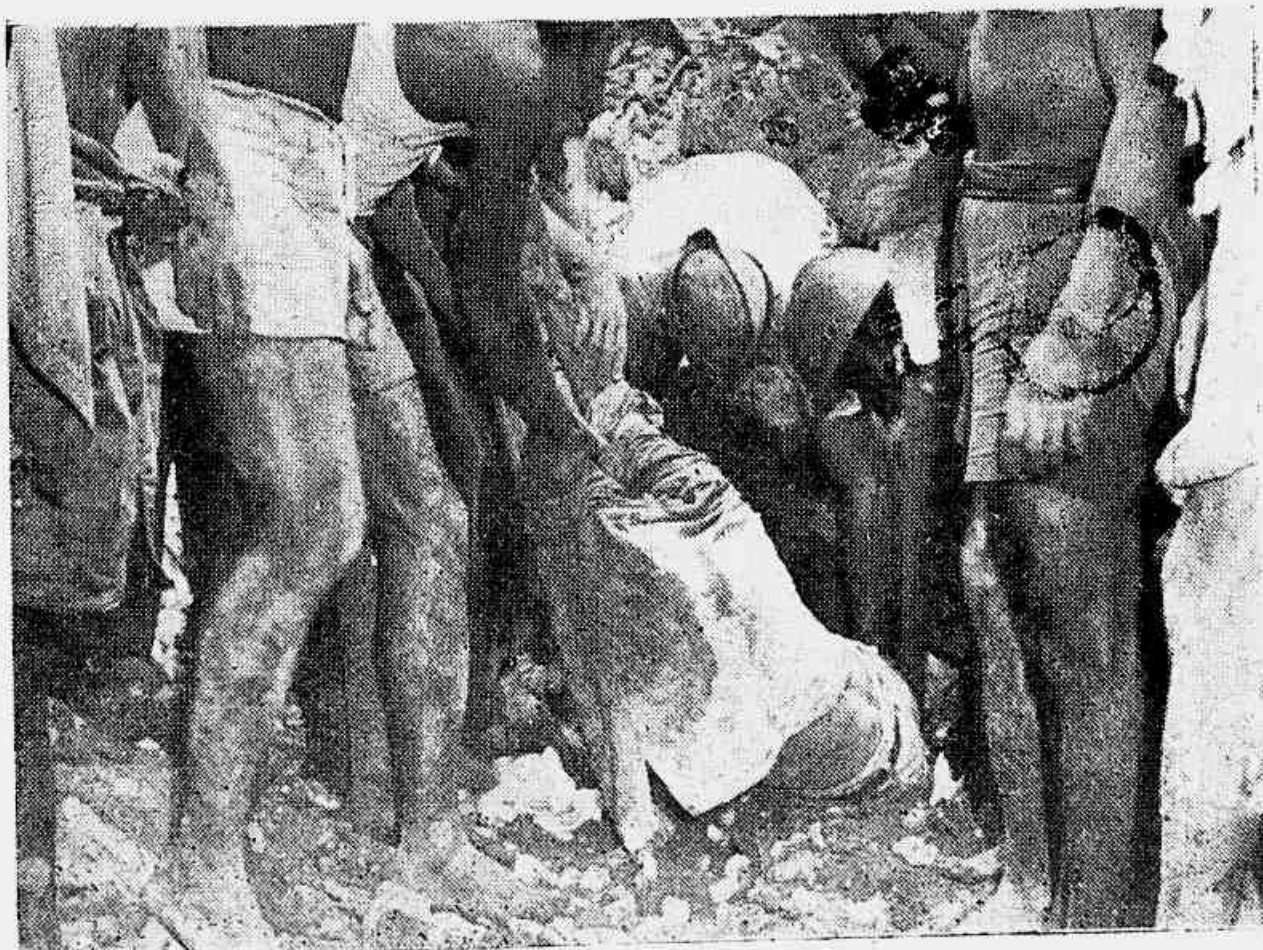
No Pronto Socorro foram atendidas e internadas numerosas pessoas feridas no desabamento, cujos nomes deixamos de enumerar em virtude da extensão da lista.

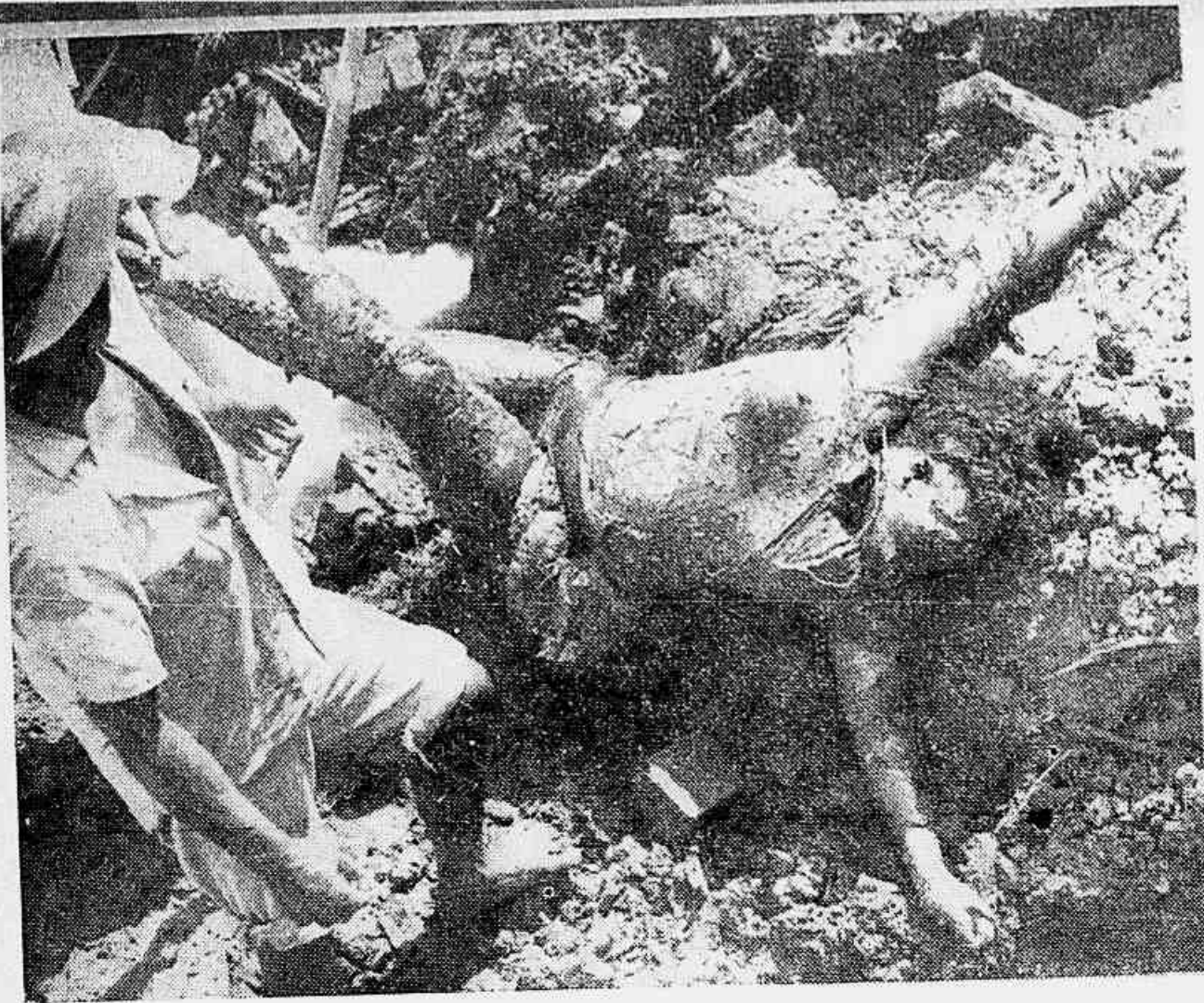
Essas vítimas da catástrofe salvaram-se por milagre. Depois do ocorrido não se sabe como tiveram tempo de correr todo um trecho totalmente destruído, entulhado de escombros e com toda a rede elétrica de fios estendida no chão.

OUTROS DESABAMENTOS

Na localidade de Reginaldo, onde corre um riacho aparentemente inofensivo, mas que quando chove transborda em seu leito normal, inundando ruas e derrubando

A esquerda: Logo após os soterramentos verificados em ruas da capital alagoana, várias turmas de socorro foram enviadas para o local dos dramáticos acontecimentos, desenterrando-se cadáveres. A direita: "Close-up" tomado em certo ponto do morro do Farol, mostrando uma fenda de 85 centímetros, prenúncio de mais um desabamento das barreiras, que poderá repetir as tragédias





A esquerda: Corpo de identidade ainda desconhecida e que foi desenterrado passados quatro dias da tremenda catástrofe de maio, já em adiantado estado de decomposição. A direita: Corpos de crianças encontrados nos escombros de casas destruídas pela cheia do riacho "Reginaldo", cuja torrente derrubou muitas casas e alagou várias ruas de Maceió

casas, também desabou uma barreira sobre duas palhoças, causando seis mortes de mulheres e crianças.

No povoado de Fernão Velho, vila operária, uma barreira caiu sobre a rua do Cajueiro, provocando a destruição de cinquenta casas do lado do morro e perda de vidas. O número de mortes ainda não foi previsto com exatidão porque toda a área está inundada, sendo quase que impraticável os serviços de remoção de escombros. Contudo, doze corpos já foram identificados.

BAIRROS ALAGADOS, FAMÍLIAS FLAGELADAS

Quase todos os bairros de Maceió ficaram isolados uns dos outros, devido à inundação de ruas. Milhares de casas, principalmente nas zonas pobres, caíram sob o peso do aguaceiro. No Ouricuri, Pinheiro, Farol, Pitanguinha, Favela, Jacintinho, Gulandim, Bebedouro, Poço, Trapiche da Barra, Levada, Prado, Jaraguá, Pajussara, Mangabeiras e outros locais, numerosas famílias perderam seus lares, sendo abrigadas em próprios públicos pelo Governo do Estado, Prefeitura, instituições autárquicas e assistenciais.

Onde há uma semana trafegavam bondes e automóveis, hoje a única condução são canoas movimentadas a remo, assim mesmo disputadas com dificuldade.

DESABAMENTO DE PONTES

Na capital ruíu a ponte da avenida Duque de Caxias, que ligava o centro com o bairro comercial de Jaraguá. O engenheiro-construtor dessa obra, dr. Edgar Lobão, em declarações à imprensa, atribuiu a responsabilidade da ocorrência ao Departamento Nacional de Obras de Saneamento, porque não fez os serviços de proteção incluídos no seu plano de atividades para Maceió.

Também ruíu uma ponte no bairro do Poço e via de acesso a outros arrabaldes.

Os desabamentos da rua Barão de Atalaia têm como principal responsável, acusada pela opinião pública, o governo federal, porque a tragédia de 19 último havia sido prevista diversas vezes. Relatórios foram feitos neste sentido e enviados aos poderes centrais da República, sem que nenhuma providência efetiva fosse tomada em tempo.

CAIU UMA IGREJA

A igreja da paróquia de Santa Rita, no bairro do Farol, desabou em consequência das chuvas, não havendo vítimas a enumerar. Outros templos, como as igrejas de Nossa Senhora do Livramento e de Nossa Senhora do Rosário, ameaçam ruir porque profundas rachaduras foram constatadas nos paredões de suas torres. Numa delas populares ouviram os sinos bater brandamente sem que ninguém puxasse as cordas dos badalos.

O FAROL E O CAIS DO PORTO

O farol da cidade, principal pósto de sinalização marítima do Estado e um dos melhores do País, com poder de iluminação de trinta milhas, é olhado com receio, porque sua base está muito próxima do local de onde se desprenderam as barreiras, sendo que a casa do faroleiro fica a dois metros e meio de uma fenda aberta no terreno. Os seus moradores já abandonaram essa residência.

O cais de Jaraguá, ao mesmo modo, não oferece segurança porque é um pórtio diferente dos demais do Brasil. Não tem proteção, avança mar a dentro e fica sujeito à fúria dos elementos.

Nas setenta e duas horas de chuvas ininterruptas caídas sobre Maceió, o cais foi assediado com violência pelas ondas. Muitos cabos foram partidos e alguns vapo-

res surtos no pórtio levantaram ferros, ancorando adiante.

O SEPULTAMENTO DAS VÍTIMAS

Depois da catástrofe, a capital de Alagoas cobriu-se de luto. Uma tristeza imensa pairava sobre Maceió. A população inteira lamentou a tragédia, chegando a exteriorizar seus sentimentos nas fisionomias cabisbaixas. As cenas mais comovedoras de crises de pranto, síncope e largos gestos de solidariedade humana tinham lugar no Necrotério Público e no Hospital de Pronto Socorro.

A tardinha, por ocasião do sepultamento das vítimas, os préstitos desfilavam morosamente nas ruas em demanda dos cemitérios. Os ataúdes de famílias inteiras eram carregados à mão, numa fila interminável, uns atrás dos outros. Sepulturas de emergência tiveram de ser abertas no Cemitério de S. José e até turmas de diaristas municipais foram destacadas para ajudar os coveiros.

CRESCERAM AS ÁGUAS DA LAGOA MUNDAC

As águas da lagoa Mundaú cresceram assustadoramente, inundando bairros e povoados ribeirinhos. Em Bebedouro os únicos transportes eram frágeis canoas, o mesmo acontecendo na Levada e Bom Porto.

Nos povoados de Coqueiro Sêco e Fernão Velho, as águas da lagoa atingiram ruas e casas. A fábrica de tecidos da firma Othon Bezerra de Melo sofreu sérios prejuízos com a inundação de seções de máquinas e depósitos de algodão. Em Coqueiro Sêco morreram o agricultor Benedito Tomé e sua esposa.

DANIFICADOS OS RESERVATÓRIOS D'ÁGUA

As chuvas danificaram em diversos pon-

tos os reservatórios d'água de Maceió. Barreiras desabaram sobre o açude, e a rede adutora sofreu arrombamento em vários lugares. Assim, os bairros de Poço, Jaraguá e Pajussara estão com o fornecimento d'água suspenso. O engenheiro Floro Dória, da Comissão de Saneamento, com todo o seu pessoal de serviço, vêm trabalhando dia e noite, no sentido de reparar as avarias e impedir que grande parte da população venha a sofrer o flagelo da sede.

AÇÃO EFICIENTE DAS AUTORIDADES

Convém salientar a ação eficiente das autoridades alagoanas neste transe difícil para a coletividade. Logo que se verificou a catástrofe, o governador Silvestre Péricles telegrafou aos poderes centrais da República cientificando as ocorrências e solicitando auxílio, sendo, posteriormente, aberto um crédito de vinte milhões de cruzeiros pelo governo federal. O dr. Antônio de Góis Ribeiro, secretário do Interior, no dia seguinte à calamidade, viajou ao Rio para um entendimento com o presidente da República e representação alagoana no Congresso. A Prefeitura de Maceió abriu um crédito de cem mil cruzeiros para despesas de emergência com os flagelados.

O número de pessoas abrigadas em próprios públicos atinge a elevada cifra de cinco mil entre homens, mulheres e crianças.

CAMPANHA SANITÁRIA CONTRA EPIDEMIAS

Também o Departamento Estadual de Saúde e sub-postos, auxiliados pela Cruz Vermelha Brasileira, seção de Pernambuco, que enviou a Maceió uma equipe de estudantes de medicina com donativos em medicamentos e agasalhos angariados no Recife, estão desenvolvendo ampla campanha sanitária no seio da população, notada-

(Continua na pág. 47)

A esquerda: Cena trágica, dantesca, emocionante, de uma família inteira que pereceu sob os escombros de seu lar, na rua Barão de Atalaia, naqueles dias pavorosos de maio último. A direita: Membros da família do funcionário público estadual Mário Mendes, mortos pelos desabamentos da rua Barão de Atalaia, à falda do morro do Farol, a 19 de maio último



mento nas zonas flageladas, para impedir surtos epidêmicos, mediante vacinação em massa.

É comum encontrar-se em Maceió, mesmo nas localidades mais afastadas, turmas voluntas de médicos e enfermeiras, formando comandos sanitários, que faz a medicação em adultos e crianças. O trabalho está sendo facilitado pela compreensão popular diante da situação difícil a que chegou a capital alagoana depois da catástrofe.

Todos os flagelados têm sido examinados por sanitaristas, com transferência para os hospitais de isolamento dos portadores de moléstia infecto-contagiosas.

NO INTERIOR DO ESTADO

No interior do Estado a situação não é menos séria. Com o desabamento de pontes e barreiras, obstruindo o tráfego rodoviário nas estradas tronco das zonas norte e sul, não há nenhuma via de comunicação terrestre, mesmo de uma cidade para outra.

Alagoas está isolada dos Estados vizinhos de Pernambuco, Bahia e Sergipe, onde as ligações só são feitas via aérea, assim mesmo com dificuldade.

A linha férrea da Great Western para Recife e Palmeira dos Índios, município alagoano da zona sertaneja, está seriamente danificada em diversos pontos. Conforme depoimento dos engenheiros da empresa, os trabalhos de reparação demorarão muitos dias, sendo provável que em três semanas ainda não fiquem terminados.

Verificaram-se colossais enchentes nos rios. Em consequência das chuvas torrenciais também caídas no interior do Estado, a maioria dos municípios alagoanos, como Penedo, Disenabugá, Igreja Nova, Pôrto Real do Colégio, Atalaia, Assembléia, Pilar, S. Luis de Quitunda, São José da Lago, Murici, Conceição do Paraíba, União dos Palmareis, vilas e povoados estão inundados e sofreram pesados prejuízos materiais, registrando-se também muitas mortes.

A lagoa Manguaba inundou a parte baixa das cidades de Pilar e Marechal Deodoro, e nas ruas comerciais e fabris a água subiu mais de um metro.

O abastecimento para o interior está sendo feito por aviões do Aero Clube de Alagoas, sendo de relevante importância a colaboração do brigadeiro Alves Sêco, comandante da Zona Aérea do Nordeste, sediada no Recife, pondo aviões da P.A.B. à disposição do governo alagoano para o transporte de víveres e agasalhos.

ESFORÇOS DA LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA

A Legião Brasileira de Assistência não tem medido esforços no sentido de amparar os desabrigados. Como os seus atuais recursos são modestos, o seu presidente, sr. Luis Campos Teixeira, expôs à direção central da instituição a impossibilidade de atender a muitas das famílias necessitadas que estacionam às portas de seu prédio, solicitando, ao mesmo tempo, a abertura de um crédito especial.

DEMONSTRAÇÕES DE SOLIDARIEDADE

O que tem confortado a coletividade alagoana são as demonstrações de solidariedade vindas de todas as partes do Brasil. Pernambuco tomou a iniciativa, prestando ainda hoje valiosa colaboração ao poder público de Alagoas na assistência aos flagelados. Na capital pernambucana foram organizados comitês de socorro, e nas ruas principais faixas alusivas à catástrofe de Maceió apelam para a generosidade do povo daquele Estado.

Organizado pela Rádio Jornal do Comércio virá a Maceió um "Trem da Solidariedade" com mantimentos e víveres para as famílias pobres desabrigadas.

Também o interesse demonstrado pelo povo carioca, seus órgãos de divulgação, pelo governo de S. Paulo, Distrito Federal, pelos Serviços Sociais da Indústria e do Comércio, IPASE, outras instituições e particulares têm comovido profundamente a coletividade alagoana.

Nas ruas de Maceió os bandos precatórios constituídos de coletores dos estabelecimentos femininos recolhem donativos em favor das vítimas da catástrofe. Na imprensa alagoana listas de socorro foram abertas para auxílio aos flagelados. Uma Comissão de Emergência, para fazer um levantamento estatístico do número de vítimas e montante de prejuízos causados, foi organizada e trabalha ativamente.

Os corredores da Prefeitura de Maceió estão abarrotados de caixotes de medicamentos, víveres e agasalhos oferecidos por firmas e pela sociedade pernambucanas.

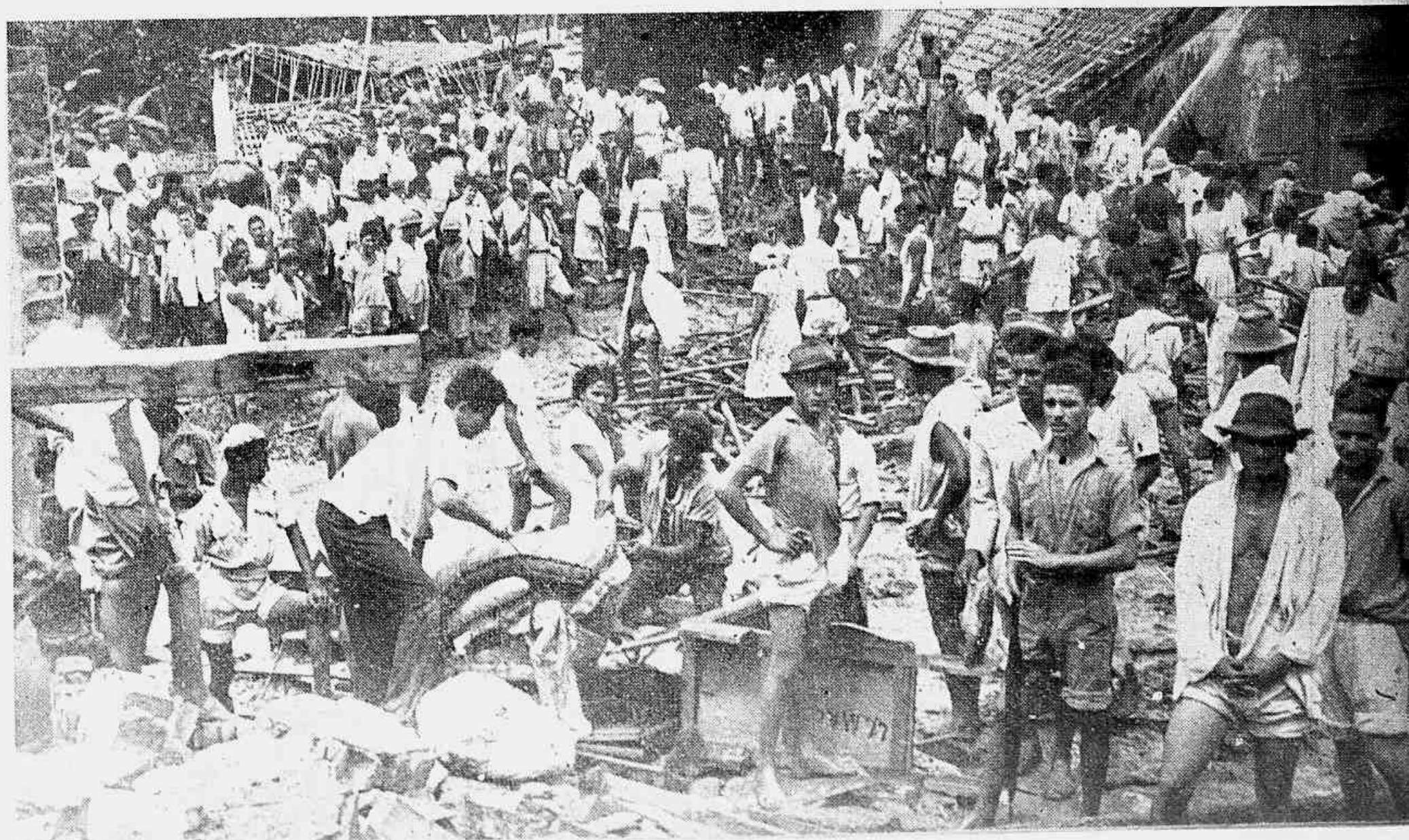
(Continua na pag. 51)



De cima para baixo: Maceió é rodeada de arrabaldes encantadores, com belos sítios e xácaras florescentes. No local do lamaçal haviam algumas residências felizes. Agora a desolação e o luto. ★ Vista tomada do alto de uma das abas do morro fatídico, sobre um trecho do que resta da rua Barão de Atalaia, após o terceiro desabamento da barreira do Farol. ★ Em meio à grande

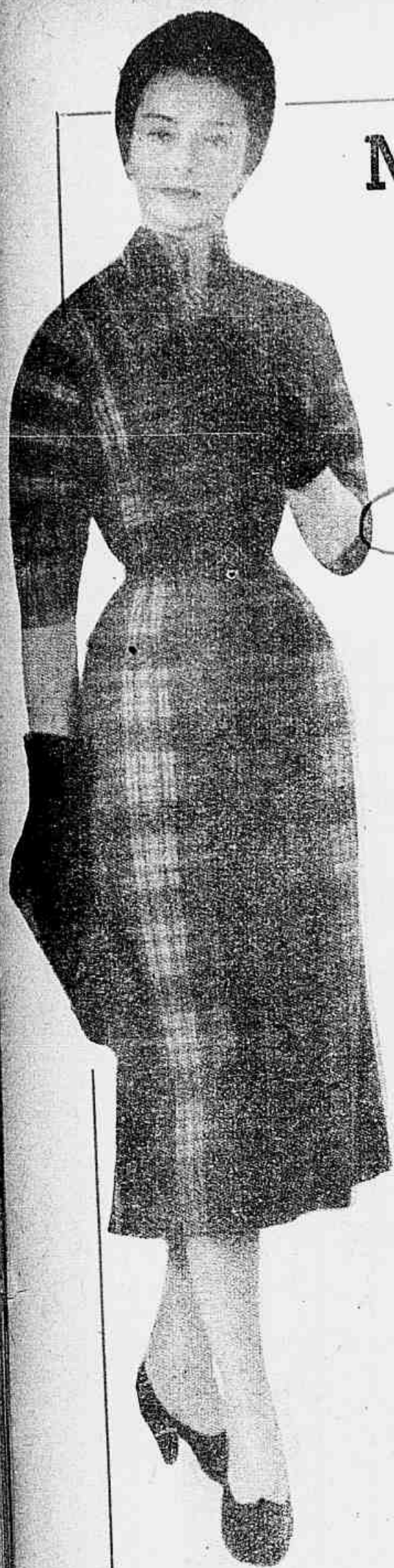


confusão, as famílias atingidas pela desgraça procuram salvar, entre os escombros daquilo que foi centro residencial, alguns objetos de mais valor



MODELOS EM

Lã



Ao alto, modelo de linhas sóbrias em fina lã bege, gola alta, saia com original recorte simulando um avental

A esquerda: De Nina Ricci, modelo em lã preta, saia drapeada, capa guarnecida de "renard". No alto da página, também de Nina Ricci em lã quadriculada predominando o vermelho.
Gola alta

A direita: Worth sugere este lindo modelo em lã crême, mangas justas, gola fechada, saia em plissé "soleil", abotoado atrás



Em baixo: Modelo de Henry, em lã cinza, talhe alto, saia com pregas pespontadas até a altura dos quadris



Ao alto: Lindo este modelo com ampla gola pespontada. Saia bem rodada com pregas e grandes bolsas também com pespontos



PARA você, que está procurando idéias para os vestidinhos de lã de suas filhas, reunimos aqui algumas sugestões bastante graciosas. Pequenos "tailleurs" em tecidos diferentes ou mesmo guarnecidos de peles, vestidinhos com gravata de veludo, cada qual mais interessante e mais "chic", vestirão suas filhinhas neste inverno. À esquerda, algumas encantadoras sugestões; em baixo: Traje para rapazinho, em lã cinza. ★ Modelinho para menina simulando bole-ro. ★ Vestidinho em veludo marinho, gola em "panos", golinha branca de fustão. ★ "Manteaux" para menina, com recortes e "pestana" pespon-tada. ★ Vestidinho em lã com losan-gos em relêvo na blusa e nos bolsos.



Crianças



A esquerda: O deputado Jorge Calmon ao proferir a oração. À direita: A assistência que ocupou as dependências do Cine-Excelsior

CONSAGRAÇÃO DE UM APÓSTOLO DO BEM

BASTANTE significativa foi a homenagem que a Bahia prestou a Frei Hildebrando Kruthaup em reconhecimento aos seus méritos pelas vultosas realizações de assistência social que o religioso franciscano tem levado a efeito.

O idealizador do Círculo Operário da Bahia, instituição que reúne 15.000 operários prestando-lhes toda assistência e às suas famílias, levou a efeito ainda este ano a concretização do grande edifício onde se acha instalado o Cine-Roma, um e outro pertencentes ao Círculo, e a Casa de Retiro São Francisco, outra expressiva realização de sentido social-religioso que tem merecido a apreciação de quantos a visitam.

Pelos seus empreendimentos de expressiva significação, bem mereceu Frei Hildebrando a homenagem que teve lugar a 4 de maio, no salão do Cine-Excelsior, cons-

tando de sessão solene presidida pelo prefeito de Salvador, sr. Wanderley de Araújo Pinho, que fez entrega ao religioso franciscano, em nome da Bahia, do título de Cidadão Brasileiro, falando nessa ocasião o deputado Jorge Calmon que, em belíssima oração, durante 45 minutos se reportou à personalidade e às realizações do homenageado.

Em seguida, frei Hildebrando em emocionado improviso, agradeceu aquela homenagem, bem como aos seus promotores, entre os quais se destacavam elementos como o sr. Simões Filho, velho batalhador da imprensa, e outros tantos vultos que honraram as tradições da cultura e da sociedade bahiana, às autoridades, e à Bahia, a quem sempre amara de todo coração durante os 25 anos de convívio na terra por ele mesmo eleita como sua Pátria de coração, estendendo ainda o seu agra-

decimento ao presidente da República, Gal. Eurico Gaspar Dutra, pela concessão do título de naturalização que naquele momento solenemente recebera fazendo, por fim um apêlo a todos os brasileiros, a todos os baianos aos quais estendia os braços num grande amplexo fraternal, para que trabalhassem com devotamento pela grandeza da terra bendita que bem merecera ser o berço do Brasil.

Encerrando a solenidade o sr. Wanderley de Pinho disse que, na qualidade de prefeito da Capital, tinha satisfação em receber na comunidade brasileira o cidadão que sempre demonstrara querer tanto à Bahia, trabalhando com interesse pelo seu engrandecimento. E que a Bahia sentia-se satisfeita em ter declaradamente como seu filho, aquele que sempre estivera no seu coração pelos bons serviços que lhe tem prestado.

Após os cumprimentos das autoridades civis, militares e eclesásticas presentes à solenidade, o cidadão brasileiro frei Hildebrando Kruthaup recebeu as demonstrações de estima de milhares de pessoas que desfilaram para abraçar o seu antigo amigo e benfeitor, agora bem merecidamente proclamado irmão de nacionalidade.

Uma banda de música da Polícia Militar abrilhantou a solenidade a que estiveram presentes os representantes do Governador do Estado, do Comandante da Região, do Arcebispo Primaz, o presidente em exercício da Assembléia Legislativa do Estado, secretários de Estado, deputados, presidentes de sindicatos, representantes da Câmara de Vereadores, o presidente da Associação Baiana de Imprensa, e pessoas de destaque nos meios políticos, sociais e trabalhistas, além de numeroso público que ocupava as dependências internas e externas do Cine-Excelsior.



A esquerda: A mesa que presidiu a cerimônia: o prefeito da Capital e demais autoridades. À direita: Ao ser conferido o "Título de Cidadania Brasileira" a Frei Hildebrando



A esquerda: O sr. Wanderley Pinho entrega o título a Frei Hildebrando. À direita: Frei Hildebrando profere o seu agradecimento

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Ja vai longe essa época. Mas continuam vivas as valsas que Strauss nos legou. A despeito dos preconceitos eruditos de muitos musicólogos, há, na lista dos imortais, um nome mantido ali pela estima do povo. E o povo ainda assobia, com o mesmo entusiasmo dos vieneses do século passado, as melodias que se desdobram, suavemente, em compassos ágeis, num convite à dança. Danúbio Azul... O Morcego... E' música que continua a merecer a atenção dos maiores regentes do mundo. Stokowsky Toscanini, Kleiber, entre outros, têm regido concertos com obras de Strauss. O julgamento dos contemporâneos vai recebendo a confirmação das gerações que se sucedem e Strauss continua a alegrar o espirito com sua música fácil, leve, brilhante.

GRETE WIESENTHAL

Já inúmeros coreógrafos tentaram estilizar as valsas de Strauss em interpretações que lhe traduzissem, na dança, a graça e a beleza. Mas, diz a crítica europeia, nenhum, como o Ballet Grete Wiesenthal, conseguiu se aproximar tanto do espírito de Strauss e casar, tão harmonicamente, o movimento do bailado ao ritmo da sua música. Figuras leves, em traços vaporosos, rodopiando, ligeiras, elegantes, risonhas...

Depois do extraordinário sucesso do Ballet des Champs Élysées, teremos o conjunto Grete Wiesenthal, nesta movimentada temporada de 1949.



BALLET DES CHAMPS ELISÉES

Nesse breve comentário devemos mencionar, ainda, Helene Constantine e Irene Skorik, entre as bailarinas, e Youry Algaroff do grupo masculino.

Desde que atravessou, recentemente, uma grave crise, a Orquestra Sinfônica Brasileira vem tentando recuperar o antigo prestígio. E é inegável que tem apresentado regentes de indiscutível competência, como Lamberto Baldi. Trata-se de um artista culto, dotado de grande sensibilidade.

Ouvimolo em mais um concerto excelente. Interpretando a suite "Ma Mère L'Oye", de Ravel, com delicada simplicidade e discreta emoção, soube colorir admiravelmente essa página. Incluindo a Chula de Assis Republicano, peça leve, bem orquestrada, a Canzone, de Gabrieli, e as Danças Polovetzianas, do Príncipe Igor, o programa reservava, como atração especial, o Concerto de Mozart, para violino de orquestra, no qual Anselmo Zlatopolsky apareceu como solista. Sem se destacar, excepcionalmente, ofereceu uma interpretação segura e bem acabada.

Ainda que seja um imigrante solitário, fugido à polícia de sua terra natal? Aquela noite, depois do trabalho, o corcundinha voltou para casa com as faces em fogo.

Agora ele não era mais um "estrangeiro" alemão, mas um pioneiro americano. Devia, pois, adotar um nome americano. Charles August Rudolph Steinmetz? Charles Rurolph Steinmetz? Charles August Steinmetz? Não; nenhum desses nomes servia; eram muito compridos. Charles Steinmetz? Assim ficava melhor. Mas ainda faltava alguma coisa. Ele notara que quase todos os americanos tinham um segundo

V

A companhia mudou-se de Lynn para Schenectady, e revestiu a cidade com uma constelação de luzes. E o rei pigmeu fez a sua entrada triunfal nessa Bagdá às margens do Mohawk. Quando as luzes começaram a fluir dos dinamos sussurrantes, e um milhar de sóis dançaram no ar da meia-noite, Steinmetz compreendeu que alcançara a sua meta. Era esse o santuário milagroso que êle procurava desde a infância. Ali, na cidade elétrica a fervilhar de baterias e condutores de energia — em grande parte devidos às suas fórmulas matemáticas abstratas — sentava-se êle, corcovado, diante do computador, qual moderno Jeová pronto a desferir os seus raios sôbre as cidades dos homens. Um Jeová com uma barbicha vermelha e um charuto barato na bôca. Uma notabilidade em forma de duende. Os jornalistas o assaltavam e fotografavam, na azáfama de "revelá-lo" ao público. Mas êle continuava tímido. Supunha ser a sua personalidade pitoresca o que fascinava as pessoas, e não o respeito por suas idéias e sentimentos.

Saberiam, por exemplo, o motivo que o levava a instalar-se numa enorme casa em Wendell Avenue? E seriam capazes de perceber o quanto se sentia só nesse ambiente luxuoso? A princípio, alugara cômodos em casa de uma senhora. Mas não se sentia à vontade. Queimava os tapetes da propriedade com os seus ácidos, estragava-lhe as paredes com os seus maquinismos, apormentava-a com os ruídos que fazia no laboratório caseiro a todas as horas do dia e da noite. E era por isso que tinham edificado uma mansão — um eremitério que lhe satisfizesse as necessidades de experimentador, um espaçoso templo de luz. Mas tremia à idéia de ir morar no vasto palácio — um rei sem família, sem amigos. Os jornalistas se entusiasmavam com o esplendor da casa, sem se preocuparem com a solidão do proprietário.

Mas ele procurou vencer a solidão. Uma noite, foi visitar o seu ajudante de laboratório — um rapaz que acabava de casar-se. Timidamente, convidou o jovem casal a morar com ele. "Assim, vocês vêem, a minha casa poderá transformar-se num lar". Em breve, talvez houvesse uma família na casa — crianças de corpo mais são que o dele. Algum dia, quiçá, haviam de chamá-lo padrinho...

O casal aceitou o convite e instalou-se na casa de Wendell Avenue. Mas Steinmetz continuava só — fugindo à companhia do próximo, de quem tanto diferia fisicamente. Dos sofrimentos que lhe infligia a sua fealdade, nascera um carinho a todos os seres feios. Cultivava na estufa adjacente à casa um "paraíso disforme" — de pés de cacto. Nada de flores delicadas para ele. Nada de belas ramagens. Somente os feios e desleigantes cactos. Gastou milhares de dólares para preservá-los contra os rigores do inverno. Sua preferência causava arrepios às outras pessoas.

"Se querem realmente dar-me prazer", dizia aos amigos, "mandem-me alguns jacarés". Construiu uma piscina para cinco desses animais e adornou-a com lírios. Quando percorria a manjedoura a sua propriedade, acompanhava-o um vira-latas vulgar, que nunca teria captado a afeição do dono se tivesse o pelo lúcido e uma árvore genealógica. "Mandem-me galinhas doentes e gatinhos anêmicos. Eu os engordarei". E os párias do reino animal vinham aos enxames.

Então chegou o rei do seu "jardim de horrores e deformidades" — um Gila monster, lagarto venenoso do Arizona. Os mais curiosos entre os habitantes de Schenectady recorreram às enciclopédias em procura de esclarecimentos sobre o monstro. "Lagarto enorme e indolente... Tem a cabeça de tamanho igual ao do corpo, e a cauda de tamanho igual ao da cabeça... Com os dois dentes em forma de lança, aferra-se à vítima enquanto a saliva lhe escorre da boca pegonhenta..."

Tal era o seu animal de estimação. Steinmetz encerrou-o numa gaiola e todos os anos colocava a seu lado uma dúzia de ovos. Uma vez por mês a criatura, adormecida ao sol, despertava do seu torpor e comia um ovo. Depois tornava a cerrar os olhos escamosos.

Feias criaturas. Ninguém queria saber delas e, no entanto, conseguiam abrir caminho na vida. Steinmetz fechava maliciosamente os olhos, fumando o seu charuto.

VI

Foi eleito (em 1901) para a presidência do Instituto Americano de Engenheiros Eletrotécnicos. No ano seguinte recebeu um diploma honorário da Universidade de Harvard. "Confiro-vos este grau", disse o presidente Eliot, "como ao engenheiro ele-

trôcnico mais eminente dos Estados Unidos e, portanto, do mundo".

Quando George R. Lunn inaugurou o seu segundo período como prefeito socialista de Schenectady, nomeou presidente do Conselho de Educação o seu correligionário de Breslau. Steinmetz acolheu com alegria essa oportunidade para traduzir em fatos algumas de suas teorias sociais. Aumentou o número de campos de recreio urbanos, instituiu cursos especiais para os mentalmente retardados e para os imigrantes pouco familiarizados com a língua inglesa, e construiu salas de aulas com paredes de vidro em cima das escolas, para as crianças tuberculosas. "Trazei luz às vidas das pessoas — uma luz que não destrói, e apenas cura".

Os cépticos abanavam a cabeça diante da sua atividade social. Como podia esse engenheiro dum grande monopólio harmonizar uma profissão capitalista com os seus ideais socialistas? Em resposta a essa pergunta, Steinmetz escreveu um livro — *A América e a Nova Era*. E' precisamente pela expansão do capitalismo que chegaremos ao socialismo de estado, declarava ele. Da corporação em larga escala ao estado corporativo. "A propriedade privada será eventualmente substituída pela propriedade do governo sob direção particular". E tudo isso mediante o emprêgo pacífico do voto.

Era um crente fervoroso na reforma econômica por meios políticos. Em 1922 foi candidato ao posto de engenheiro oficial na chapa socialista. Sua plataforma pessoal consistia no aproveitamento do potencial hidráulico. "Pois isso concorrerá em grande parte para a libertação do homem". Tirando energias baforadas do seu charuto, horrorizou todos os amantes da beleza com a proposta de canalização das Cataratas do Niágara para uma vasta usina hidro-elétrica. Que importava o prazer estético de um casal em lua de mel, comparado com o bem-estar físico da raça humana? Steinmetz calculava a energia potencial das Cataratas do Niágara em dois milhões de cavalos. "Isso traria ao estado cerca de dois bilhões de dólares anuais — que seriam empregados na construção de casas, campos de recreio e escolas". E então, enquanto enumerava essas vantagens, o seu rosto se distendeu num sorriso travesso. Ocorrerá-lhe uma idéia. Nos seis dias úteis da semana, a água seria desviada para suprir de força a maquinaria hidro-elétrica. Mas aos domingos se fecharia a usina, e a água poderia tornar a despenhar-se no precipício "em toda a sua beleza dominical". Seus olhos brilharam de entusiasmo ao descortinar diante de si todo o esplendor — ou toda a comichidade — dessa visão. "Que espetáculo não constituiria a água a escorrer lentamente a princípio, avolumando-se logo cada vez mais, até se transformar no Niágara tronitroante que nós conhecemos! Não seria algo infinitamente mais aparatoso do que o que temos agora?". Foi derrotado nas eleições.

Mas continuou a alimentar os seus sonhos utópicos. "O progresso do gênero humano", observou certa vez, "é simples questão de engenharia inteligente". E passou a expor um exemplo ilustrativo da sua idéia. "Se se fizesse explodir o Estreito de Behring, alargando-o e aprofundando-o, poderíamos desviar aquela corrente para o norte da América Setentrional. Se a corrente passasse ao largo do nosso continente, derreteria o gelo e a neve do Canadá e do Alasca, e não haveria mais geleiras na Groenlândia nem icebergs no Atlântico... Tornaria o clima da América Setentrional mais quente no inverno e mais

(Continua na pág. 48)

TEATRO

JOSÉ FOMM

O terceiro espetáculo do Teatro dos Doze é a peça do escritor norte americano Maxwell Anderson, "Tragédia em Nova York", cuja apresentação estava sendo ansiosamente aguardada pelo fato de ser a primeira peça da Cia. em que os personagens aparecem vestindo trajes atuais.

"Tragédia em Nova York" é acima de tudo um excelente estudo de tipos, onde desfilam um jovem de 17 anos cuja existência está recalcada pela execução injusta do pai; um juiz louco que procura convencer-se da justiça em um seu ato injusto; um "gangster", chefe de uma quadrilha, condenado pela tuberculose; um rapaz cuja vida estava ameaçada por saber da verdade; uma menina que agarra-se ao amor fugindo do drama que envolve seu lar, e outros personagens curiosos.

Durante as horas do espetáculo oferecido pelo Teatro dos Doze temos oportunidade de apreciar cenas de bom teatro, tais como, no 1.º ato quando se reúnem a vendedora de maçãs, o tocador de realejos, as mulheres, o polícia, "Mio" e outros; no 2.º ato a maravilhosa cena do suposto julgamento e no 3.º ato o diálogo entre "Miriam" e "Mio". Contudo, a peça de Maxwell Anderson apresenta um defeito, a extensão, que encontra agravante no pesado ambiente do drama.

A interpretação da Tragédia em Nova York é um dos pontos mais elogiáveis do espetáculo, abolindo por completo o contraste que havia entre um ator e os demais. Assim, temos Sérgio Cardoso em "Mio Romagna", vibrando em todas as nuances do espírito incoerente do filho do executado; Luis Linhares, uma grande revelação, apresentando o difícil papel de Juiz Gaunt; Sérgio Brito, no "Garth" teve a grande oportunidade e firmou-se como ator; Jaime Barcelos viveu o velho rabino "Esdras" e seu trabalho satisfaz quase plenamente; Beyla Genauer permaneceu bem, falhando, apenas, na cena final, onde não consegue convencer o drama da sofredora "Miriam"; Renato Restier, se fosse bem ensaiado poderia dar o "Trock" ideal, e isso não se verificou porque foi convidado a última hora para substituir Carlos Couto; Elisio de Albuquerque interpretou "Sombra", membro da quadrilha de "Trock Estrêla" e conseguiu ótimo desempenho principalmente no 2.º ato. Rejane Ribeiro pareceu-nos muito ingênua para a "ponta" que faz. O resto do elenco discreto.

A direção de Ruggero Jacobbi, mui-



Cena da "Tragédia em Nova York" com Sérgio Cardoso e Beyla Genauer

to firme, conseguiu grande homogeneidade no jovem conjunto.

Os cenários de Aldo Calvo muito bons e expressivos; caracterização esplêndida de José Jansen que compôs perfeitamente os personagens.

Outro ponto alto do espetáculo é a tradução de Raimundo Magalhães Junior, que transmite toda a poesia e lirismo do original.

Os fracos recursos usados na "première", tais como a vibração da folha de flandres para imitar o trovão, e o estampido da espoleta para os tiros, foram completamente abandonados, tornando-se, assim, mais convincente.

Finalizando, "Tragédia em Nova York" é uma obra de bom teatro, e sua apresentação constituiu mais uma vitória da Companhia, que teve oportunidade de revelar mais alguns bons atores, até então obscuros.

DO ESTRANGEIRO

Volta ao cartaz, nos Estados Unidos, a peça de Eurípides, adaptação de Robinson Jeffers, "Medea", tendo como protagonista Judith Anderson; essa mes-



Mary Martin em "South Pacific" vista por Norkin

ma atriz foi a "governante" no filme "Rebecca", e, fato curioso, ambos os papéis foram criados no Brasil por Henriette Morineau: 1 primeiro em "Os Artistas Unidos" e o segundo quando da temporada de Bibi Ferreira, em 1947 no Fenix.

Mary Martin estava trabalhando no musical "Annie get your gun" na cidade de São Francisco, quando recebeu um telegrama de Rodgers e Hammerstein, que se encontravam em Nova York, sugerindo-lhe o principal papel da nova produção "South Pacific". Mary não deu grandes esperanças de aceitar a sugestão. Quatro dias após, os produtores novamente telefonaram garantindo o êxito da escolha e a atriz pediu um prazo para a resposta. Terminando o contrato em São Francisco, Mary foi ter com Dick Rodgers que leu a peça e cantou as músicas do "show". No final da leitura Mary se decidia: aceitava o papel de "Nellie". Assim o musical estreou no Majestic Theatre, que tem atraído multidões. Ao lado da graciosa atriz atua com grande destaque o tenor Ezio Pinza.

**COMECE
BEM O DIA
USANDO**

LÂMINA Gillette AZUL

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

QUANDO DESCE O PANO

(Continuação da pág. 31)

tudo uma injeção que deveria ser aplicada imediatamente, logo que os primeiros sintomas sobreviessem. Lembra-se bem de que não conseguira ter pena dela, e sua consciência a acusava por isso; as normas de moral em que fôra educada determinavam-lhe uma atitude de introspecção, em que via, horrorizada, seus sentimentos, chegando a julgar-se monstruosa, uma perversa moral! Mas a verdade dura era esta: não sentira a menor piedade, quando vira a mãe naquele estado, torturada por dores violentas; olhara-a como se estivesse diante de um fato consumado, com o qual estava previamente de acordo... sentira mesmo um certo desafogo, ao pensar que aquilo poderia representar sua libertação, que poderia ficar livre daquela presença. Durante as outras crises, que se seguiram com curtos intervalos, fôra sempre a mesma coisa, modificando-se somente aquela impressão de desafogo, que se fôra, aos poucos, transformando-se num desejo enorme de que a mãe não resistisse, de que aquela fosse a última. Isso tornara-se uma verdadeira obsessão em seu espírito, a ponto de hesitar em acudir-lhe, tentada a deixá-la entregue a si mesma, a suas dores, para que se acabasse de uma vez; mas a coragem lhe faltara sempre e, logo aos primeiros sintomas, aplicava a injeção, dava-lhe as drágeas de Trinitrine, para aliviar-lhe o sofrimento e permanência sentada, a seu lado, acompanhando a evolução do mal, perscrutando-lhe a fisionomia, atenta à menor alteração e profundamente decepcionada, quando percebia que vencera e que retornava à vida.

Afinal, aquele dia... aquele dia de maio, há seis meses passados... tudo estava tão nítido em seu espírito, como se tivesse acabado de suceder naquele momento: ela fôra acometida dos mesmos sintomas que precediam as crises, as dores no braço já se estendiam e apertavam-na como garras de ferro; chamara-a, durante a noite, queixando-se, depois gritara; ela ainda não se tinha deitado, estudava, em seu quarto, o pensamento a fugir constantemente da matéria do estudo, girando em torno dos mesmos motivos que a perseguiam desde a infância. O grito da mãe, extremamente alto, no silêncio da noite, soando dentro daquela habitação vazia de afetos, exasperava-a... despertara nela uma onda de intenso rancor; todo o ódio reprimido durante anos viera, subitamente, à tona, como cadáver que tivesse sido lançado às águas, com grande pedra atada aos pés e, inesperadamente, surgisse à superfície, em todo o horror de sua hediondez, entumescido pela decomposição.

O coração, a princípio, batera-lhe descompassada e violentamente, dentro do peito; a taquicardia fôra tão forte que ela supusera não poder resistir à violência das pancadas; mas deixara-se ficar, continuara sentada, surda ao apelo da mãe. O quarto dela ficava ao lado do seu, mas a porta de comunicação permanecia fechada, para que a luz, que ela conservava acesa até tarde, não incomodasse a mãe; apesar disso, ouvia distintamente aquela respiração entrecortada, quase que como um ressonar forte e, como isso a perturbasse muito, tapara os ouvidos com as mãos e continuava imóvel, no mesmo lugar. Já agora a taquicardia melhorara, não se sentia tão inquieta, antes parecia que, dentro dela, tudo parara de repente, que se petrificara, sem pensamentos, tal como uma estátua, incapaz de um movimento sequer. Nem que quisesse, não se poderia erguer daquela cadeira.

Quando emergiu do estado letárgico em que estivera mergulhada, olhou o relógio da mesinha de cabeceira — 22 horas; tudo era silêncio em volta. De súbito, os fatos há pouco passados desenharam-se em seu espírito com extraordinária precisão; lembrando-se, levantara-se num impulso, ansiosa por ver o que acontecera, mas parecera receosa... um pavor invencível tomara conta dela, aquele mesmo pavor que, em criança, a acometia e que a perseguia, durante o sono, em fantásticos pesadelos; permanecera, em pânico, de pé, durante alguns minutos. Acudira-lhe, então, chamar a criada, uma rapariga de fisionomia inexpressiva, que entrara na véspera para o serviço e de quem não sabia ainda o nome. Correndo quase, batera-lhe à porta do quarto com o coração aos pulos... ela custara bastante a acordar. Afinal, quando a vira à sua frente, estremunhada, as feições empapuçadas, com a mesma roupa amarranhada com que servira durante o dia, disse-lhe, apenas: "Venha comigo, minha mãe está passando mal", e deixara que, levada pela curiosidade, pela sede de novidades tão comum nessa gente, entrasse primeiro no quarto e fizesse a luz. Depois... o grito apavorado da rapariga — "Mas ela está morta!".

Alguma coisa estalara dentro dela, como o acorde final de uma sinfonia... percebera que tudo estava consumado... uma grande muralha se elevara, de súbito, entre este e aquele momento, tão próximos e tão distantes um do outro!

Em seguida, as mesmas cenas de sempre: o velório ao corpo lívido, vestido de negro, de mãos cruzadas sobre o

peito, deitado no caixão; as pessoas que a abraçavam, num abraço formal, obrigatório, dizendo palavras que não tinham nexo diante de seu pensamento; as conversas em voz baixa, em volta do corpo, e a incômoda mistura do perfume das flores com o cheiro de cera queimada e com esse odor característico dos lugares em que há um defunto, um corpo em decomposição; a saída do caixão, o enterro, que ela acompanhara, apesar dos esforços da madrinha para impedi-la de ir ao cemitério; teimara obstinadamente, uma estranha fascinação não permitia que ela se afastasse daquele corpo, queria assistir à descida para a cova escura, como se tivesse necessidade de certificar-se de que realmente se fôra, para não mais voltar.

★

Nesta altura, as feições da jovem estavam completamente alteradas: as pupilas destacavam-se, dilatadas na íris muito azul — possivelmente os olhos eram idênticos aos da mãe — as mãos muito brancas e esguias apertavam-se desesperadamente, no regaço, sobre o vestido de luto. Dava a impressão de haver feito uma violência sobre-humana a si mesma, devassando escaninhos de sua personalidade, evidentemente esquisitade.

A parte mais terrível da história, porém, ainda não fôra relatada. Levantel-me, dei uns passos pela sala, para quebrar a angustiosa tensão que pairava no ar; ofereci-lhe um copo d'água, que aceitou, bebendo-a até o fim; sentei-me a seu lado, mais próximo do que estivera até então. "E depois?", perguntei. Ela continuou.

★

Durante os primeiros dias que se seguiram, vivera como num sonho, um pouco embriagada, encontrando dificuldade em adaptar-se à nova situação. Detivera-se, uma ou outra vez, para analisar seus sentimentos para com a mãe; agora, eles lhe pareciam ambivalentes — de uma parte, a detestava, desejava sua destruição completa, nunca mais vê-la; mas de outra, e isso percebia agora, ela lhe era necessária, porque representava uma presença dentro de casa, era a certeza de que, ao entrar, encontraria alguém, de cuja parte não temia agressões nem violências; com ela, o lar tão detestado não parecia um sepulcro, inteiramente vazio e, além disso, ela era tudo quanto lhe restava do pai, o único elo que a unia a ele no tempo. Sentia-se inteiramente perdida dentro da casa erma, e mesmo fora dela. Era como um espectro, um ser que não tivesse passado.

Passada a cerimônia do sétimo dia, para espantar a solidão que lhe pesava em redor como se tivesse substância, lembrara-se de pôr um pouco de ordem nas coisas, nos objetos, principalmente para modificar a arrumação da casa, do quarto que fôra da mãe.

Ao abrir uma das gavetas, encontrara um maço de cartas, colocado ao lado de caixas, em perfeita ordem; a mãe sempre fôra cuidadosa e metódica, exageradamente metódica.

Hesitara em ler as cartas, não por que achasse algum mal nisso; pelo contrário, julgava um direito seu pôr-se ao corrente de fatos passados e que tinham peso em seu destino; hesitara, porém, receando que nelas houvesse motivos de maior angústia para ela, coisas que viessem atormentá-la ainda mais. Vencera, no entanto, o temor e decidira-se a ler, impelida sobretudo pelo desejo de encontrar referências ao pai, a essa figura que ela, a força de sonhar, divinizara quase e que fôra a causa máxima da oposição tenaz que votara à mãe.

Por isso, começara a ler as cartas que o pai havia escrito à mãe.

★

Novamente a senti tão angustiada que julguei que não pudesse chegar ao fim da narrativa; respirava com dificuldade, como quem tem dispnéia muito forte, o que a impedia de falar. Procurei levá-la a retomar posse de si mesma, aconselhando-a a descansar um pouco, a respirar profundamente. Ficou assim, inibida de falar, durante alguns minutos; depois, fazendo um esforço, concluiu.

★

— "E, então, eu fiquei sabendo que meu pai fôra um tratante, um estelionatário, um canalha... um verdadeiro crápula!". As palavras lhe saíram sibiladas, entre os dentes, como se quisesse convencer-se a si própria do que dizia.

A história desse homem, por ela reconstituída através da correspondência, poderia ser resumida da forma seguinte: alma de aventureiro, tendo casado muito cedo com uma jovem que o amara perdidamente, e que dispunha de alguns bens (graças aos quais puderam viver ambas e atender às despesas com sua educação), desde logo patenteara seu caráter, jogando, vivendo sempre em orgias nos balços boêmios. A mulher tudo fôra suportando.



Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS!

Por que V. S.
deve usar o
OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NÃO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal

Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros

Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

embora soubesse de tudo, esperando que melhorasse, e que, um dia, tocado por seu amor, e pelo afeto que parecia dedicar à filha, chegassem a viver os três unidos, em boa harmonia. Mas isso fora de todo impossível, porque, tendo ele se apaixonado por uma criatura ambiciosa e sem escrúpulos, ela o conduziu ao crime — come, tera um estelionato, a fim de obter dinheiro para satisfazer-lhe os caprichos — depois do que fugiram ambos para outro país, abandonando ele tudo, até mesmo sua carreira, na Marinha.

Havia cartas escritas durante o noivado, outras nos primeiros tempos do casamento; as últimas referiam-se à paixão, que era confessada com uma sinceridade tão crua que chegava ao cinismo; a leitura da última carta levava a acreditar que ele, ansioso por eliminar os laços que o prendiam à mulher, acabando de vez com tudo, se tornara propositadamente explícito a respeito de sua paixão ilícita. Contava tudo com extraordinária riqueza de detalhes e rematando pedia-lhe que "perdoasse e esquecesse". Nada mais; nem uma expressão de afeto para a filha, tão pequenina ainda.

Como deveria ter sido duro para a mãe aquilo! A inteligência, funcionando com precisão, mas friamente, apontava-lhe a razão de certos fatos que ela nunca pudera compreender; sabia, agora, por que a mãe nunca falara a respeito do pai, por que não pusera luto por ocasião de sua morte suposta, por que evitava qualquer referência a ele e mesmo não tinha retratos nem lembranças suas em casa... Mas não compreendia, ainda, que ela evitara à filha a revelação do tipo de homem que o pai fora, acreditava, antes, que o fizera por ódio, revolta, represália à sua infidelidade, por motivos estritamente pessoais: egoísmo, no fundo.

— "E agora — rematou ela, num último e desesperado arranço — sinto-me perdida... inteiramente perdida, e venho pedir-lhe que me ajude, doutor... salve-me, não do crime que cometi, mas da confusão em que me debato... tudo desmoronou em volta de mim... minha mãe está morta e meu pai transformado em miserável vilão! Ele, que foi um ídolo, durante toda a minha vida, desmascarado em minha presença, como um miserável... Embora o que vou dizer lhe pareça abominável, não sinto ainda remorsos de ter concorrido para a morte dela... porque ela se vingou atrozmente de mim... sim, conservando essas cartas, destruiu o único bem que me restava... deixou-me completamente perdida, como outrora, no pesadelo marinho, imersa na lama negra das vagas... mas sem poder despertar! Dentro de mim, tudo é escuridão e vazio, porque o mundo interior que meu pai povoava com sua presença... esse... ela o destruiu para sempre!..."

E, de súbito, sua cabeça se abateu, como que atordoada pela violência de uma pancada, sobre os braços que se apoiavam à mesa, e o corpo foi sacudido por soluços convulsivos, num choro esquisito que muito pouco tinha de humano.

O MUDINHO

(Continuação da pag. 22)

gurada no cristal, parece até asombração. Será que esse espelho é igual àqueles dos conhecidos palácios do riso, que nos deformam, transfiguram? Mas este tem o dom de transformar o espírito, sim, Marina vê-se perfeita nas formas, os contornos do rosto são os mesmos, mas parece que algo de mau existe em seu olhar, qualquer coisa de cruel na sua expressão. Tem raiva de si própria, seu ódio cresce, dentro de si, e então atinge Roberto, o Mudinho. Seu defeito, seus defeitos todos, mesmo os mais pequeninos, que todos nós os temos, crescem e se avultam, agigantam-se, diminuindo a figura ridícula, sim, agora ridícula, do noivo, que devia falar. Ah! Se Roberto falasse, aí então ele não seria tão digno de escárnio. Noiva do Mudinho, todas as moças zombam. Ele não pode falar, não pode dizer o que sente, não trocam idéias, é impossível. Sua raiva cresce ainda mais, agora encontra um

ponto focal, objetiva seu noivo. Marina tem raiva, Marina tem ódio, Marina precisa desmanchar o noivado.

Roberto entra, pé ante pé, silencioso, um sorriso de satisfação bailando nos lábios, as maçãs coradas do rosto hoje mais coradas, chega-se lentamente e deposita um cálido beijo na nuca de Marina, que está com um penteadinho alto. A noiva pula, na cadeira, apavorada, e dá um grito de pânico.

— Mudinho, que é isso? — exclama num rítus, chamando o noivo pelo apelido, a primeira vez em sua vida.

Roberto recua, assustado, não compreende. Seu único ato, o único gesto que pode fazer é tentar tocar Marina, pois o dom da palavra lhe fora roubado — e Roberto nem suspeita que é isso, afinal, que o faz perder a noiva, esse mesmo defeito por que a conquistara. Marina rebate, furiosa, empurra-o. Roberto não compreende, seu desespero é grande, esforça-se, quer falar, quer gritar, quer repelir Marina, mas não pode, sente qualquer coisa na garganta, algo crescendo, o pescoço inflando, entumescendo, parece que vai estourar, o pavor nos olhos esgazeados, solta um urro desumano, animalesco, rodopia sobre si mesmo e cai pesado ao solo, debatendo-se apoplético, roxo, terrível.

★

A cena da discussão com Marina, a noiva travestida de sua mãe morta no momento da briga, a raiva detida pela incapacidade de falar, as paixões revolteando, esbatendo-se no peito, as lembranças tristes da vida recalçadas no subconsciente, Roberto volta a si somente duas horas depois, no leito de sua noiva, e fala: — "Marina, minha noiva querida, Deus te abençoe". Recuperara a fala. A forte emoção sob a qual estivera durante a contenda rompera de vez o formidável complexo pelo qual perdera a voz.

A CATÁSTROFE DE...

(Continuação da pag. 39)

A população pobre da capital alagoana, que não teve prejuízo material, abre a porta de seus lares, com oeração de suas despesas diárias, para o recolhimento de amigos e parentes que ficaram ao desamparo.

DECLARAÇÕES DE DOIS MÉDICOS ALAGOANOS

A reportagem dos diários de Maceió ouviu no Pronto Socorro e no Necrotério Público, horas depois da catástrofe, os médicos alagoanos drs. Ib Gatto Falcão e Lages Filho, respectivamente diretor da Santa Casa de Misericórdia e médico legista da Polícia.

O primeiro declarou:

— "Agora que o governo municipal medita nas deficiências que sentimos no H. P. S. e que com enorme dificuldade podemos compensar. Seja esta calamidade mais um motivo para cumprir o seu dever de manter o Pronto Socorro à altura das necessidades."

Afirmou o dr. Lages Filho:

— "Desde que sou médico nunca passarei tantas vítimas pelo necrotério num só dia. Tudo isto é resultado da imprevidência da população e dos governos. As mortes verificadas nos desabamentos foram por asfixia."

LUTA CONTRA A EXPLORAÇÃO E O ALARMISMO

A cidade de Maceió está tomada pelo pavor. Boatos alarmantes têm eco na opinião pública. Fala-se em nova hecatombe e num aguaceiro mais pesado por infundável número de horas. Dois dias após a calamidade, correm na cidade rumores, depois desmentidos, de que uma tromba d'água que se destinava a Maceió fora destruída, já na entrada da barra, a tiro de canhão por um vapor inglês. Os boateiros revelaram que apitos de S.O.S. foram ouvidos de madrugada vindos do cais.

O Governo do Estado e a Prefeitura Mu-



CURSOS JUVENÍS DE ARTES

JÁ houve tempos em que os preconceitos de uma educação atrasada diziam que os Museus não deviam ser franqueados à educação das crianças. Queremos falar, naturalmente, dos Museus de Arte. Mesmo entre adultos, havia muitos que iam ali como se estivessem cumprindo uma pena, tal o seu desassossógo de espírito.

★

Mas esse tempo passou. Com a evolução da inteligência humana, com a penetração dos bons sistemas de cultura e educação da infância graças aos modernos preceitos da atual pedagogia, os governos foram verificando que não havia motivo algum para cercear a entrada das crianças aos Museus de Arte.

E foram mais longe: — criaram al^a cursos juvenis de arte.

E como é curioso observar como trabalham os pequeninos artistas! Desenham, modelam, criam, mostrando as inclinações de seus espíritos ávidos de novidade, de interpretação, de arte.

Há nos Estados Unidos mais de cem mil crianças espalhadas por dezenas de Museus, a trabalhar em artes plásticas.

Onde maior tem sido essa assistência e maiores os seus êxitos, é no Museu Toledo, em Ohio.



Uma aula de Artes Plásticas no Museu Toledo, no Estado de Ohio, Estados Unidos

DR. MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhoras — Distúrbios sexuais — Etilidade — Ondas curtas — Cirurgia — Assembléia, 98, 7º andar, S. 73-74 — Diariamente das 16 às 18 e das 18 às 19 horas — Telefone 22-1549

E STAMOS em Roma há dias e já tivemos tempo de dar várias voltas pela cidade e redondeza. Achamos um bocado curioso o hábito noturno de jogarem o conteúdo da lata de lixo no beco ao lado (aqui há becos por toda parte) e estávamos pensando até no mau cheiro dâsseis montes de lixo. Soubemos, entretanto, que não é esse o costume romano permanente, apenas por alguns dias, durante a greve dos garis da cidade.

Os empregados da limpeza publica estão ausentes do trabalho há vários dias e as donas de casa desapertam para a direita e esquerda. Os pobres habitantes dos becos é que estão sofrendo.

da prédio de cinco andares. Noventa por cento dos edi-

Roma é uma cidade de prédios de cinco andares. Noventa por cento dos edifícios possuem esse número de pavimentos. São altos, quase sempre o mínimo de quatro metros. Só agora é que estão aprendendo a economizar na construção fazendo alguns andares com apenas três metros. Os edifícios novos, entretanto, são raros. Como em Milão e muitas cidades italianas as casas são geralmente pintadas, ou foram, de amarelo escuro, quase cor de laranja. O estilo é sempre o mesmo, numa monotonia quase londrina. Os edifícios são bastante grandes, geralmente ocupando uma quadra de cem metros com um portão grande de entrada no meio. Nos bairros residenciais são raros os prédios com uma fachada inferior a trinta metros, sendo geralmente de mais de cinquenta. Cada prédio, pois, é ocupado por numerosas famílias. Ao fazer esta descrição, estou na realidade contando como moram quase 75 por cento dos romanos: o pobre, o remediado e o rico.

Aqui, como em muitas cidades européias, se usa os ônibus elétricos, grandes e bons. O subterrâneo começado por Mussolini ainda não ficou terminado. A guerra veio atrasar a sua inauguração, mas já está bastante adiantado.

Roma possui mais de dois milhões de habitantes, Milão mais de um e meio. Nós estamos acostumados com os aumentos nas nossas cidades e esquecemos que na Europa também há cidades que crescem muito.

O rio Tibre, que atravessa Roma, tem uns cinquenta a setenta metros de largura e é cortado por muitas pontes. Uma delas está em uso há mais de dois mil anos e foi construída na época anterior a Cristo!

Vistamos o Coliseo, o grande anfiteatro romano, onde os cristãos eram entregues às feras, e os gladiadores, os Joe Louis, Jack Dempseys da época, lutavam até a morte. O edifício, mesmo em comparação com os maiores de hoje, é enorme e, conquanto boa parte não exista mais, o que resta da obra dá a excelente idéia de grandiosidade da construção.

Só uma importante cidade poderia manter semelhante instalação esportiva. E' admirável como ainda permanece intacta uma extensão tão vasta de uma obra construída apenas alguns anos depois do início do cristianismo. Estranhamos ao ver na pista interior do Coliseu uma série de muros, dando uma idéia de labirinto. Explicaram-nos que, no quinto ou sexto século, uma família usou o local (já então abandonado) para ali instalar uma grande tinturaria de tecidos. E a pista é, ainda hoje, ocupada pelo que resta da instalação industrial. Na nossa opinião, uma obra monumental e célebre, como o Coliseu, deveria ser cercada e guardada contra o vandalismo. E devia-se cobrar uma taxa de visita, como é feito em outros lugares, pois é pena ver os garotos correndo de um lado para outro e brincando de esconder, num lugar tão venerável e que interessa ao mundo. Uma coisa tão cheia de história como o Coliseu merece carinho. As paredes, de 48 metros, já foram mais altas (60 me-



tro)., pois das quatro grandes galerias ou balcões de hoje, havia cinco na construção original.

Há 155 portões de entrada, o que mostra a inteligência romana, para encher e esvaziar com rapidez.

Os proprietários de cinemas e teatros do Brasil não de lamber os beiços se virem o diâmetro do Coliseu com 188 metros e capacidade de 60.000 espectadores.

Não era sem motivo que os romanos mandavam seus exércitos tomar países longínquos e de lá voltavam com escravos em quantidade, além dos tesouros que encontravam, e geralmente continuavam dominando os países conquistados.

Nas imediações do Coliseu há uma infinidade de coisas históricas como o Foro Romano, o Arco do Triunfo de Decleciano, o Pantheon e uma série infinita da época pré-cristã. O Pantheon foi um templo pagão, conservado maravilhosamente bem. E' talvez um dos mais perfeitos dos edificios romanos de mais de dois mil anos.

Visitamos o extraordinário Museu do Vaticano e a Biblioteca. Nota-se o esmerado asseio existente em todo o Vaticano. Aquelas enormes galerias (uma delas com mais de 400 metros), todas ótимальmente arejadas e conservadas as precisidades: jóias, coróas, estátuas, tapetes, quadros, livros, raridades, enfim o que há de mais selecionado no mundo. Estivemos na capela Sistina, onde Sua Santidade costuma dizer missa e onde se reúnem os cardeais para a eleição dos papéis que serviam para a indicação ao povo da eleição do novo Papa, do novo Sumo Pontífice, e examinamos até o pequeno fogão, onde queimam através da fumaça da chaminé. É nessa capela que estão as obras primas dos maiores pintores do mundo como Raphael e Michelangelo.

Na Basílica de S. Pedro, cuja grandiosidade já é fortemente conhecida mesmo pelas pessoas que não conhecem ainda a Cidade Eterna, há uma infinidade de confessionários, marcados para fiéis de várias línguas, inclusive um para portugueses.

São Paulo é construída sem domo tão alto, mas é também enorme e com suas colunas de granito, tanto no interior como na parte do adro, formando um conjunto artístico de grande expressão.

Como há em Roma cerca de 700 igrejas, não cogitamos de ver nem uma pequena parte das mais notáveis, mas o pouco que nos foi possível apreciar, por exemplo, em qualquer outra cidade seria um centro de atração de peregrino e turistas. A nosso ver, é uma das mais lindas igrejas; além da grandiosidade, coleca Roma como verdadeiro centro do cristianismo. A Catedral de São Paulo, tem aspecto de marcante atração pela magnífica simplicidade das suas colunas de granito e alabastro. É uma igreja que jamais se esquece, sendo inconfundível.

Sente-se em Roma uma veneração especial pela nossa igreja, pelo cristianismo. Sente-se em Roma uma realidade seja apenas um Zé Ninguém. Isto tudo é real, mesmo que a gente na realidade não esteja ali. Há tantos dos romanos, que aqui residem, como do homem nesses... Roma é tanto dos romanos, Londres, Johannesburg, Manila, Paris ou do manzinho que veio de Itu, Icó, Londres, Johannesburg, Manila, Paris ou do Cairo. Onde haja cristãos, o seu centro espiritual está aqui, nas sete colinas do cristianismo. E daqui se difunde pelas cinco partes do Mundo, formando uma só unidade — a unidade de Cristo.

principal tem tomado medidas energicas contra a exploracao. Postos de venda de mercadorias a preço de custo são instalados em proprios publicos e delegacias de policia. O carvão está faltando no mercado e queixas têm chegado aos jornais sobre a majoração de generos alimenticios no comércio varejista. Os negociantes do Mercado Público acusaram os armazens grossistas de criminoso racionamento de produtos para com sua falta forçar uma manobra altista.

A capital alagoana e muitos municípios do interior, contudo, aos poucos vão retomando o seu ritmo normal. A chuva parou de cair com a violência dos dias 15, 17, 18 e 19, observando-se, em todos os setores de atividade, um esforço titânico de recuperação de trabalho e res-queilíbrio de vida. A catástrofe calou fundo no espírito da coletividade de Alagoas, mas seus recursos morais mantêm-se intactos.

(Continuação da pág. 45)

brando no verão. Duplicaria a superfície habitável do globo. Remodelaria o mundo.

«E, em outra ocasião: "Creio que os engenheiros do futuro não de trazer-nos o dia de quatro horas de trabalho. O trabalho é uma maldição. A sua abolição deveria ser o principal objetivo da sociedade".»

Quanto a si próprio, contudo, Steinmetz não procurava diminuir a sua atividade. Enquanto as visões do futuro o rejuvenesciam, a barba se lhe ia tornando grisalha. O total de tocos de charuto que tinha lançado fora crescia assustadoramente. E ele continuava com as suas experiências.

Estudava agora os detentores do raio -- dispositivos que protegessem as máquinas elétricas das descargas de um céu encolerizado. Construía condensadores elétricos que legavam reproduzir alguns dos característicos desses dardos celestes. Em torno dele os companheiros reclamavam mais força, mais luz -- maiores correntes para fazer passar pelos fios -- uma voltagem mais alta:

E por fim Charles Proteus Steinmetz acabou em condições de realizar o experimento decisivo. "Entrem, senhores", disse ao grupo de repórteres e cientistas eminentes que se haviam reunido à porta do seu laboratório. "Eu manufacturei o raio!"

Entraram em silêncio. A um canto da sala, viram um gerador monstruoso. Diante dele se desdobrava uma aldeia em miniatura, com as suas casas, árvores, e igrejas de alvos campanários. "Se me dão licença, meus senhores, vou mostrar-lhes o poder devastador da electricidade".

Ouviu-se um zumbido surdo, e os tubos de vácuo se foram tingindo de uma luz viva, à medida que acumulavam força para a descarga. E então — um terrível estrobo. Uma chama zigzagueou sobre a cidade. Árvores, casa e campanário foram envolvidos por um turbilhão de fumaça.

Quando o fumo se desvaneceu, as árvores estavam reduzidas a pó, as casas eram um montão de ruínas, e a branca torre da igreja desaparecera completamente.

Stannetz olhou com um sorriso malicioso a assistência espantada. "É incalculável o poder destrutivo da eletricidade", observou. "quando manejada por mãos ingenuas... Mas é também incalculável o poder construtivo da eletricidade, quando manejada por mãos prudentes".

Ao lado dos cactos, o proprietário da Wendell House plantara formosos e recentes pomares no terreno da sua casa. Mas as sombras ameaçavam tanto a beleza como a fiabilidade. Steinmetz ia ficando velho e cansado. Uma manhã de outono (26 de outubro de 1923), seu filho adotivo Joseph Hayden entrou no quarto do engenheiro. Percebeu que o dr. Steinmetz passara uma noite agitada.

— Eu lhe trago a bandeja do **breakfast**
— sugeriu. — E' bom o senhor comer um
bocado antes de levantar-se.

— Muito bem. Nesse caso, vou-me deitar outra vez.

Alguns minutos depois o filho adotivo entrou no quarto com a bandeja. Aproximou-se da cama. O homenzinho estava profundamente adormecido.

No ar silencioso, uma voz pronunciava palavras que somente um garotinho de Breslau e uma avó bondosa poderiam compreender:

"Estou cansado de construir casas com os meus quadradinhos de madeira, Grossmutter. Vou me deltar outra vez. E quando vier a manhã, hei de construir outro templo muito melhor que o que fiz hoje."

(Do livro "Vidas de grandes cientistas".)

(Continuação da pág. 52)

riamos de jantar em caminho, antes de chegar a Paris. Era ele um homem de muito gosto e deu voltas para achar uma boa casa de pasto onde pudéssemos fazer uma refeição satisfatória.

Durante todo o tempo do jantar conversamos alegremente como velhos e íntimos amigos, saboreando com apetite as iguarias que nos iam servindo. Mas era preciso pensar na volta.

A despeito de todos os esforços foi impossível fazer andar o auto. O local em que estávamos e a hora já avançada da noite não permitiam que encontrássemos um mecânico disposto a tirar-nos daquela dificuldade.

-- Sinto muito, minha pobre menina -- disse-me ele desolado -- mas não temos outro jeito que não voltar ao restaurante e pedir ao seu proprietário que nos arranje onde dormir. Amanhã, com o dia, será mais fácil conseguir quem ponha este motor em ordem.

O dono do restaurante não dispunha de mais de dois aposentos comunicantes; não tivemos outro meio se não o de acellar e ainda muito agradecer.

... Espero que não esteja com medo -
disse-me ele a rir, no momento em que
entrávamos naqueles dormitórios que iam
ser nosso "lar" por uma noite.

— Não sei bem... Eu... Que quarto es-
colheu?

— Para mim tanto faz... Este aqui, se
es não o quiser.

— Muito bem. Ficará neste e eu vou para o outro.

E ficamos a tagarelar. Muita coisa de



J. C. S. (Jundiaí-S. Paulo) — "Um encontro com o tempo" não se presta para esta revista. E leia tudo o que puder sobre o problema do sincletismo pronominal.

E. P. A. (Jequié-Bahia) — Seu "O Tuberculoso" estava tão magrinho que morreu em nossas mãos.

A. M. (Santa Maria de Campos-E do Rio) — Muito pequeno o "Fim de Romance".

A. P. (Rio) — Seu conto "Lembrança" está muito longo e monótono.

Y. C. R. L. (B. Horizonte) — "Varredor de Rua" está curto. Os outros não puderam ser aproveitados.

E. R. M. (Rio) — "Noite de Lua" ficou prejudicado porque estava escrito em ambos os lados do papel.

C. C. (Juiz de Fora) — "O Desquite" e "A Enchente" ficaram prejudicados. Estão fraquinhos.

E. A. B. L. (Macedo) — "Ambição Bárbara" não consegue despertar interesse. Estude também a grafia portuguesa.

Loíva Leiria Borba (Rio) — Vai sair brevemente o seu "Velho Sonho".

M. A. M. (Rio) — Foi aprovado o seu conto, mas vamos mudar-lhe o título para "O cão sem futuro". O outro, "O Bom Lourenço", já constou de nossa correspondência anterior.

Vitória David (Rio) — Com muito prazer. Aqui vão as respostas: mínimo de 4 laudas e máximo de nove, tipo ofício, datilografadas de um lado só, espaço duplo. Só são publicados os contos aprovados.

Avilbar Brandão (Rio) — Vamos ver o que houve com o seu conto "Medo". Pode mandar o outro.

Vicente C. Carvalho (Rio) — Queira, por favor, indicar-nos qual o nome do seu conto já aprovado e ainda não publicado.

Arno José Mayer (Brusque, Santa Catarina) — O endereço pedido é: Rua Abílio, S. Januário, Distrito Federal.

Eugênio Morato (Belo Horizonte) — Vamos ler o seu "Um Castigo Original" e depois voltaremos.

P. M. (S. Paulo) — Deixamos de publicar o seu trabalho "A Geração do Canudinho" porque, com relação ao gênero crônica, temos o nosso quadro de redatores. Teremos muito prazer de publicar contos do confrade, caso queira distinguir-nos com suas produções nesse ramo literário.

O. G. R. C. (Teresina, Piauí) — "Marlene" não pôde ser aproveitada. Está fraco. Mande-nos outro, e não se esqueça de estirar um pouco mais.

venho ter conversado, pois quando demos por isso já passava de uma hora. Foi aí então que meu chefe se deu conta do tempo e foi para seu dormitório.

E os dias se foram passando. Eu mesma ficava admirada de ter encontrado nesse chefe um homem capaz de revelar-me o que era o amor. Mas nada havia até ali que alterasse o ritmo de nosso trabalho. Apenas, de quando em quando, fomos fazer pequenos passeios nesse programa a que ele dava o pitoresco nome de "pequenas distrações". Ele gostava dessas recreações e eu, por minha parte, não as desprezava. Levava eu uma vida insípida, de casa para o escritório, deste para minha casa sempre vazia. Desta forma, aquela oportunidade me parecia um presente dos deuses.

Certo dia, quando estávamos a sós no escritório, Antoine, desprezando todos os nossos anteriores cuidados de prudência, tomou-me em seus braços beijando-me longamente. Ficava de costas para a porta da qual estávamos bastante distanciados. Nesse instante, ainda quando me encontrava entre os seus braços, ouvi ruído na maçaneta da porta e percebi que alguém a entreabria. Ergui a cabeça e vi, claramente, a figura de Michel, um dos auxiliares da fábrica metalúrgica de Antoine. O espião se afastava cuidadosamente, mas eu estava certa de que ele vira o procedimento do patrão. Como esse Michel não gozava de boa reputação, fiquei esperando que ele ia tirar partido do episódio.

Nada disse eu a Antoine sobre a espionagem de Michel, que só eu percebera; porém, fiquei prevenida quanto a qualquer atitude de Michel contra mim.

Mas esse chefe de seção na fábrica era mesmo incorrigível e sabia aproveitar-se das ocasiões para executar seus planos de chantagem. Naquela mesma tarde ele se fez notar.

Ao deixar o escritório em direção à minha casa, notei que Michel me emboscava num canto da esquina. Logo que lhe ia passar à frente, embargou-me os passos com estas palavras atrevidas:

— Boa tarde, minha bela senhora!

— Boa tarde — respondi eu de mau humor. — A que vem esta maneira de interromper minha passagem?

— Zangou-se porque disse "bela senhora"? Nada como os patrões que sabem apreciar a beleza das mulheres... A prova é que eu a admito há muito tempo e não tive ainda a felicidade de merecer sua atenção...

— Basta. Essa conversa não me agrada absolutamente. Siga o seu caminho e me deixa seguir o meu.

— Santo Deus! Como você é fiel! Ah! Talvez seja porque eu não sabia agir com aquele feitinho... Mas posso garantir-lhe que não desejo que lá saibam de nossas relações...

— Peço-lhe que me deixe sossegada.

— Ora! Não se zangue. Reflita nisto: quando eu quero uma coisa sempre a obtenho. Tenho a cabeça dura e sou persistente. Boa tarde e... até logo.

Confesso que aquele encontro, aquelas ameaças me colocaram em grande inquietação. Aquela homem, conhecedor de meu segredo, poderia fazer-me muito mal. Fiquei aflita e não pude dormir bem durante toda aquela noite.

No dia seguinte ele tornou a atravessar-se em meu caminho. Fez isso ainda todos

os outros dias. Procurei modificar o meu itinerário, passando por outras ruas: mas o homem era teimoso e, nas proximidades do escritório, eis que ele surgia. Era impossível escapar do seu cerco. Mas o que mais me aborrecia não era essa obstinação de encontrar-me, e sim suas juras de amor, as suas palavras de apaixonado, promessa de casamento logo que me divorciasse de meu esposo... Como eu o repelia, ele juntava suas ameaças como coação para que eu mudasse de procedimento para com ele.

Um dia, quando eu me julgava livre de sua perseguição, sinto que alguém me pega pelo braço. Era Michel que parecia estar muito nervoso.

— Escute! Não desejo que proceda comigo deslealmente: mas preciso que arranjem as coisas da maneira como quero. Preciso falar-lhe. É indispensável que me ouça! É no seu próprio interesse, creia-me! Quer vir comigo a esse café?

— Não!

— Está bem. Então andemos e ouça bem o que lhe vou dizer.

Pelo tom de sua voz percebi que era melhor ouvi-lo, do contrário poderia sobrevir algum contratempo desagradável. E fomos andando um ao lado do outro.

— Sei — foi ele falando — sei que seu marido acaba de voltar. Também sei que você está muito ligada ao nosso patrão. Não tenho intenção alguma de desfazer o seu lar. Também não quero prejudicá-lo nos seus afetos com o sr. Antoine. Peço-lhe, em troca, apenas isto: venha, de quando em quando, ver-me...

— Nunca!... — gritei eu com ódio. — E deixe-me passar!

Resolutamente ele me barrou o passo.

— Não grite! Isso de nada valeria. Decidi que você havia de escutar-me esta noite e você vai escutar-me! Se você não atender-me, irei imediatamente contar tudo ao seu esposo!

— És um homem vil! Um indivíduo ignóbil!

— Ouça bem: dou-lhe três dias para refletir e dar-me sua resposta... Se dentro desses três dias houver compreendido o que mais vale desse dilema, a fim de conservar sua tranquilidade, venha encontrar-se comigo neste endereço.

Depois que me entregou um cartão com o endereço de um café, juntou:

— Durante esses três dias não a importunarei. Nem mesmo quero vê-la. É preciso que você decida sem imposição. Mas se terminado o prazo não vier encontrar-se comigo no local aí indicado, irei imediatamente comunicar a seu esposo tudo o que se passa. E ficamos assim entendidos...

Ouvi toda aquela detestável conversa com a cabeça baixa, cheia de humilhação e vergonha. Quando ergui os olhos, já ele ia longe.

No estado de abatimento moral em que eu me achava era impossível fitar meu esposo. Por isso, logo que cheguei a casa, pretextando indisposição e dor de cabeça, encerrei-me em meu quarto, isolada, sem dizer uma palavra.

Os três dias que me separavam daquele encontro abominável, me trouxeram noites de verdadeiro pesadelo, horas de grande aflição e desassossego. Qualquer que seja o sofrimento que venha eu a sentir em toda

(Continua na pag. 51)



Em verniz preto e búfalo branco — Saltos 5½ e 3½ — Preço Cr\$ 90.00

RECENTE E MARAVILHOSA CRIAÇÃO DA AFAMADA MARCA "HOLLYWOOD" PARA O OUTONO E O INVERNO

As remessas pelo REEMBOLSO são acrescidas das despesas do Correio. Os que enviarem vales postais não pagam as despesas de porte. Os vales postais devem ser emitidos a favor da FÁBRICA DE CALÇADOS NILO LTDA. — Belo Horizonte, e remetidos à CAIXA POSTAL 5.273 — Rio de Janeiro

No Rio: pedidos pelo telefone 33-2375

A ÚLTIMA PALAVRA EM CONFORTO, ELEGÂNCIA E DURABILIDADE



A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ...

NOME Nº CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35.00

PELAS estradas do CÉU

Tudo o que se puder fazer para proteger o desenvolvimento da nossa aviação comercial, ainda é pouco. Nenhum país como este precisa tanto do avião, em face de nossa precariedade em transportes terrestres, fluviais e marítimos. O povo, o comércio, as indústrias prestigiam as Companhias de aviação e todos lhes reconhecem presteza, solicitude, segurança e, o que mais as tornam simpáticas: — a urbanidade no tratar o público, a delicadeza, a correção nas atitudes. Infelizmente ainda não dispomos de um parque aviário nacional que corresponda às nossas necessidades. Possuímos, é verdade, Companhias com projeção internacional como a "Panair", cuja frota aérea leva a bandeira do Brasil do Rio ao Cairo, a Frankfurt, a Paris, a Londres e a tantas outras cidades estrangeiras, já alcançando o seu movimento de "guichets" a impressionante cifra de 150 mil passageiros, mais de dois milhões de quilos de carga e acima de 12 milhões de quilômetros voados.

Mas, que de sacrifícios não custa esse esforço de uma empresa de aviação comercial entre nós! Material importado, combustível especial estrangeiro técnica de voo montada às suas expensas, manutenção caríssima e própria, tarifas ainda de 1937, salários altos para os postos de maiores responsabilidades. Pois bem. Ao invés de o Governo Federal procurar diminuir os encargos das empresas de aviação comercial deste país, preocupa-se com a idéia fixa de cada vez mais sacrificá-las com encargos fiscais iníquos, como está sucedendo com a cobrança por parte do Ministério da Aeronáutica, de uma taxa aeroviária que arrancará das Companhias, anualmente, mais de vinte milhões de cruzeiros! Não é desconhecido do público e do governo brasileiro que as empresas de aviação lutam com sérias dificuldades, já tendo muitas desaparecido e outras morrendo a fogo lento. Se esse pesado tributo as vem torturar ainda mais, têm elas que escolher um destes caminhos: — aumentar as tarifas, descarregando os encargos no lombo do povo, ou cerrar as portas, acabando-se de vez com o lírico "slogan" daquele ingênuo "dêem asas ao Brasil".



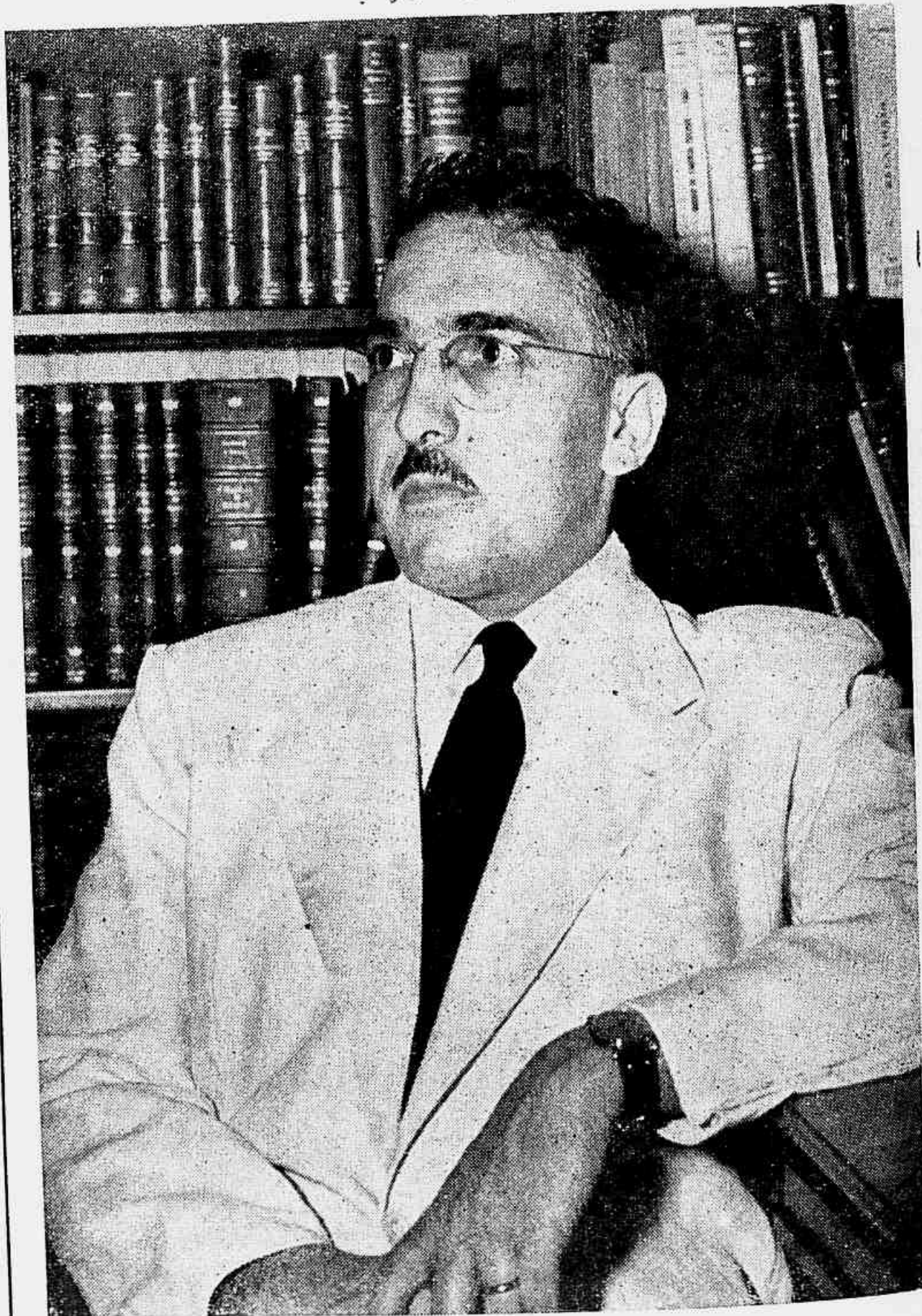
Avião da "Panair", que, durante as enchentes de Minas, manteve o comércio entre o Rio e aquele Estado, descarregando no Aeroporto "Santos Dumont", manteiga e ovos, cujo total se elevou a onze toneladas e milhares de dúzias, respectivamente

VOAR DE VERDADE — Desde que o mundo é mundo, mantém o homem o desejo de voar como os pássaros. A mitologia grega nos conta aquela emocionante história de Ícaro. A história da aviação universal registra grande número de mártires do desejo de voar. Veio o avião, grande pássaro metálico, levando em seu bôjo dezenas e agora até centenas de passageiros. Mas a ansiedade humana continua insatisfeita. Não é lá grande coisa entrar num avião e ficar confinado naquele cilindro muito bonito, a ler revistas, a comer sanduíches, a beber laranja ou a tomar café. O sensacional seria mesmo colocar umas asas sem motor, sem gasolina, sem nada que cheirasse a mais pesado que o ar ou a mais leve, como queiram, e alçar-se nos espaços como uma grande e bela ave humana. Pois bem. O sr. Arthur Jollenbeck, residente em São Paulo acaba de comunicar à imprensa dali que descobriu esse aparelho. De agora por diante, qualquer cidadão poderá voar como um condor, ou como um urubu, se estiver de luto. Mais fácil do que andar de bicicleta, esse voo com seu aparelho é uma delícia, podendo-se levantar voo de São Paulo e ir a New York como um passeio vulgar numa barca da Cantareira entre Rio e Niterói. Não é preciso gasolina, nem óleo, nem avião para rebocar, uma vez que não se trata de sistema planador. O diabo é que falta dinheiro para auxiliar a indústria da "bicicleta-aérea". É provável que dinheiro haja; o difícil é encontrar um voluntário para a experiência. Em matéria de voo fora do avião, todo mundo prefere fazê-lo nas asas da esperança...

"CRUZ DE AVIAÇÃO" — Em nome do Ministro Armando Trompowski, o coronel aviador Henrique Fleiuss, chefe do Gabinete Ministerial, em março p. findo, procedeu as entregas das medalhas da "Cruz de Aviação" com que foram agraciados, por haverem executado missões de patrulhamento na última guerra, o tte.-cel. aviador Orivaldo de Castro Veloso; maiores aviadores Carlos Alberto Matos, Luiz Sampaio, Gilberto da Cunha Menezes e Walmicki Conde, e capitães aviadores Zamir de Barros Pinto, Ivo Gastaldoni e Cesar de Andrade este último falecido.



Flagrante apanhado no dia 20 de maio próximo passado, nesta Capital, por ocasião da entrega dos certificados às novas enfermeiras da Escola Ana Nery, da Universidade do Brasil, solenidade presidida pelo sr. Nereu Ramos, então na Presidência da República. Vê-se a senhorita Beatriz da Silva Moraes, tendo como paraninfo o senador Artur Santos, recebendo o seu diploma



Vem de ser nomeado para o cargo de Diretor Geral do Hospital do Instituto de Aposentadoria dos Empregados em Transportes e Cargas, no Distrito Federal, o sr. dr. Getúlio José da Silva, ilustre médico residente nesta Capital.

A belera ao seu alcance



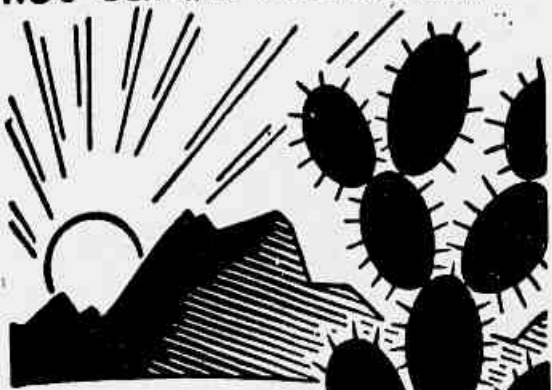
LEITE
Belviton

É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRAVOS, PONTOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A CULTE SEMPRE LISA, BELA E ACETINADA.

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Rua Souza Dantas, 23 - RIO.

NOS CLIMAS TROPICAIS...



...AS PELES DELICADAS PEDEM

A Polvilho Antisséptico

GRANADO

BROTOEJAS ASSADURAS FRIEIRAS SUORES FÉTIDOS




SENUN

Agua absolutamente Estéril

pela Ação da Prata Incorporada

Moringues fabricadas pelo processo esterilizante

SENUN

ESTERILISANTE

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180, Sala 502 — Telef.: 3-2649

MINHA CONFISSÃO

(Continuação da pág. 49)

a minha vida, nenhum poderá ser tão grande como aquele por que passei.

No dia marcado lá estava eu no café. Longe de revoltar-me, eu estava suplicante. Mas todos os meus rogos foram em pura perda. Não suportei o abatimento moral e tive uma crise de lágrimas pela qual não esperei. Eu estava a dois passos de uma crise de nervos. Com surpresa para mim, ele se mostrou com certa piedade de meu sofrimento.

— Venha descansar um pouco. No estado em que está não poderá entrar em casa.

Sua moradia era no mesmo edifício daquele café. Aceitei o convite e subimos. A sós em sua residência, sem testemunhas, ele procurou dominar-me. Apesar de estar em suas mãos, reagiu. Toda a minha dignidade de mulher estava ferida e eu recobrei a coragem de enfrentar aquele homem que não passava de um canalha.

Entre mim e meu chefe não houvera até ali mais do que uma afeição digna, sem promessas traiçoeiras e perversões ou atos pouco lícitos. Sua maior tentativa fora aquela daquele beijo fatídico que tanta suspeita deixara no espírito enegrecido de Michel. Além disso, Antoine tinha desejos de desposar-me logo que possível, e sempre se mostrou um homem decente, de bons sentimentos. Resolvida a acabar com aquela comédia, repeli Michel com o maior vigor.

Exigi que abrisse a porta, pois queria ir-me embora. Ele teve medo de que eu provocasse a vinda da polícia e me ameaçou com a chantagem de contar a meu espóso. Gritei-lhe que podia ir narrar-lhe naquele mesmo instante o que vira, pois de nada temia eu!

Descei as escadas. Ele seguiu-me repetindo ameaças e dizendo que ia também contar a meu patrão que eu o estava traindo com ele...

Não suportei mais. Ao atravessar a ponte do canal que passava por ali, de súbito galguei a varanda e projetei-me na escura água do rio...

Lembro-me de que ouvi sair da boca de Michel um grito horrível, assombroso, medonho!

Quando voltei a mim, estava deitada no fundo do bote de um pescador que acorrera a salvar-me e, ao lado, em lágrimas, a figura abjeta de Michel a pedir-me perdão.

— Perdoe-me! — implorava ele com as mãos postas como quem reza. — Perdoe-me! Compreendo que cometi uma ação indigna para com você! Minha conduta é detestável! Amo-a muito, para vê-la morta! Juro-lhe como não mais a importunarei! Eu fui um canalha! — E chorava como se fosse uma criança.

Fôra ele quem tudo providenciara para

alvar-me. Aquêlê homem, talvez, me tivesse mesmo afeição... amor...

Eu estava transfigurada. Durante o resabelecimento de minha saúde abalada pelo hoque moral e pelo banho importuno daquele anoitecer pavoroso, eu tomei uma decisão heróica: deixar Paris para sempre em tôdas as veleidades de outra vida que não fosse aquela ao lado de meu espóso.

E seguimos os dois, de uma vez, para Touraine, sua cidade natal e de todos os eus, onde residiam os seus pais. De nada soube ele, uma só palavra de todo. Esse drama íntimo que esteve a rondar-me a vida, e que eu, com as minhas fraquezas estive a ponto de naufragar de uma vez...

Felizmente ainda foi a tempo e eu passei sentir-me libertada, livre de pesadelos, de preocupações, dedicada exclusivamente ao meu espóso, meu único e legítimo companheiro para toda a minha vida.

FIDELIDADE E FIRMEZA...

(Continuação da pág. 58)

carruagens. Esse carro foi adquirido para servir ao rei de Portugal, D. Carlos, que vinha de visita ao Brasil e cuja recepção se preparava. Mas o rei foi assassinado, a visita não se fez e o carro passou a prestar serviços ao Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores.

É, como se vê, uma história diferente das demais. Bem diferente daquelas outras, pois que pertence já a outros tempos. E não aqueles em que a nota davam-na as condessas, marquesas, viscondessas, baronesas, quando não princesas e seus correspondentes masculinos, em vistosos coches, seges ou traquitanas, em que foram ricas as côrtes, principalmente no século XVIII.

Hoje, a crônica já não se faz com êsses títulos, pois mesmo os reis são escassos e seu número vai diminuindo cada vez mais, à medida que novos inventos vão abrindo outros caminhos e mostrando novos horizontes a essa humanidade da era da energia atômica. E nesse mundo de "boites", de aviões super-sônicos, de raios cósmicos, de "discos-voadores", já não cabem landaus, mas apenas silenciosos monstros de aço, de matéria plástica ou de alumínio.

E é por isso que eles se recolheram aos lugares quietos, de silêncio e meditação, onde vão visitá-los os que se interessam pelo passado. Vão, examinam-no, param diante deles, vão e voltam, transportam-se aos tempos distantes que já se foram e, de repente, uma saudade, uma coisa que eles não sabem bem de onde vem, lhes segreda que a vida hoje é trepidante de mais e que tempos bons eram aqueles em que não se precisava correr para pegar bonde, entrar em filas de ônibus, esperar o sinal para atravessar a rua. Mesmo porque aquelas ricas e douradas carruagens eram poucas e não enchiam as ruas, pertenciam a alguns privilegiados, mas êsses eram poucos... E, por aí a fora, segue o pensamento do visitante, frente àquelas lembranças do passado. Inutilmente, sim, pois o tempo passou. O que foi beleza e requinte outrora, hoje é apenas peça de museu.

Mas continuaremos sempre a olhar os museus e sempre olharemos para trás.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depósitos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL. CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS ÍNFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte



Modelo BALLETT-ZEFERINA
A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleabilíssima. Vaqueta marron e havana. De ns. 33 a 48 - Preço: Cr\$ 129,00



Modelo WINDSOR
Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiro, fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilha, havana e marron, solado de borracha. De ns. 36 a 44. Preço de abafar: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, fôrma anatômica, salto de borracha.

Preto e marron. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 165,00



De ns. 36 a 44
Preço: Cr\$ 120,00



Modelo SIDNEY
Um calçado para tôdas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiro e fortíssimo. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 100,00

E VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na

ZEFERINA
"A POPULARÍSSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte

MINHA CONFISSÃO

POR SUZANNE BALITRAND

★

TRADUÇÃO DE RENATO DE ALENCAR



FAZ poucos dias recebi uma carta da qual extraio os seguintes trechos:

"Se eu não estivesse tão sobrecarregada de responsabilidades — oh! minha querida e respeitável amiga, que me creia uma senhora digna e sem mácula! — eu entraria num convento para ali expiar minhas faltas até o fim dos meus dias. Mas eu tenho junto a mim um ser que precisa de meus cuidados permanentes. Assim, procurar a solidão de um claustro para purgar meus pecados seria juntar mais um ato de fraqueza a tantos outros cometidos. Escolhi, pois, como meio de punir minhas fraquezas essa confissão a você que tem confiança em mim e creia na dignidade de minha vida; a você cujo julgamento me será mais sensível do que o de qualquer outra pessoa. E, desta forma, iniciarei o caminho de minha regeneração."

Sempre acreditei que seria capaz de suportar uma existência de sacrifício. Tinha eu não mais de vinte anos. Era muito jovem e estava convencida de que aquela sede de viver, de dedicar-me a alguém tão profundamente sentida em meu ser, jamais se extinguiria e me acompanharia até a morte, como base de minha vida toda ela voltada para meus prazeres pessoais, minha satisfação própria, egoística. E veio daí todo o meu mal...

Quando me decidi a desposar aquele pobre rapaz, apesar de ser esperável ficar presa a interminável cativeiro e em lamentável estado, eu bem sabia a que riscos me expunha.

Também estava certa, convencida de que nenhuma melhora poderia haver em seu estado de saúde, pois, conforme me informaram, a moléstia iria sempre em aumentos, que o mal era sem cura, embora restasse a esperança de que ele não fosse sofrer tudo aquilo por muito tempo.

Esse meu triste companheiro não vivia às minhas custas, pois que possuía bens de família suficientes para lhe darem o indispensável conforto, custear suas despesas pessoais e, além de tudo isso, era eu ainda beneficiada com uma remuneração de sua parte, o que muito servia para tapar os buracos de meu orçamento.

Sucedeu que, por indicação de amigos meus e de meu espôso, fui apresentada ao sr. Antoine, um industrial muito conhecido

e que dizia estar à procura de uma pessoa para desempenhar o cargo de secretária particular.

De nossa conversa nasceu a confiança que ele em mim depositou, vendo em mim a candidata perfeita para desempenhar aquele serviço de alta responsabilidade.

A ocasião me era muito útil, pois que eu estivera antes bastante doente e precisava refazer-me no trabalho e aumentar meus vencimentos.

Para o sr. Antoine também fôra agradável e providencial minha presença, pois, conforme ele declarara, de há muito vinha procurando uma secretária, mas em vão.

Durante o primeiro ano de nossa colaboração — pois nada mais era do que verdadeira colaboração que havia entre mim e ele, tudo se desenrolava na maior simplicidade deste mundo. O sr. Antoine me testemunhava a maior confiança, o que eu procurava corresponder-lhe com o maior devotamento, dedicando-me com fervor ao serviço.

Certo era que desse contacto profissional teria que resultar uma estima recíproca. Creio mesmo que, pouco a pouco, havia surgido entre esse patrão ainda jovem — uns quarenta anos, mais ou menos — inteligente, dinâmico, e sua jovem secretária uma afeição pessoal que cada dia mais se robustecia.

Entretanto, o mais severo dos juizes, o mais perspicaz dos observadores não seria capaz de descobrir qualquer novidade a nosso respeito, porquanto nunca dávamos a menor demonstração; mas, em verdade, entre mim e ele começava a surgir uma amizade que não era apenas a produzida pela constante aproximação do serviço no escritório.

Um dia sua espôsa se ausentou e foi realizar uma longa viagem. Notei que meu chefe estava intimamente satisfeito com essa ausência da mulher, e se mostrava radiante com a possibilidade de mergulhar, cada vez mais, na esperança de ter-me ao seu lado.

O sr. Antoine também sabia que, àquele mesmo tempo, o meu espôso havia deixado a cidade, indo respirar os ares da terra natal, em Touraine. Passou então a convidar-me para almoçar com ele. Notei, desde logo, que passara a tratar-me com uma certa intimidade, embora não lhe desse eu nenhum motivo para isso. Entretanto, não me mostrei contrariada e, intimamente, não desgostei da novidade.

Nos meus instantes de meditação, achei que essa pequena aventura vinha distrair-me um pouco na solidão de minha alma tão triste e a viver uma existência tão monótona. Esse amor nascente me parecia providencial. Até então não sentia eu por meu chefe nenhum impulso propriamente amoroso. Apreciava-o como homem de negócios, muito hábil, inteligente, ativo; entretanto, já podia experimentar agora que aquele velho sentimento se misturava a uma impressão mais terna...

Embora sob essa impressão agradável, não cheguei a lutar contra ela, pois estava

certa de que isso em nada viria tirar de meu espôso o direito absoluto ao meu amor. Mas era evidente que eu não me podia considerar uma espôsa feliz com ele, antes vivendo como uma condenada...

Desta forma, que devia fazer? Não havia nada de mais grave se eu e o sr. Antoine alimentássemos uma afeição um tanto menos cerimoniosa. Eu era muito jovem e precisava viver.

Entretanto, sentia dentro de mim que não estava agindo corretamente. Aquêles pensamentos poderiam ser tudo, menos uma coisa honesta. Para acalmar-me, eu sabia que não estava correndo nenhum risco, e que tudo até então não passava de amizade fraternal, simples, sem maiores consequências.

Por sua vez o meu chefe não cometia a menor falta, a mais leve indiscrição que demonstrasse segundas intenções, uma palavra que denunciasse interesses ocultos ou que me deixasse perceber que ele tentava perverter-me. Tudo parecia baseado em gentil afeição, a mais pura das amizades.

Continuava eu, pois, absolutamente tranquila, mesmo quando tinha oportunidade de estar ao seu lado e prestava atenção ao seu belo perfil de homem elegante, delicado. Mas não me fazia a corte, e isso me mostrava que eu não estava a correr nenhum risco...

Estas conjecturas eu as fazia quando estava a sós em minha casa e me sentia senhora de mim mesma.

Certo dia, acabava eu de examinar o conteúdo de toda a correspondência re-

cém-chegada ao escritório, quando ele se volta para mim e diz:

— Amanhã estarei ausente daqui, pois vou tratar de um assunto importante com um dos nossos clientes, fora da cidade. Mas, como deverei gastar nisso o dia inteiro, muito gostaria de levá-la comigo, pois me será muito útil para a realização daquele negócio. Partiremos amanhã, pela manhã, muito cedinho. Almoçaremos em viagem, de maneira que possamos dispor de toda a tarde para trabalhar... Que pensa você disso?

— Bem... eu... estou às suas ordens...

— Penso que isso não vai alterar seus hábitos e forçá-la a contrariar-se por ter de almoçar fora, ou voltar para casa um pouco tarde, pois que você está sozinha, por enquanto... Bem. Estamos combinados, não é verdade?

Confesso que a perspectiva desse passeio me encheu de alegria. Desde muito cedo já estava eu pronta para partir e com tudo em ordem na minha pasta, deixando as coisas bem dispostas no meu "bureau" lá no escritório.

A um relance de olhos, descobri o sr. Antoine no carro todo envolvido num capote, só tendo de fora o nariz.

— Alguma coisa de mal com o senhor? — perguntei eu meio intrigada com aquele modo de receber-me.

— Não! Não! Não há nada de mais. Tudo bem. Pode subir.

E partimos.

Depois de agradável parada para almoçar, tivemos uma tarde muito atarefada, a ponto de ter-me dito meu chefe que te-

(Continua na pág. 48)



AQUELE VENTRILOQUISTA
NÃO DECEPIONAR SEUS

ESTOU

MAS NÃO FAZ MAL

UMA COISA PATRÃO SE

Nº 9

A MULHER SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

PUXA! O PATRÃO SE ASSUSTOU COM O SEU ATO!

MAS NÃO FAZ MAL, VAI CONTRATÁ-LA.

ESTOU ACOSTUMADA.

AQUELE VENTRILOQUISTA PARECE ADORAR SEUS BONECOS.

E É VERDADE

DISFARÇADA DE MÁGICA, SCARLET INVESTIGA OS MEMBROS DA TROUPE

A CENA DÊLE COM O BONECO É MUITO BOA. CHAMA-O DE FILHO.

NÃO DIGA!

MR. EQUIVICO, COMO É QUE FAZ O BONECO FINGIR FALAR?

ELE FALA!

LATER-

NÃO SOU BONECO. MEU NOME É HORTENSIA

É O OUTRO BONECO? GOSTARIA DE VÊ-LO...

NÃO ESTÁ AQUI AGORA.

VENTRILOQUISTAS GUARDAM SEUS BONECOS EM CAIXAS. AQUI ESTÁ!

SCARLETE INVESTIGA O QUARTO DO VENTRILOQUISTA

ESCONDER-ME-EI ATRÁS DA CORTINA E IMITAREI VOZ DE CRIANÇA.

POR QUE SE METEM EM MINHA VIDA? "GOSTARIA DE VER O BONECO" BAH!

SLAM!

QUANDO TRABALHO OUTRA VEZ, PAPAI?

MUNDO MANGA & MULA MURCHA



PÁGINA DE AGITA-
ÇÕES ATÔNITAS.
ARTE. MANHA.
DIVERSÕES.
★
BONECOS DE
RAFAEL
DIREÇÃO DO CON-
DE DE SALAMA-
LEQUES.

ARTIGO SEMANA: DR. HONÓRIO CASA C.S. SALAMALEQUES

Sempre fui inimigo dos estrangeirismos. Desde o dia em que tive a grande ventura de vir à luz do dia, que por sinal era de noite, pois que minha mãe (que deve estar na Santa Glória) não achou conveniente que eu viesse ao mundo como qualquer pessoa da plebe, des- de aquele glorioso e inesqueci-



vel dia, repito, mostrei-me ini-
migo dos termos peregrinos.
Para os que não souberem
o que quer dizer **termo peregrino** e não possuem dicioná-
rios dos bons, isto é, empres-
tados, explico que isso quer di-
zer: palavras que o estrangeiro
audaz nos envia sem pedir li-
cença nem pagar direitos na
alfândega. Contrabando. Legí-
timo contrabando linguarudo.
Por esse motivo, no mesmo
dia em que nasci, não chorei
como qualquer um, e sim bra-
sileiramente, pedindo um em-
préstimo para minha mãe e
para a parteira que, coitada,
até hoje não recebeu os seus
honorários.
Diante de certas notícias da
imprensa local e de Niterói que
nos informavam estar sendo
conferido a brasileiros nos Es-
tados Unidos da América da

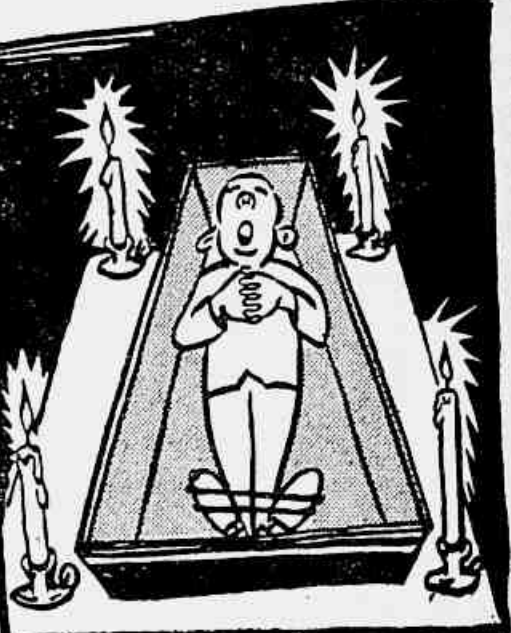
SUCIAIS



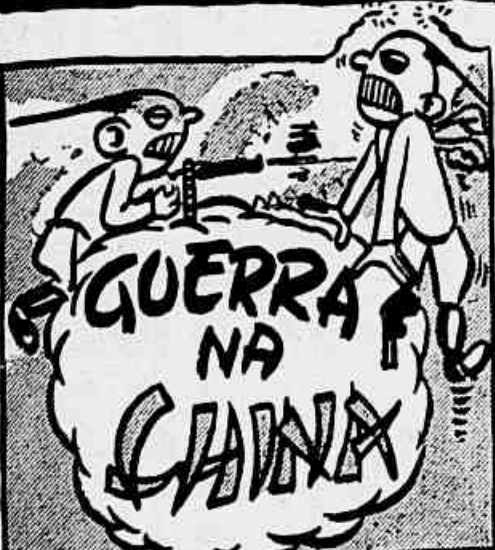
— Bolas, agora temos que ir a pé para casa.
— Então, leve-me no colo, que-
rido. Estou cansada

Casamento — Julieta Brado e Jorge Malasson, elementos de grande destaque em nossa sociedade civil e registrada, acabam de contrair núpcias, apesar das dificuldades que enfrenta- ram Felicidades ao novo par Malasson-Brado.

Operação — Guarda o leito de um hospital ai pelos subúr- bios o prestimoso garraleiro Si- mão Dital, que, depois de levar uma vida acidentada, teve a idéia funesta de ir a um banco para fazer uma operação. Prevenido de que isso era uma temeridade, ele teimou e o banco quebrou-se. Simão de tal não sabia.



Morto — Está morto e bem morto aquele sujeito antipático que vivia aqui pelas esquinas a montar guarda ao nosso Diretor, com a idéia funesta de cobrar-lhe uma dívida já perdida. E' com prazer que demos graças a Deus o haver chamado ao Seu seio, de onde poderá ver que a Terra gira em torno do seu eixo em 24 horas e seis minutos e quatro segundos. E isso vale muito mais do que uma infeliz dívida inco- brável



(Pelo Cabo-Loso) — O general Chu-Pou-Sang entrou em Lenga-Lenga e travou batalha com o general Pang-Ping-Pong, não se podendo antever a sorte da luta.

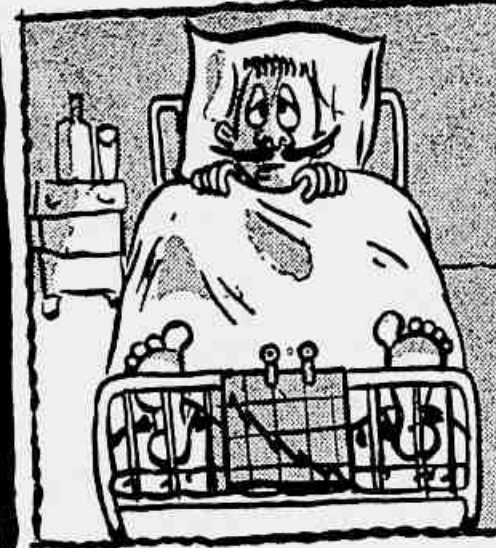


«Doutor Honório Casa». Além de ser uma expressão compre- ensível, tanto serve para mos- trar que uma pessoa fez algu- ma coisa, como também mostra que, mesmo com a dificuldade de prédios nesta cidade e no Brasil, ainda há quem veja uma casa mesmo de brincadeira. Além disso, precisamos agir ur- gentemente para evitar que au- mente o número de Doutores

«Doutor Honório Casa». Além de ser uma expressão compre- ensível, tanto serve para mos- trar que uma pessoa fez algu- ma coisa, como também mostra que, mesmo com a dificuldade de prédios nesta cidade e no Brasil, ainda há quem veja uma casa mesmo de brincadeira. Além disso, precisamos agir ur- gentemente para evitar que au- mente o número de Doutores



com Causa ou sem ela, uma vez que já estamos abarro- tados dessas honrarias e desses diplomados. Roga- mos, com lágrimas nos olhos,

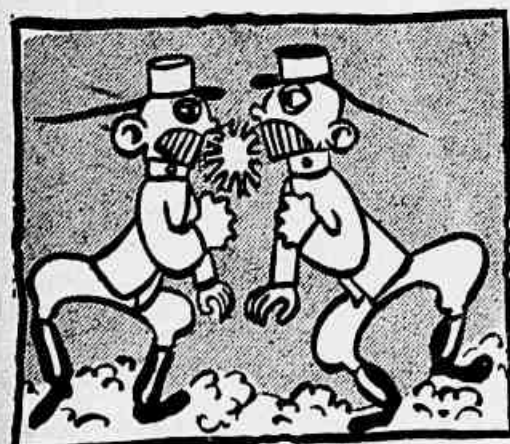


Srs. Leitores daquém e além Pa- raíba:
Estou verdadeiramente Indignado. Iludido na minha boa fé, abri as por- tas de meu consultório a um cidadão, para tomar-lhe alguns cruzeiros pela consulta astrológica de que precisava, e eis que o esperto retira da parede uma fotografia ainda dos tempos em que eu fazia ponto na praça Tira- dentes, inspirando-me na austeridade da estátua do Príncipe Equestre a cavalo.
E não é que o tratante mandou pu- blicar essa fotografia sem prévia con- sulta? Isto aqui não é nenhum Jar- dim da Glória, onde qualquer um faz o que bem entende.

CONSULTÓRIO DE GRAÇA PARA POBRES DE ESPÍRITO



O retrato que me foi arditosamente furtado não é exatamente a reprodução de meu belo semblante atual. Não uso apenas aquele passa-piolho herdado de meus bisavós paternos, maternos e neu- tros. Também uso hoje uma elegante barbilha "ad instar" da de Cavaignac, e que não retirarei enquanto Washington não der a última palavra.
E por hoje chega, porque minha indig- nação me perturbou o espírito e meus guias não descem nem sobem de uma vez. A corrente não se faz e eu lecho a porta e vou falar da vida alheia com o barbeiro da esquina, único ser neste mundo que mete a tesoura na gente e ainda lhe pagamos, com um sorriso co- varde.



(Pelo Cabo Frio) — As forças do general Chu-Chu cercaram as do general Kai-Kai, que nada no Sai-Sai.



Urgente (Pelo Cabo de Vassou- ra) — Daqui onde estamos ouvi- mos perfeitamente o troar da ar- tilharia em WuPu-Pong, Pou-Pei- Tong, Bung-Gong-Mung, Pim- Pam-Pum-Pu-Pu-Pu-Tung.

— Que acha você dos jogos de futebol?
— São como as mulheres.
— ???
— Não têm lógica.



que os Estados Unidos da América do Dólar fiquem com os Doutores e nos man- dem a gaita. Gaaaaaitaaa!...

Conde de Salamaleques



ALÔ, PESSOAL! CAI ESTOU NOVAMEN- TE, MAS ISSO NÃO É PINI- MA.

Barão do Buteco



Coche de gala da Casa Imperial durante o reinado de D. Pedro II. Era de uso da Imperatriz. Está, hoje, no Museu Histórico Nacional

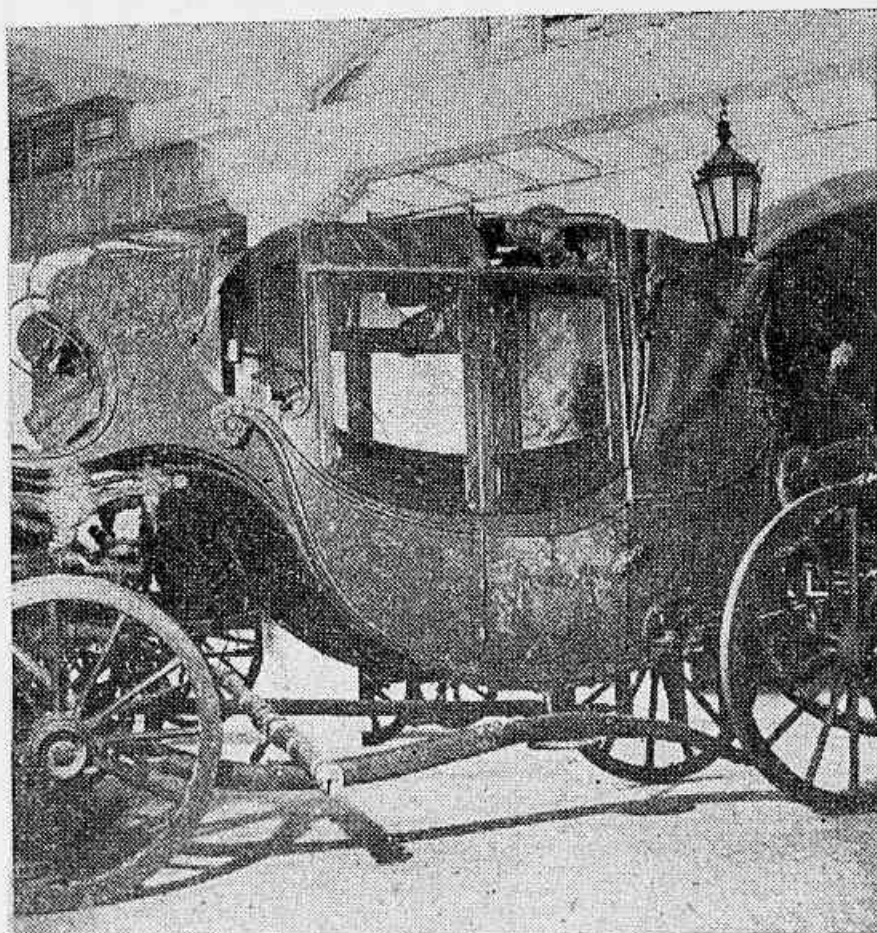
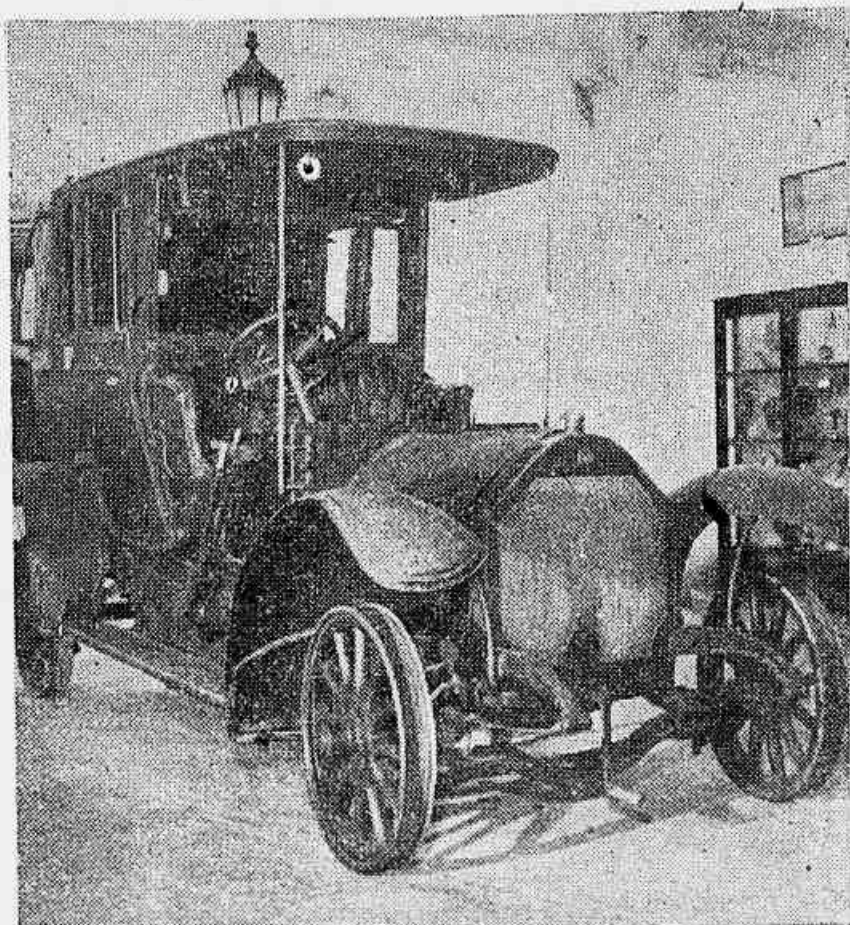
"FIDELIDADE E FIRMEZA DE AMOR"

VISITAR museus às vezes nos leva por outros caminhos. É o que sucede com o repórter, agora lendo literatura especializada em que muito se fala de carruagens, caleças, meias-caleças, coupés, vis-à-vis, vitórias, landâus, seges, tîlburis, traquitanas e nem sei que mais coisas em que se transportavam nossos antepassados de um século e menos do que isso atrás. É verdade que pode parecer fora de tempo falar dessas coisas, quando temos pela frente a perspectiva de veículos, não movidos à gasolina, a óleo Diesel ou mesmo a eletricidade, mas pura e simplesmente a energia atômica. É que as coisas realmente não são tão simples como se nos apresentam à primeira vista. Aquelas mudas

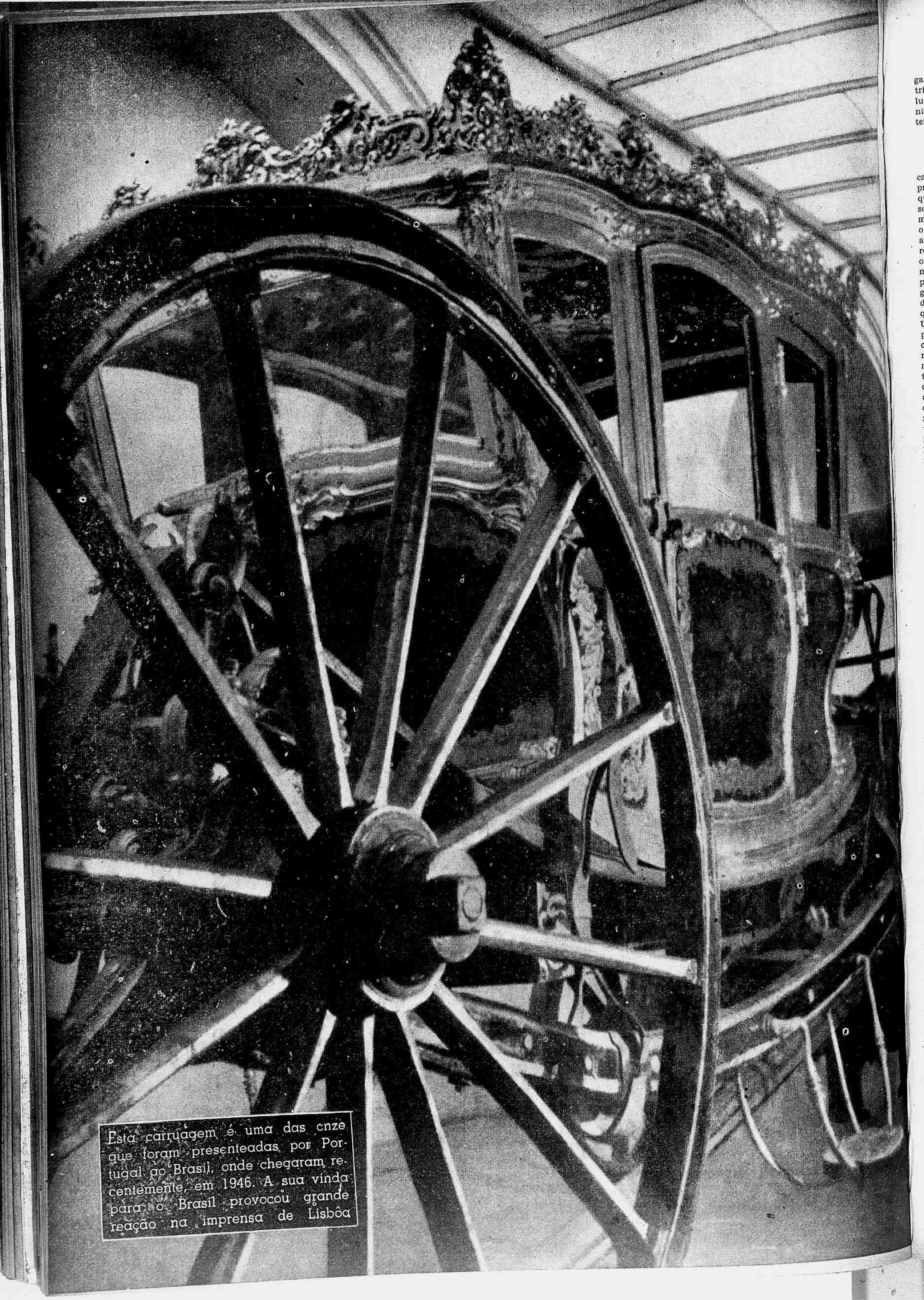
Origem e apogeu das carruagens ★ Os coches que serviram aos imperadores do Brasil ★ Um presente régio que nos veio de Portugal ★ A presença do passado no Museu Histórico Nacional ★ Quando velhas coisas se animam

Reportagem de MILTON PEDROSA
Fotos de ARNALDO VIEIRA

carruagens, imóveis, como animais cansados à espera da morte, têm sua história. Nem sempre foram assim, silenciosas e inanimadas, a avançar pelo tempo, ano após ano, sem outra perspectiva senão o fim de todos os fins. Outrora, moveram-se, sob o sol ou sob a chuva, puxados por animais fogosos, conduzindo seres que falavam, que gesticulavam, que discutiam, que gritavam, lutavam e viviam. Se falassem, poderiam contar histórias de amor vividas pelas donzelas de outras épocas, romances que se dissolveram no tempo, ou então repetir velhas queixas e cenas de ciúme, quando não sórdidas intrigas políticas, mexericos, planos frustrados, ou mesmo mudas e ignoradas tragédias. Ou poderiam repetir sonoras



Da esquerda para a direita: Esse automóvel marca "Protos", foi adquirido para servir durante a visita de D. Carlos ao Brasil. O rei, porém, foi assassinado, não houve a visita e depois o carro serviu ao Barão de Rio Branco. Em sua época, era a última palavra em elegância de linhas e constituía um marco do progresso da indústria automobilística. Encontra-se no Museu Histórico Nacional. ★ Coche do serviço diário de D. Pedro II e que transportou, pela última vez, os membros da Família Imperial de 1889. ★ Esta caleça é também histórica. Serviu ao General Osório, durante a guerra do Paraguai, quando o grande cabo de guerra encontrava-se ferido numa perna



Esta carruagem é uma das onze
que foram presenteadas por Por-
tugal ao Brasil, onde chegaram re-
centemente, em 1946. A sua vinda
para o Brasil provocou grande
reação na imprensa de Lisboa

gargalhadas, tímidos sorrisos, críspações, ódios, inveja, triunfo ou desprezo, toda a vida ali palpitou sobre veludos, entre o ouro e a prata de seus enfeites, as guardanichões de bronze e sob o tímido alumiar de suas lanternas de cristal.

ORIGEM E APOGEU DAS CARRUAGENS

Sim, por que esse tem sido o destino de todos os coches, caleças, landáus, vitórias ou traquitanas, desde que o primeiro deles apareceu. Foi por volta do ano de 1400 que as ruas da então cidade de Koteze, na Hungria, sentiram, pela primeira vez, passar sobre o seu calçamento, um carro que "não assentava diretamente sobre o eixo das rodas, mas ficava suspenso sobre molas que amorteciam os solavancos e a trepidação". Eis aí uma revelação para os que pensam constituir coisa nova os cuidados com o conforto moderno dos ultra-modernos modelos americanos ou europeus de após-guerra. Foi, pois, do nome daquela localidade húngara, que se originou o nome "coche". Pela primeira vez, num livro de contabilidade de um cardeal de nome Hipólito d'Este, que apareceu uma referência à "carreta húngaresca". Um invento desse gênero não demoraria a passar de um país a outro. E foi o que aconteceu e, assim, o uso da carruagem veio ter a Portugal, provocando verdadeira revolução, pois que as ruas precisavam ser mais largas, menos esburacadas, melhorado o seu calçamento e satisfeitas outras exigências dos tempos novos. Aí por 1592, o uso do coche já era coisa comum entre os particulares, que enchiam com eles as ruas de Lisboa e, em 1610, já os havia até de aluguel, com preço tabelado, pois que nem mesmo as comissões de preços são coisa nova, e também velho é o tabelamento de gêneros e serviços, inclusive o transporte, como se vê. Já que tantas coisas herdamos da Corte portuguesa, vale a pena saber que nessa questão de carruagem, Portugal também brilhou, no passado. A entrada do Conde de Ribeira em Paris, em 1715, como embaixador extraordinário de D. João V, junto a Luiz XIV, após a paz de Utrecht, marcou época, foi uma coisa de espantar, passou à história. O cortejo compunha-se de cinco coches de gala, em que havia fôrro de veludo, bordados de ouro, figuras alegóricas, belas pinturas, cavalos holandeses, cavalos ruços de raça alemã, cavalos alazões tostados de raça dinamarquesa, cavalos negros da Frísia, cavalos polacos, brancos com malhas negras, e nem sei quê mais. O cortejo levou cinco horas para percorrer seis quilômetros da capital parisiense e, diz um cronista, usando grifo, que "era a primeira vez que em Paris se viu um coche prateado e por isso este causou sensação".

"FIDELIDADE E FIRMEZA DE AMOR"

A carruagem não era, pois, uma coisa morta. Sob o ponto de vista artístico, era, na verdade, bem mais cuidada do que os luxuosos e confortáveis carros de hoje. Isso é fácil de se ver pelas descrições ou mesmo pelo exame "in loco", de suas decorações. Vejamos o que diz, por exemplo, Francisco Pedro do Amaral, pintor chefe e diretor das decorações da Casa Imperial do Primeiro Reinado, sobre uma carruagem imperial que reformou. "Nos painéis do lado direito e esquerdo — diz ele — vê-se, no cento, uma estátua de branco, a qual representa o Gênio do Brasil, sustentando na cabeça a cifra de Pedro I, circulando-a uma capela de flores. Na frente da estátua do Gênio pousa uma pira em chamas, e, à roda deste altar da Pátria, estão as 19 províncias do Império do Brasil, ligadas umas com as outras por grinaldas de flores". E, adiante, informa sobre outro detalhe: "O painel do reverso do coche tem no centro duas figuras alegóricas, Fidelidade e Firmeza de Amor. A Fidelidade tem na mão direita uma chave de ouro, símbolo do Segredo, e com a esquerda segura, por uma fita, o Cão, símbolo da Amizade. A firmeza de Amor segura com a direita duas âncoras ligadas, alusivas à Firmeza, e na esquerda um Coração humano, com uma fita pendente, na qual se lê Mens est firmissima. Todas essas alegorias são sustentadas sobre núvens, e todos os painéis são guarnecidos de arabescos coloridos, e de grinaldas de flores; o fundo de toda a pintura é em ouro".

Trata-se de um coche imperial, pois esse é o coche de S. M. o Imperador, restaurado por ocasião do casamento de D. Pedro I, com D. Amélia de Leuchtemberg. Mas também os das princesas, de ministros de Estado, particulares ou não, tais carruagens tinham os seus enfeites, conforme as posses, a vaidade, a representação social do seu respectivo dono.

Encontro entre elas, essa que serviu no cortejo da entrada simbólica do Imperador na cidade, em 1841 e que "era gosto moderno, dotada de jôgo verde com dourados; caixa verde com seis postigos de cristal, forrada de seda branca, com galões da mesma cor, etc." e nela, no dia da Sagração e Coroação de D. Pedro II, iam o porteiro da Imperial Câmara, o esmoler-mór, o Guarda-roupa e o Médico da Semana.

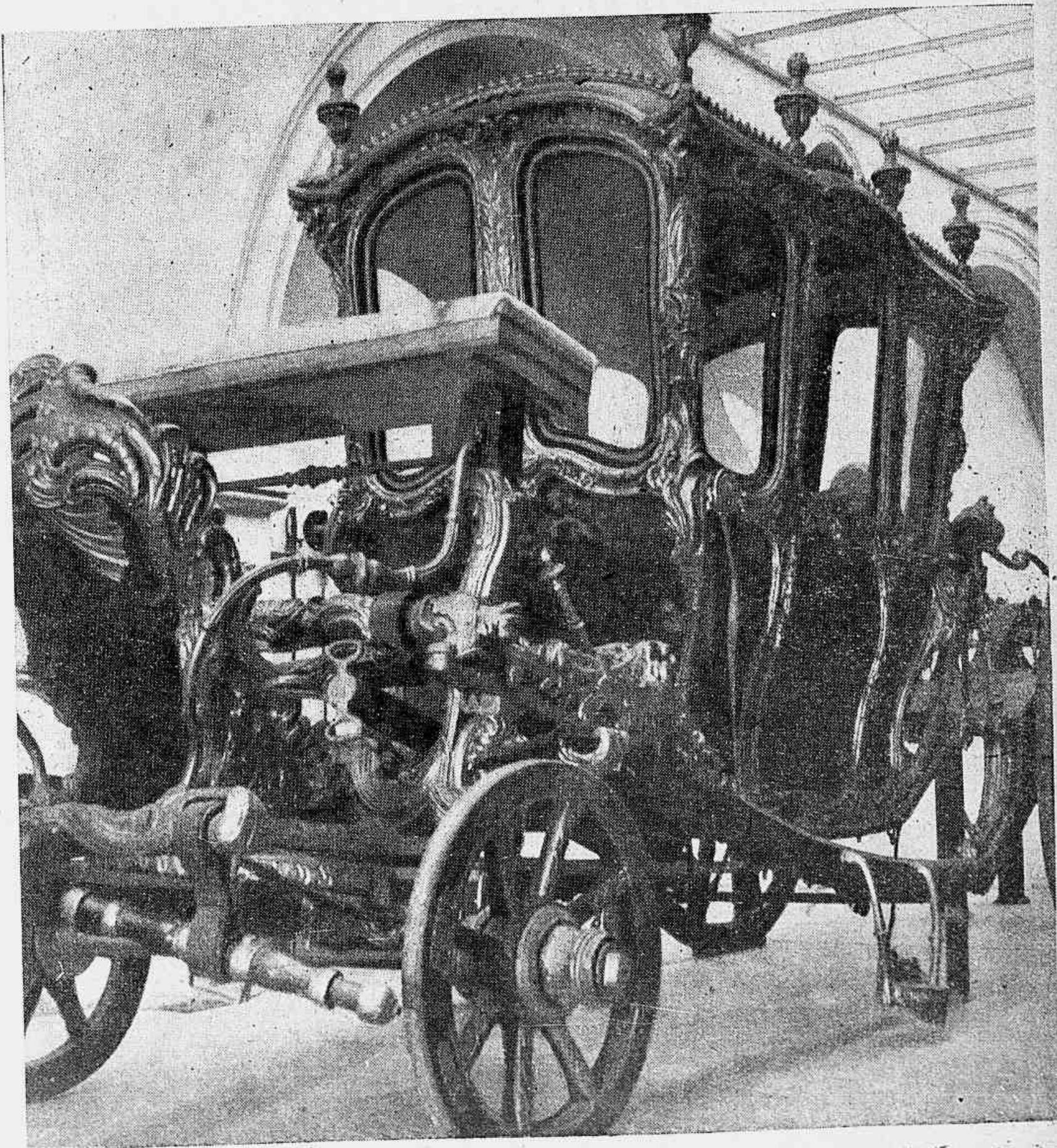
Assim era naqueles tempos, pois que o coche é por si mesmo um sinal dos tempos. Dos tempos que lá vão, é verdade.

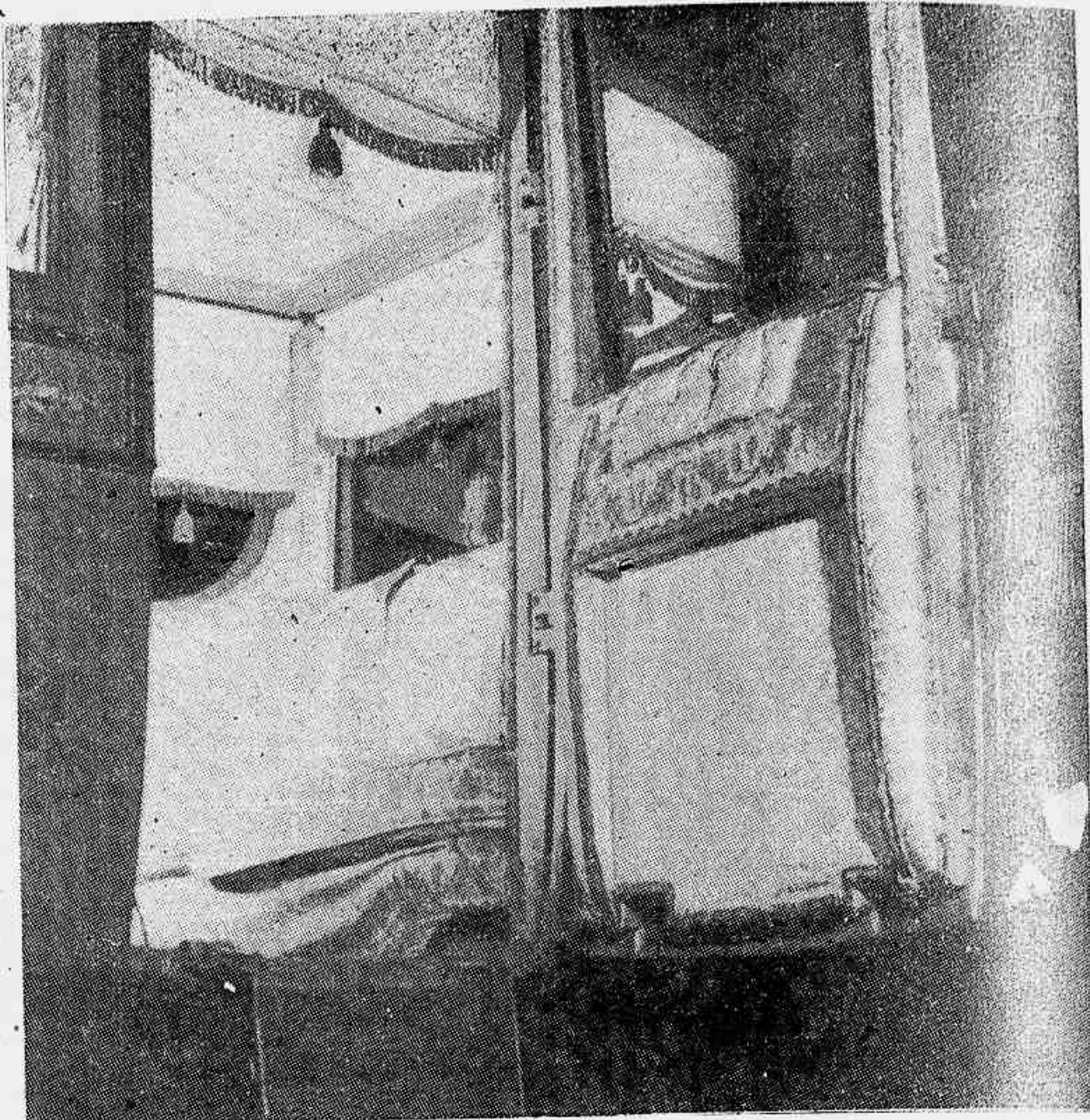
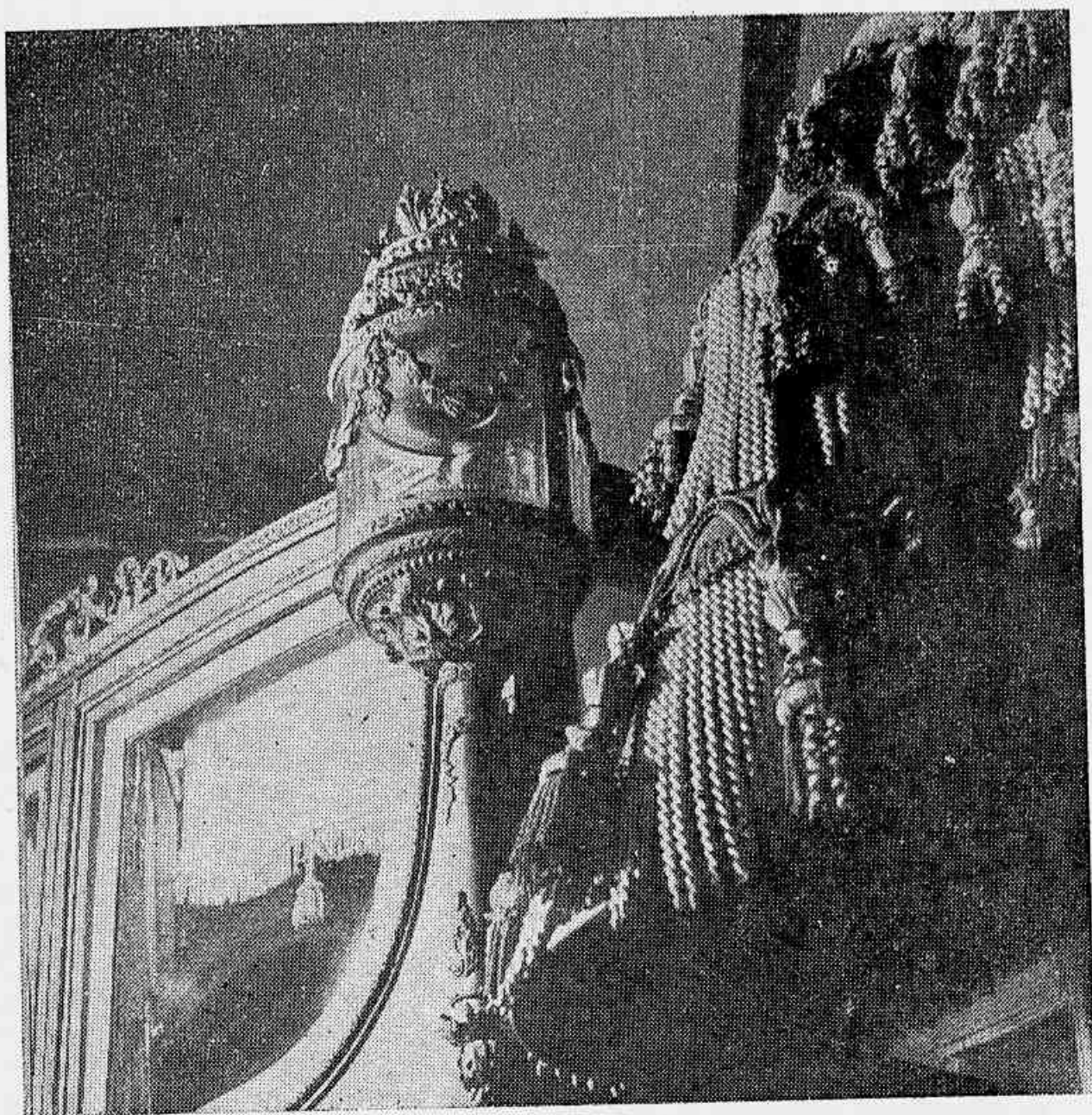
MERGULHO NO PASSADO

São carruagens dessa linhagem, compreendendo caleças, meia-caleças, seges e outras, que constituem uma galeria inteira no Museu Histórico Nacional. São agora velhos trastes, mas é assim na sua velhice que elas contam a história do passado. Sobe a cerca de duas dezenas o seu número. A vista passeia sobre rodas, guir-



Ao alto: Coche de gala da Casa Imperial durante o reinado de d. Pedro II. Era de uso do Imperador. Encontra-se no Museu Histórico Nacional. Em baixo: Outra carruagem das 11 presenteadas por Portugal. Como as demais, encontra-se no Museu Histórico Nacional





A esquerda: Aspecto de um dos 'carros imperiais, hoje no Museu Histórico Nacional. Almofadas forradas de sêda e veludo, cortinas, bambinelas, etc. A direita: Detalhe de um dos belíssimos coches imperiais, hoje no Museu Histórico Nacional

landas, estofados, cristais, dourados, bronze e prata e é como se olhássemos um cemitério. A matéria é fria e fria continuará, se não dermos larga à imaginação, se não nos socorremos da lembrança ou da leitura. Quando isso acontece, tudo que é morto volta a reanimar-se. E' por isso que vemos os visitantes quedarem-se no mesmo lugar, durante minutos e mais minutos. E' que na certa fazem eles êsse exercício.

Muitas das amostras que ali se encontram constituem restos da vida imperial no Brasil. Outras aí foram ter em 1946. São coches do século XVII e do começo do século XIX, em número de 11, dos quais dois serviram a D. João VI e à segunda esposa do imperador D. Pedro I. A oferta deu motivo a uma séria campanha dos jornais de Lisboa, pois se tratava realmente de preciosidades que enriquecem qualquer coleção.

Se penetrarmos a fundo os segredos dêsses carros,

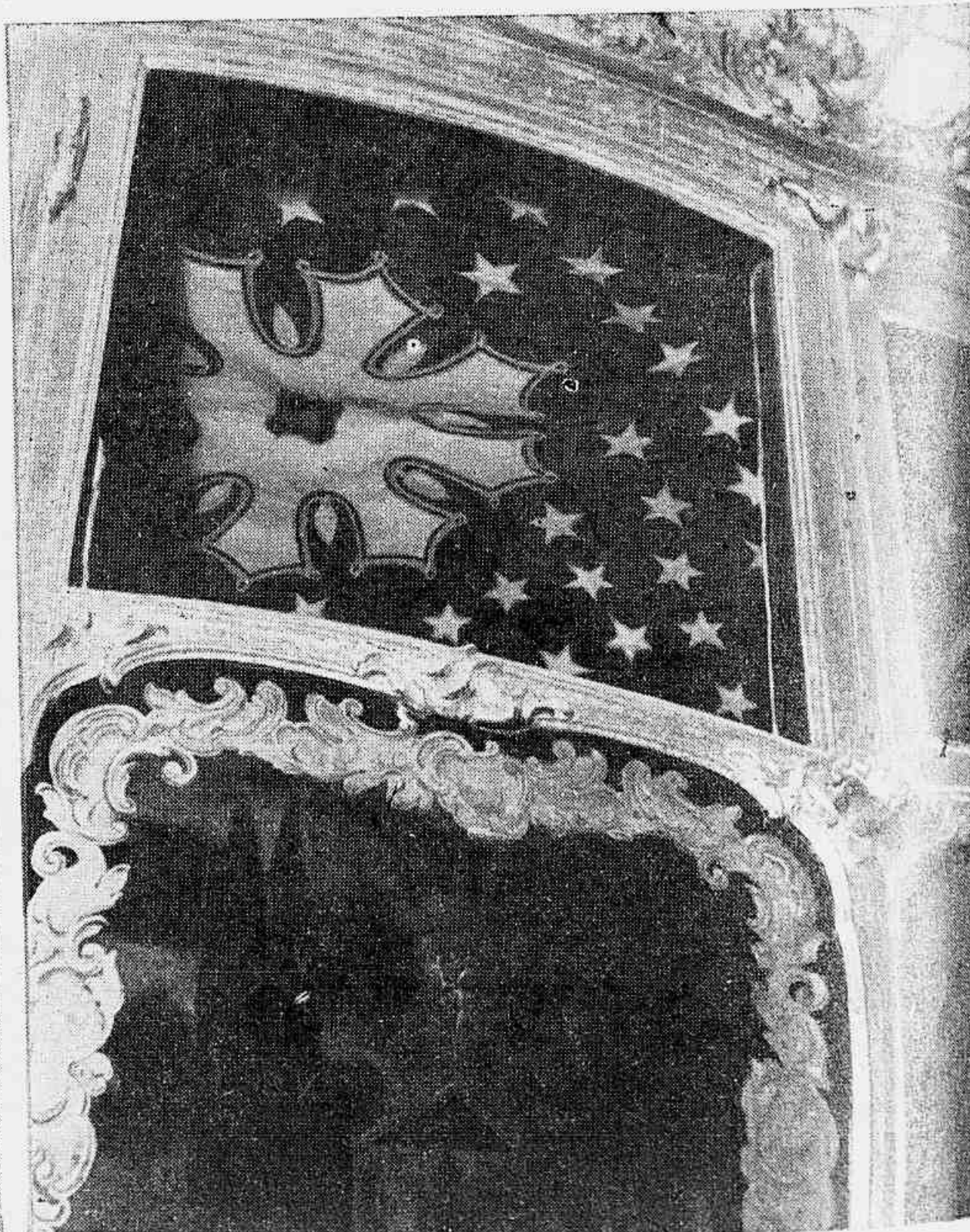
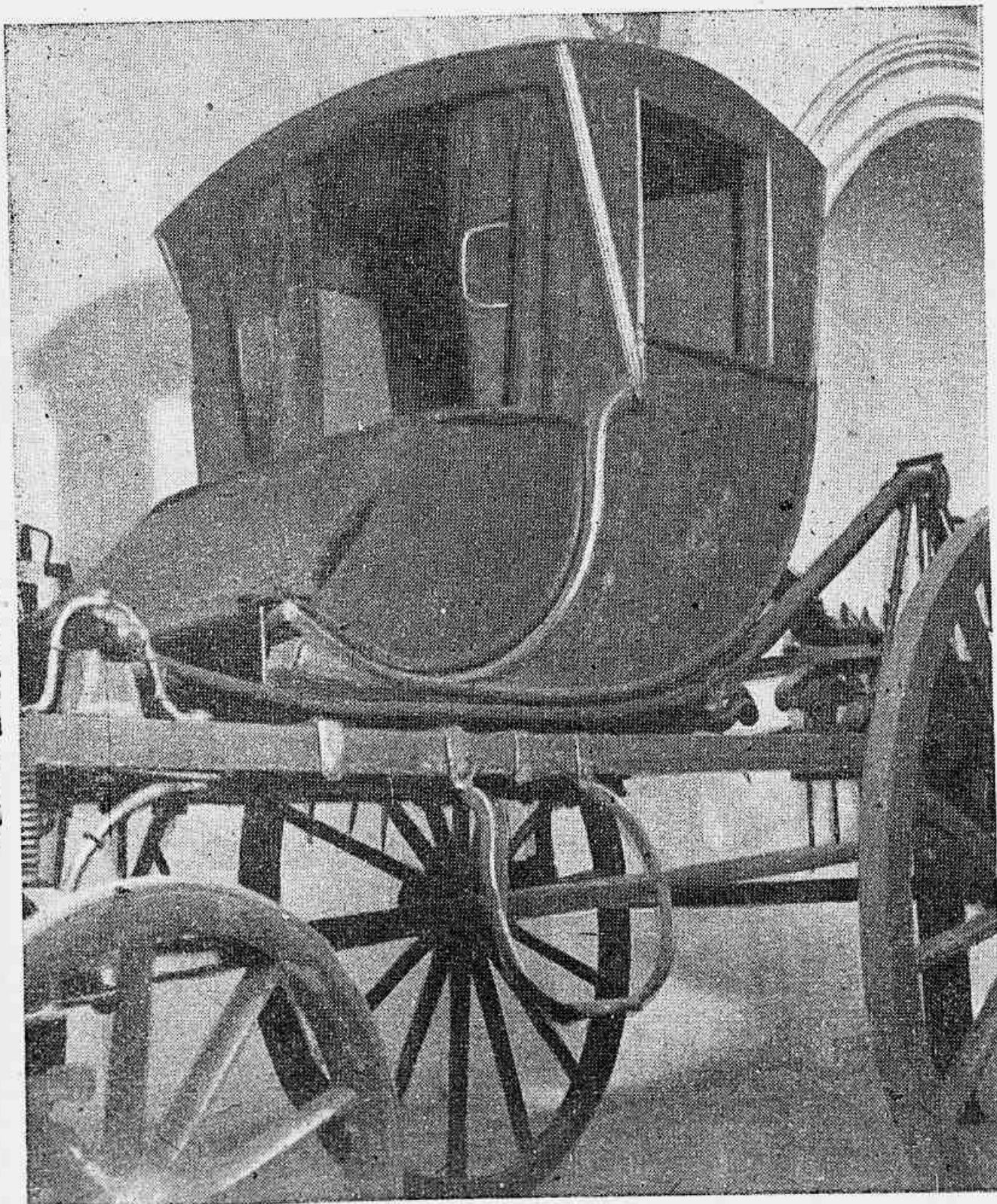
vamos encontrar em cada um deles, uma história, uma vida, como a de um ser humano. Há ali a carruagem do serviço diário de D. Pedro II, aquela em que êle se transportava da Quinta para a cidade. Outras pertenceram ao Imperador ou à Imperatriz. Aquela outra, que, na realidade, não passa de uns pobres restos, um par de rodas e alguns pedaços de madeira, já foi um belo carro, puxado por possantes cavalos, pois pertenceu a D. João VI. Tem uma história, a sua história, serviu na coroação e, após, ao serviço de D. Pedro I. Era um coche de gala. Mas se desejarmos um que tenha prestado serviço na guerra, ali está o carro do general Osório. Trata-se propriamente de uma caleça. Serviu àquele cabo de guerra, durante a campanha do Paraguai, quando êle se encontrava ferido numa perna e não podia se locomover a pé. Nada tem de luxuosa. E' simples, sólida e devia dar tremendos solavancos, mas

serviu a um homem que andava em guerra e isso não tinha muita importância. Pelo menos, não constituía tal fato um detalhe capaz de alterar o desenrolar da campanha.

AH! AQUELES TEMPOS...

Entre as carruagens ali expostas, algo de coisa fora do lugar, é aquele carro, coisa do tempo do aparecimento do automóvel. Parece animal descarnado, em que avulta a manivela, a direção e uma grande e feia capota. Sim, é assim que o vemos agora, mas sabemos que em seu tempo êle foi bonito, pois que êle também já teve o seu tempo. Trata-se de um automóvel marca "Protos". A sua história difere um tanto das de outras

(Continua na pág. 51)



A esquerda: Um cabriolet, uma das onze carruagens históricas, presenteadas por Portugal ao Brasil. Vale hoje dez vêzes mais o seu custo. A direita: Parte do fôrro superior de uma carruagem presenteadada por Portugal ao Brasil

UM MUNDO DE TAPETES

PERSAS
INDIANOS
PORTUGUÊSES
FRANCÊSES
INGLÊSES
NACIONAIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

65 • RUA DA CARIOCA • 67

A moda varia...



...mas
a preferência pelos
cigarros Continental
permanece



Há mais de 15 anos Continental
é o cigarro de qualidade mais
vendido em todo o Brasil

Sim — o colarinho duro e muitas outras coisas já saíram de moda... mas a popularidade absoluta dos cigarros Continental permanece inalterada. Os cigarros Continental sempre se mantiveram **uniformes**

em qualidade e paladar. Hoje, melhores do que nunca, os cigarros Continental crescem na preferência do público — e, hoje como ontem, Continental é o cigarro de qualidade mais vendido no Brasil.

Cigarros

Continental

- uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**



Lisos ou com pontas